

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Ana Carolina Costa de Carvalho

**Época de Mudança:
Retrato do Jornalismo Português Actual**

Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel Mendes

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE,
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Ana Carolina Costa de Carvalho

Época de Mudança: Retrato do Jornalismo Português Actual

Resumo

O relatório de estágio afigura-se como um exercício de documentação e reflexão sobre uma experiência, frequentemente a primeira experiência laboral. A reflexão deste acontecimento não pode ser separada do contexto temporal e espacial: é determinada pelo órgão que acolhe, a conjuntura socioeconómica da época e da profissão. As grandes fontes de conhecimento são os colegas mais velhos e os orientadores, que resolvem dúvidas e descortinam o que está para além dos olhos dos iniciados.

O jornalismo vive uma crise económica admitida mas também uma crise de valores. A contextualização de um periódico de referência no panorama jornalístico impresso em Portugal, obriga a admitir uma mudança de valores editoriais e uma revolução na imagem, para acompanhar um mercado em evolução.

Este pretende ser um exercício de crescimento com a experiência e após esta; guiada por autores inseridos no mesmo contexto, que pensam os problemas correntes da profissão e ensinam a reflectir a cada passo, nesta função que é de responsabilidade moral para com os colegas e para com o público em geral.

Time of Change: Portrait of the Current Portuguese Journalism

Abstract

An internship report is an exercise in documenting and reflecting on an experience, frequently the first work experience. The reflection on this occurrence cannot be separated from its space and time structure: it is determined by the receiving agent, and the time and profession's socioeconomical surroundings. The more experienced co-workers and orientators become the great sources of knowledge, which answer doubts and reveal what is beyond what the interns can grasp.

Journalism is living an admitted economical crisis but also a values crisis. The contextualization of a regarded newspaper in the press journalism in Portugal helps to understand the inevitability to change editorial values and revolutionize the graphic image, to keep up with an ever evolving market.

This work intends to be a development exercise based on experience and what follows; guided by authors inserted in the same context, thinking the profession's current issues and teaching to reflect on each step; in this business which is of moral responsibility towards colleagues and, most importantly, the public in general.

Índice

Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Índice.....	V
Índice de Anexos.....	VI
Nota Introdutória.....	8
“Diário de Notícias”.....	9
Caracterização.....	9
A mudança.....	10
A divisão em duas redacções.....	10
Época de mudança.....	12
Diário de Notícias – o diário de Portugal.....	19
Como se cria um bom jornalista.....	21
Como se cria um bom jornalista – continuação.....	28
A questão da assinatura.....	35
A crise que vivemos.....	36
Internet.....	37
Jornais gratuitos.....	38
Falta de confiança dos leitores.....	39
As agências noticiosas.....	41
Como será o futuro da comunicação?.....	42
Conclusões.....	44
Bibliografia.....	45
Livros.....	45
Internet.....	45
Anexos.....	47

Índice de Anexos

Anexo 1.....	48
Anexo 2.....	49
Anexo 3.....	50
Anexo 4.....	51
Anexo 5.....	52
Anexo 6.....	53
Anexo 7.....	54
Anexo 8.....	55
Anexo 9.....	56
Anexo 10.....	57
Anexo 11.....	58
Anexo 12.....	59
Anexo 13.....	60
Anexo 14.....	61
Anexo 15.....	62
Anexo 16.....	63
Anexo 17.....	64
Anexo 18.....	65
Anexo 19.....	66
Anexo 20.....	67
Anexo 21.....	68
Anexo 22.....	69
Anexo 23.....	70
Anexo 24.....	71
Anexo 25.....	72
Anexo 26.....	73
Anexo 27.....	74
Anexo 28.....	75
Anexo 29.....	76

Anexo 30.....	77
Anexo 31.....	78

Nota Introdutória

“Não me venhas com disparates de se tens ou não vocação de jornalista. É melhor que te perguntes se és curioso, impertinente, se te interessa o que te rodeia, se queres averiguar o porque das coisas. Então não sei se terás vocação mas pelo menos tens, em princípio, algumas das aptidões necessárias.” – Juan Luis Cebrián (1997).

A minha primeira experiência académica foi a entrada no curso de Direito, que conclui não ser correspondente à minha vocação. Mudar para o curso de Comunicação Social, foi uma escolha que nunca duvidei e hoje prova-se correcta. A abrangência das disciplinas disponíveis torna-o um curso completo, adequado ao jornalista – dando melhor entendimento sobre os assuntos de que trata (sendo uma ciência social) e expandindo a mente e os instrumentos de observação e análise. O jornalismo foi por mim a via escolhida por acreditar que me adequo à profissão, nas capacidades de escrita e observação – aqui, como no estágio, postas à prova.

A experiência aqui em discurso e análise não foi pacífica nem coerente. Duas realidades diferentes são as do jornalista experienciado que pondera sobre o seu grupo e o estagiário que se tenta provar e incluir. Este trabalho observa estas duas realidades a iguais distâncias, pretendendo fazer um retrato de uma profissão no nosso país que se diz saturada de elementos e que luta pelo seu espaço no novo contexto social.

A entrada de um estagiário na profissão quando o meio se encontra em crise é desanimador, no entanto, sabendo as causas da crise, poderá ser a nova geração a mudar a condição do jornalismo. Mais uma vez, este trabalho é tanto uma recollecção da experiência vivida em estágio, como é a análise crítica das mesmas experiências e do meio. Porque um estagiário é acima de tudo observador e pretende aprender algo com os seus colegas de profissão.

“Diário de Notícias”

O mais antigo jornal diário ainda em circulação em Portugal foi fundado há 144 anos, por Eduardo Coelho e Tomás Quintino Antunes, com a sua primeira edição publicada a 29 de Dezembro de 1864. O *Diário*, composto de 3 cadernos; o primeiro dividido em 13 secções, e mais 7 suplementos, é uma verdadeira instituição portuguesa. Sediado em Lisboa, contando com uma redacção colaboradora no Porto, possui também uma versão *online*, mais reduzida. Tem uma tiragem média de 34 mil exemplares, o que o coloca em 5.º lugar entre os jornais diários generalistas. É propriedade da Global Notícias Publicações, S.A., uma empresa do grupo Controlinveste; tendo anteriormente pertencido à extinta Lusomundo Media, do grupo PT Multimédia. A sua história inclui também personalidades da literatura portuguesa: Eça de Queirós foi um importante colaborador nos primeiros anos do diário e o seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, foi crítico musical do jornal. José António Saraiva, hoje director de informação do canal *RTP*, foi redactor do *DN* e José Saramago, prémio Nobel da Literatura, foi director adjunto em 1975.

Caracterização

Os valores e objectivos deste meio de comunicação são actualizados aquando da tomada de posse da nova e actual direcção, no seu mais recente Estatuto Editorial, datado de 01 de Dezembro de 2004¹: dar ao leitor o máximo de informação possível sobre os assuntos mais relevantes do país e do mundo, para que este possa ter a sua opinião e estar informado. O documento revela ainda que a direcção pretende “atingir a liderança no segmento; reforçar a relação de intimidade diária dos leitores com este diário; e, sobretudo, posicionar o Diário de Notícias no seu lugar de sempre, ou seja, o de referencial de independência e equilíbrio da imprensa nacional.” Declara também a intenção de manter como sua bússola ética o “respeito integral pelos princípios éticos da Imprensa consagrados no Estatuto do Jornalista, no Código Deontológico e no Estatuto Editorial do DN.” Em conclusão, “o nosso compromisso com os leitores do Diário de Notícias é também o de fazer diariamente um jornal moderno, que esteja atento às tendências da sociedade, tão informativo quanto analítico, sendo capaz de reflectir sobre as notícias.” – esta sendo a frase que melhor explica o carácter do jornal, que tenta uma

¹ Blogue “Comunicar a direito”(01/12/2004)

cobertura ampla da actualidade portuguesa e internacional; um meio que se quer completo na missão de informar. Assim, continua mantendo o seu lugar cativo de jornal de referência português, fazendo face a outros diários, apesar das muitas mudanças e dificuldades que atravessa.

A mudança

A recente mudança de direcção no Diário de Notícias trouxe alterações significativas. Desde a linha editorial à política empresarial, é um meio que actualmente sofre transformações progressivas. A mudança mais notória para mim, à primeira vista, foi o aspecto gráfico. Começando com o aspecto externo, o jornal passou do formato *broadsheet* para o tablóide, onde a largura se aproxima da altura das páginas. A orientação dos textos agora permite uma leitura mais horizontal para uma mais vertical e flexível, com mais caixas de texto. Também os títulos sofreram evoluções: vemos agora um antetítulo, título principal, pós-título e de seguida, a notícia. Quanto à capa, passou de apresentação clara, com pouco texto e mais imagem, para uma capa mais colorida, com destaques maiores e com mais texto. Em algumas chamadas de capa fica patente que agora o que prevalece são os artigos da secção *Gente* ou especiais de investigação. Também a nível de extras e revistas houve uma reestruturação. Extinguiu-se a revista de carácter cultural, a *6ª*, e criaram-se novos suplementos e cadernos, como o caderno de economia, o DN Bolsa, composto por 26 páginas, que sai uma vez por semana; e o de desporto, DN Sport, com duas edições semanais ambas de 24 páginas. Há ainda um novo caderno, o DN Gente, com edição semanal aos sábados. Estreou no início deste ano uma revista semanal à sexta-feira, a Notícias TV, como uma extensão, em papel de qualidade, da secção Gente. Para além disto há ainda o DN Televisão, uma revista sobre este meio de comunicação com cem páginas, e mais recentemente foi criado o suplemento DN Life, mais ligado ao lado recreativo e social. Mantêm-se as revistas anteriores NS¹ e Notícias Magazine.

A divisão em duas redacções

A sede principal do jornal localiza-se em Lisboa, no entanto o diário de Notícias conta com outras redacções pelo país: uma redacção, quase independente, no Porto, e delegações no Algarve, Coimbra, Leiria, Funchal, a nível nacional, e em Bruxelas e Londres, a nível internacional. Conta com colaboradores em alguns distritos e ainda jornalistas e fotojornalistas que trabalham em regime de prestação de serviços. O editor da redacção lisboeta, João Marcelino, toma as decisões finais de maquetagem e fecho; tendo a redacção portuense, no entanto, independência

relativamente à agenda. Tudo é combinado entre editores por telefone, havendo uma comunicação próxima entre redacções – tornando mais eficaz o controlo que a redacção principal tem sobre as restantes. Os espaços dedicados aos artigos dos jornalistas do Porto normalmente cingem-se à secção Portugal, havendo excepções de acordo com a proeminência de temas centrados no Norte. No entanto, a decisão de excluir artigos cabe inteiramente a Lisboa e estas são pouco contestadas. O carácter das notícias da secção Portugal de que a redacção do Porto é responsável cria uma mentalidade de concorrência directa entre meios de comunicação. Sendo uma extensão do jornal na segunda cidade portuguesa, os jornalistas portuenses necessitam justificar os custos, mantendo-se a par de toda a pequena ocorrência que aconteça a Norte do rio Mondego.

Época de mudança

Actualmente, a evolução tecnológica encontra-se no seu auge e acontece diariamente. O jornalismo atravessa também uma fase evolutiva, tentando ajustar-se a este novo contexto. Sendo a profissão que reconta o mundo à sua audiência, tem de adquirir a flexibilidade necessária para espelhar todo o mundo. As inovações tecnológicas constantes são aceites, pela generalidade da população, como normais e bem-vindas; no entanto, os profissionais do jornalismo concentram-se no formato tradicional que se revela cada vez mais antiquado, na tentativa de parar a mudança.

O *Diário de Notícias*, em particular, também se encontra numa fase de adaptação a muitas mudanças, que embora não ocorram bruscamente, encontram bastante resistência. Começando nos primeiros dias de estágio, a primeira que observei foi a mudança de piso, do quinto para o oitavo; colocando a redacção do Diário lado a lado com o 24Horas. Apesar de já antes partilharem o quinto piso, os dois jornais encontram-se agora divididos por apenas portas de vidro e partilham instalações; de modo a acolher outros títulos da empresa novos ao edifício. Este é um esforço de centralização que coloca ênfase na produção, assemelha as redacções a fábricas, em que o mais importante é quotas produtivas. Isto desagradou os trabalhadores, obrigados a co-habitarem em redacções, mas que não cooperam e até competem.

Já vários jornalistas a serviço do DN haviam manifestado o seu descontentamento com as mudanças editoriais – e não só – que se deram nos últimos anos. Tentei obter uma impressão do que é ser jornalista para alguém activamente nesse papel, conversando com estes individualmente, durante as coberturas noticiosas. A perda de liberdade profissional é a causa mais apontada para a inquietação. Isto manifesta-se a vários níveis: falam de mudanças na direcção editorial do jornal, de conflitos internos, de controlo excessivo.

A primeira pessoa a falar-me do estado do jornalismo para os seus profissionais, foi o responsável da secção de cultura. Numa breve conversa, o editor-adjunto pergunta-me que assuntos me parecem mais interessantes, e tendo manifestado preferência secção de cultura, fui enviada a acompanhá-lo à ante-estreia da peça “Turismo Infinito”, de Ricardo Pais e António Feijó, escrita a partir de textos de Fernando Pessoa. Fomos a pé para o Teatro São João. O jornalista que acompanho diz que prefere andar a pé tanto quanto possível. Este é o ponto de

partida da conversa em que ele faz uma análise do seu trabalho e do jornalismo actualmente: “O lugar do jornalista é na rua” – diz-me – “É lá que está a notícia”. Continua a sua exortação, dizendo que não é possível fazer jornalismo a partir de uma secretária, onde “perde-se a perspectiva e os acontecimentos da vida das pessoas reais”. Concordo com esta ideia e Juan Luis Cebrián (1997) também: “Porque na verdade o que é ser jornalista? Um adágio britânico resume esse destino no de sair à rua, ver o que se passa e contá-lo depois aos outros.” Antigamente, o jornalista era aquele que conhecia todos e passava os dias junto de suas fontes e dos acontecimentos, apenas reportando à redacção. Ninguém expressa melhor essa ideia, no entanto, do que Kapuscinski (2008): “Para nós, jornalistas que trabalhamos com as pessoas, que procuramos compreender as suas histórias, que temos de investigar e pesquisar, a experiência pessoal é obviamente fundamental. A fonte principal do nosso conhecimento jornalístico são ‘os outros’.” Hoje, o jornalista pode ser uma “unidade móvel de recolha de notícias” ainda em outro nível: com a Internet *wireless*, pode sair de um evento ou conferência de imprensa e escrever imediatamente o texto que envia à redacção. Mas estes meios não chegam a todas as redacções. “Como o caso do *DN*”, segundo me diz o colega; ainda lhe “cobram” por aparecer na redacção por apenas algumas horas, enquanto outros passam lá o dia. “O jornalista tornou-se um burocrata, perdeu a essência”, explica. E revela que os jornalistas de hoje que ficam em frente ao computador à espera das agências noticiosas perdem o contacto com os seus leitores. Kapuscinski (2008), mais uma vez, refere-se a este tipo de trabalho como “artesanal”, no sentido em que não aproveita as potencialidades das ferramentas que possui ou usa-as de modo desadequado. Parece ter perdido de vista a profissão para a qual entrou. Terão os valores mudado desde então?

Entretanto, chegamos ao teatro. Ao invés de vermos uma parte da peça apenas, brindam-nos com toda a obra, como se o público, e não jornalistas, lá estivessem. Foi uma peça memorável. A saída acabou com uma longa conversa de volta ao edifício JN, sobre o génio que foi Fernando Pessoa.

O ponto de vista crítico em relação à profissão repetiu-se, vinda de outros jornalistas. Os fotógrafos, dois a trabalhar oficialmente com o jornal, manifestaram também a sua desilusão com o jornal e a profissão. “É só histórias de ‘faca e alguidar’”, dizia um. “Tens a certeza que queres ser jornalista? Olha que apenas meia dúzia de vocês vai arranjar trabalho este ano”, dizia o outro. Todos parecem fatigados da função, presos ao passado e temerosos da mudança, de

acompanhar os tempos. Mas para onde nos levam estas mudanças? O *Diário de Notícias* há muito que é um título de referência em Portugal. Ainda à alguns meses atrás, uma revista semanal revelou que a Primeira-dama o lê todos os dias – hábito de décadas na Presidência. Tendo perante um exemplar do dito periódico, imagino que observações farão ela e outros. O que os leva a continuar clientes de um jornal que caminha para uma direcção oposta?

De um grafismo coerente, limpo, de tipografia sóbria e elegante, o DN passa às letras garridas – no tamanho e na cor, que os ingleses imediatamente identificariam com um tablóide. As páginas interiores também se alteraram, tornando-se num retalho de “breves” e fotografias; ora a cores, ora a preto e branco. Segue-se a incoerência na letra. A variação de tipos e tamanhos de letra na primeira página é uma técnica publicitária de chamar a atenção para determinada notícia. Mas as mudanças no jornal em questão, infelizmente, são demasiado acentuadas: as letras garrafais e coloridas (em geral, em vermelho) mesclam o *Diário* entre os demais, incluindo o “vizinho”, *24Horas*. Esta tendência verificou-se, de início, apenas algumas edições por semana. Primeiro ao sábado, depois à sexta-feira também, e não tarda a transformação será plena.

“A primeira página é essencial. Funciona como a montra das notícias: dá-lhes hierarquia, valor, chama a atenção do leitor, a quem ajuda a navegar mediante um código, não explícito, mas muito evidente, entre as tempestuosas águas da informação.”² Como se espera, as mudanças de aspecto externo são reflexas do conteúdo interno. Nisto não enganam os diários de hoje: o objectivo está estampado nas suas primeiras páginas. Se é vender, como todos confessam, vê-se nas letras vermelhas e nos retratos a cores, a lutarem entre si pela nossa consideração. No interior, já não há surpresas, os temas não variam, nunca são aprofundados (a não ser em pormenores que de notícia nada têm) e o factor “choque” determina a sua importância e destaque. E qual é a eficácia de medidas como esta? Vende mesmo mais exemplares do que as edições anteriores? Será que atrai mais público para o jornal, ou afasta os clientes habituais? As mudanças de linha editorial, que se espelham em cada aspecto do periódico, fizeram-se notar a partir da mudança de proprietário. O grupo Controlinveste é um dos aglomerados de meios de comunicação que detém títulos como o DN, o JN, o 24Horas, a TSF e o mais recente Global Notícias, o gratuito criado para competir na já não tão nova tendência de jornais gratuitos. O que se observa é que ao serem adquiridos pelo mesmo grupo, cada um dos meios parece perder a identidade e assemelham-se cada vez mais aos restantes. Se no entanto, a aproximação entre

² Juan Luis Cebrián (1997)

os títulos da Controlinveste se regesse pelo DN, teríamos melhor qualidade, ao invés de variações no género tablóide baseado no 24Horas.

“A concentração (...) resulta de um fenómeno inerente às leis do capitalismo industrial. A acumulação de capital é prévia a qualquer processo de investimento, mas é também a sua consequência se se revela bem sucedido, e responde a um critério de eficiência que é impossível desconhecer. No caso dos meios de comunicação, esta acumulação está justificada adicionalmente pelos enormes investimentos que significavam as novas tecnologias, que tratam de servir um mercado verdadeiramente universal.” A afirmação de Cebrián (1997) leva à conclusão de uma necessidade de mais capital injectado nas empresas de comunicação, pois a tecnologia para manter estas empresas a par das inovações é custosa. Contudo, no caso português, não é verificável esse tipo de investimento. Visitando os sítios *online* de qualquer um dos periódicos pertencentes à Controlinveste, verificamos que as adaptações às novas tecnologias são poucas. É observável o esforço mínimo de encontro às exigências do mercado, na página que cada um possui na Internet, mas não disponibilizam mais informação; trata-se apenas da versão impressa copiada para a rede. Páginas de uma simplicidade desconcertante, em que poderiam ser aproveitados recursos humanos e tecnológicos, para expandir o jornal até ao multimédia. Existe, de facto, um departamento de informática no DN, que nada tem a ver com o jornalismo, que se dedica a solucionar os problemas das máquinas. Ninguém se dedica à edição *online* do DN, pelo menos na redacção do Porto, facto que se nota na falta de notícias ocorridas a Norte do país – a não ser que tenham destaque a nível nacional. O Jornal de Notícias prepara já um canal multimédia, com trabalhadores inteiramente dedicados à futura versão *online* do jornal, que ainda não está disponível. O aproveitamento das novas possibilidades tecnológicas simplesmente não se consideram ainda no DN, que preferem lutar pela sua fatia do mercado “*the old fashioned way*”, concentrando-se no formato tradicional.

Os jornalistas revelam formar uma comunidade restrita; uma atitude observável tanto em Portugal como internacionalmente. Os actuais meios de comunicação parecem inseguros perante a sua audiência e os seus pares. Deter o acesso à informação já não é algo que “dá a sensação de poder”; os media olham para os lados constantemente em busca da confirmação do seu trabalho. “Se vários jornalistas, pertencentes a diferentes formas de imprensa, verificam que reagiram da mesma maneira a este ou àquele facto nacional ou internacional, tendem a concluir que, apesar das suas divergências, viram o essencial do acontecimento (...) mas não se

apercebem de que esta reacção semelhante não remete forçosamente para uma percepção objectiva da realidade, e sim, para a existência de uma cultura profissional.”³ A legitimidade é conseguida junto dos colegas de profissão, que não só fazem de “seleccionadores”⁴ do que deve ser público, mas também de quem merece fazer parte do grupo. No entanto, “acedendo às mesmas fontes, falando com os mesmos interlocutores, reagindo da mesma maneira, os jornalistas têm reacções em comum com as das elites mesmo se depois, pelo facto de exercerem o seu ofício, se distinguirem delas.”⁵ Assim, ao reportar de número limitado de temas e de pessoas, dá-se a impressão de que estes são representativos da realidade. Isto acontece com muitos tipos de notícias: desde o grupo representado na imprensa cor-de-rosa, até as temáticas dos tablóides centrados em casos de injustiça social e de criminalidade. Os jornalistas da redacção do Norte no DN confessam o desagrado pelas regras, mas jogam de acordo com elas. Várias vezes assisti a editora perguntar o “que o Correio da Manhã escreveu” ou os outros diários haviam publicado. Um exemplar deste periódico, considerado concorrente directo, permanecia sempre na secretária dos editores – ao lado da qual me sentava – como um guia do que os outros estavam a fazer, e por isso, de que o DN se devia manter a par. Mesmo durante a recolha de notícias e testemunhos, os jornalistas tinham consciência disso.

Durante o mês de Janeiro, sete pescadores naufragaram ao largo de França numa pequena embarcação que se perdeu nas ondas de uma tempestade repentina. Três eram portugueses e quatro franceses; apenas um português já havia regressado a casa. A tripulação portuguesa pertencia a Vila do Conde, onde acompanhei um jornalista e um fotógrafo até à vila piscatória⁶. Tínhamos indicações, dadas pela redacção, de onde procurar o sobrevivente, mas chegando à beira-mar, encontramos outra equipa jornalística da TVI. Esta foi a terceira vez que encontramos jornalistas daquele canal de televisão cobrindo as mesmas notícias. Houve, contudo, cooperação entre nós: eles apontaram-nos o sobrevivente e o seu pai, com quem tinham acabado de falar. Seguiu-se uma breve entrevista com os dois pescadores - amigos de longa data dos ainda desaparecidos. O tom do jornalista é contido mas os dois homens parecem querer contar toda a história dos colegas. Indicam-nos a zona em que moram as famílias das vítimas, para onde seguimos. Não pensei que fosse possível falar com alguém numa altura como aquela e receei encontrar um cenário de desolação. O jornalista explica-me que vamos apenas procurar uma

³ Dominique Wolton (1999)

⁴ Juan Luis Cebrián (1997)

⁵ Dominique Wolton (1999)

⁶ Anexo 15

declaração, mas que será uma busca, provavelmente, infrutífera. Demonstra não concordar com esta “invasão de privacidade”, mas os editores, que ligam-lhe incessantemente, parecem apenas preocupar-se com “não ficar atrás da concorrência”. Os jornais são vítimas da imagem quando entram em concorrência com o jornalismo televisivo; é determinante ter fotografias (ou pelo menos o maior número de dados possível) para uma vantagem comercial. “Ora, é evidente que a televisão vai impor como actualidade um tipo de conhecimento específico dentro do seu âmbito: um acontecimento rico do ponto de vista visual. Qualquer acontecimento de tipo abstracto raramente constituirá matéria de actualidade num médium visual, visto que não se poderá jogar na equação “ver é compreender””⁷ – esta realidade acirra a concorrência entre os meios impressos, que se esforçam por acompanhar. O público procura a imprensa para um tratamento mais aprofundado da notícia e é isso que os jornalistas procuram obter. Encontramos a morada dos familiares dos naufragos perguntando por toda a vizinhança. Numa comunidade próxima como esta, não foi difícil. Tocamos a campainha e abrem-nos a porta, mas falamos no exterior. As familiares afirmam a sua preocupação, a falta de esperança (neste momento ainda continuam as buscas) e confirmam que estão a ser apoiados pelo governo português e pela empresa proprietária da embarcação. Mas não avançam mais detalhes nem permitem mais perguntas. Afinal, já conseguimos muito, intrometendo-nos na tragédia dos pescadores. As chamadas da redacção, seguindo de perto a obtenção de cada detalhe, não param. Existe mesmo a comparação directa com a concorrência; não podemos ir embora até conseguirmos o “suficiente”, que será um conjunto de dados que colocaram o DN a par com os outros, sem perder em detalhes, seja qual for a qualidade destes. Os progressos dos outros meios de comunicação são seguidos de perto pelos jornalistas da redacção que verificam os sítios *online* dos outros jornais, as agências de informação e a televisão. A Internet parece ter uma nova função para os editores: podem ver em tempo real a evolução das informações dos outros meios, para se manterem em igualdade; uma guerra como a das audiências televisivas em que o que é publicado é decidido no momento, por comparação com os outros. Este tipo de pressão é de tal maneira forte que leva os jornalistas a “atrair o público com reportagens e pormenores indecentes”⁸, tais como fotografias de vítimas e de desastres e pormenores que interferem com a vida privada dos sujeitos. Isto cria um efeito a que Ramonet (2000) dá o nome de mimetismo, uma febre jornalística – o “ir atrás da notícia”, precipitando-se, devido à importância dada por outro meio à mesma notícia. A definição de valor-notícia altera-se; “um editor de um jornal já não

⁷ Ignacio Ramonet (2003)

⁸ Ignacio Ramonet (2000)

pergunta se a notícia é verdadeira mas se é interessante.”⁹Observei isto em primeira mão, ao reportar as ocorrências encontradas na volta (uma série de chamadas telefónicas para uma lista de números de esquadras e bombeiros; uma função básica normalmente deixada aos estagiários) – parece não haver critérios jornalísticos para determinar o que vai ou não preencher aquele pequeno vazio no canto da página; o que distingue as notícias publicadas das rejeitadas é o factor “choque”, o número de vítimas¹⁰, a quantidade de droga apreendida¹¹, os danos causados, ou mesmo, o insólito¹². A concorrência não é apenas com os outros jornais mas também com outros meios como a televisão e os blogues. A televisão ganhou vantagem sobre imprensa porque “oferece espectáculo, mas também porque a sua tecnologia permite que se transmitam imagens instantaneamente”¹³ e obriga os jornais a competirem com furos, confissões e relatos em primeira mão, tentando obter as mesmas emoções que a televisão com as suas imagens em directo.

⁹ Ryszard Kapuscinski in Ignacio Ramonet (2003)

¹⁰ Anexo 21

¹¹ Anexo 23

¹² Anexo 6 e Anexo 7

¹³ Ignacio Ramonet (2003)

Diário de Notícias – o diário de Portugal

Apesar das mudanças de linha editorial, o Diário de Notícias continua a ter uma reputação de jornal de referência junto aos leitores. Na tabacaria próxima de onde moro já não é entregue há alguns dias, mas ainda há clientes a perguntar por ele. E o que faz do Diário uma referência no panorama informativo actual? Por regra, um jornal de tiragem nacional concentra-se em temas de índole nacional, e o leitor querendo notícias locais, procura o jornal da sua região. No entanto, algo que ambos DN e Jornal de Notícias têm em comum é que cada um possui uma secção direccionada para notícias locais; no DN é chamada Portugal e no JN chamada Norte. Ambas as secções ocupam sensivelmente metade dos periódicos, contudo as notícias no JN recebem um destaque diferente. São notícias de cariz social, enquanto no outro jornal apenas algumas têm direito a destaque e a secção é preenchida de breves sobre acidentes e apreensões de droga e armas. Ambos têm jornalistas dedicados a este tipo de informação; contudo, quando existem acontecimentos de maior importância a serem noticiados, os estagiários são encarregues destas ocorrências¹⁴.

Felizmente, as funções dos estagiários estendem-se por vezes, para além da redacção. A primeira vez que saí sozinha, fui ao Mercado do Bolhão, numa das zonas mais movimentadas da cidade. O Bolhão é um dos vários mercados da cidade e um dos seus edifícios mais antigos também. A minha função foi recolher as opiniões dos vendedores do local sobre a notícia da venda do espaço e a possível remodelação. Regressando à redacção, os depoimentos recolhidos serviram apenas para completar a página de um artigo escrito por outro jornalista sobre os ousados planos da Câmara Municipal do Porto para o espaço¹⁵. A opinião dos vendedores, alguns que se instalaram naquele local à mais de um quarto de século, foi tratada pelo tanto pelo jornal como pela Câmara com uma atitude de ouvir mas não escutar. Apesar de ter sido algo positivo a exposição dos planos da CMP de substituir um marco na cidade por mais um centro comercial – a função da comunicação social como “quarto poder” – a ênfase do artigo ficou-se na curiosidade arquitectónica que se planeava erguer.

Este tema continuou a ser tratado pelo jornal em ainda duas outras ocasiões durante a minha estadia no DN. Outro mercado da cidade, o Mercado do Bom Sucesso, também era alvo de

¹⁴ Anexo 24

¹⁵ Anexo 5

planos de renovação, contudo diferentes do Bolhão. O sentimento dos vendedores do Bom Sucesso não era de impotência perante os factos de um Governo maior do que eles, como no caso do anterior mercado. Havia neste caso reuniões marcadas na junta de freguesia – numa tentativa de consenso, por parte da Câmara. Já os lojistas no exterior do edifício estavam conscientes dos seus direitos como inquilinos, separando-se claramente dos vendedores. Entre eles, nomearam um ex-jornalista, também vendedor no mercado, como representante. Outra grande diferença da situação que acontecia no Mercado do Bolhão foi o apoio da Associação Comercial, que se prontificou a disponibilizar apoio jurídico aos vendedores. O resultado das reuniões foi a concordância de ambas as partes em negociar as condições da privatização e garantir o lugar de quem já estava instalado no mercado. Entretanto, no Bolhão, o caso tornou-se uma batalha política. O Bloco de Esquerda organizou várias acções de protesto e sensibilização da população e da comunicação social. Quando lá regresssei, uma mesa no exterior do edifício recolhia assinaturas para uma petição, que também existia *online*; distribuíam panfletos, e representantes do partido recebiam os jornalistas para uma conferência de imprensa ali mesmo na entrada do edifício. Após uma visita guiada pelo mercado, cumprimentaram as vendedoras e ouviram as suas queixas perante as câmaras de televisão. Críticas ao partido no poder não foram poupadas, com acusações de corrupção e privilégios; ficando a promessa de mais manifestações e apoio à causa dos vendedores e da cidade. Algo de particular na cidade do Porto, é a cruzada que os jornais fazem contra o Governo e em especial, a Câmara Municipal. Neste caso em particular, fui enviada aos mercados para recolher opiniões que já se sabiam ser contrárias às acções da Câmara. Apesar de a situação do Mercado do Bolhão poder ter sido gerida de melhor forma (não consultaram os vendedores, apenas os comunicaram por edital afixado), o jornal possuía já uma posição ao abordar o assunto. “Habitualmente procuram-se instrumentos para satisfazer certas necessidades. Aqui se procuram certas necessidades para legitimar um certo instrumento. E essa procura leva a marca de uma nova transferência: o terreno particular da comunicação social para terrenos susceptíveis de encontrar apoio na presença deste instrumento gerado de confusão.”¹⁶

¹⁶ Campeanu, Pavel in Montalbán, Manuel Vasquez (1997)

Como se cria um bom jornalista

A experiência de estágio tem o intuito de nos colocar em contacto com a realidade do quotidiano de um profissional. É sobretudo, para que aquando da apresentação do currículo perante o empregador, o licenciado possa manifestar algum entendimento sobre a função. É, com certeza, uma boa experiência para desmistificar a profissão para o licenciado. Posso dizer que foi este o efeito que senti. O quotidiano no jornal começava para mim com a leitura do DN e de outros jornais, observando e aprendendo através do exemplo de colegas e da leitura dos artigos. Após alguns dias a pedir trabalho e a oferecer ajuda aos jornalistas que faziam a volta, consegui conquistar a confiança dos editores para outras tarefas. As primeiras actividades que me foram confiadas pareciam ter o intuito de preparar-me para o jornalismo: a visita mensal aos órgãos de poder mais próximos (a assembleia da Câmara do Porto, acessível à comunicação social em metade das sessões) e a recolha de informação e verificação para reportagens¹⁷. Tarefas de responsabilidade reduzida, especialmente quando acompanhadas por um colega de redacção.

Após várias breves escritas, o editor adjunto oferece-me a cobertura do projecto de solidariedade social “Pular a Cerca”, que opera no bairro do Cerco, no centro da cidade, visando uma melhor integração das crianças carenciadas na sua comunidade. Tudo se inicia, como em várias outras ocasiões, a partir de uma notícia da Agência Lusa, dando conta do acendimento das luzes de Natal na maior árvore do género da cidade, localizada no pátio da escola. Iniciada a busca por mais informação, estabeleço contacto com os responsáveis da iniciativa. Aqui há manifestamente uma facilidade: o contacto com as fontes, nem sempre é tão disponível como neste caso. A cobertura desta notícia levou a uma viagem ao local com um fotógrafo. Fomos recebidos pelas responsáveis e os alunos, tendo falado com várias pessoas e fotografado o local. Apesar de ser uma notícia de cariz positivo e social, e de na redacção se falar na falta de notícias, nesse momento, não foi possível publicar o texto, que ficou esquecido. A preferência é dada a novidades mais impressionantes e não foi possível encontrar espaço no meio de tantas breves sobre acidentes. Poderia ter sido também ordem de Lisboa, que muitas vezes usa o estatuto para utilizar o espaço da divisão Norte. “A imprensa da capital não é a da província e isso não justifica, de forma nenhuma, o complexo de superioridade de primeira em relação à segunda. Nem a preguiçosa hierarquia onde a segunda aceita demasiadas vezes situar-se em

¹⁷ Anexo 25 e Anexo 28

relação à primeira.”¹⁸As circunstâncias em que os jornalistas do Porto têm de abdicar de espaço de publicação a favor da sede são algo que os deixa, justamente, desmotivados. Mas porque não uma edição só para o Norte? A lógica de corte de custos mais uma vez aqui transparece; e além disso, o JN já o faz. Durante a recolha de depoimentos, ao identificar-me junto dos moradores da cidade, vários destes mostraram-se surpreendidos por ouvir que o DN tem uma redacção na Invicta. A representação deste meio junto do seu público afinal não é tão eficaz. A redacção do Porto funciona como local de recepção de notícias do Norte e pouco mais.

No entanto, acontecem grandes casos mediáticos na cidade que cabem ao Diário de Notícias. Foi o primeiro meio de comunicação a iniciar a cobertura do caso “Noite Branca”, um dos mais mediáticos nos primeiros meses do ano, que relançou a questão da insegurança. Um tema sempre muito visado, dada a fragilidade da audiência perante o tema. Nestes dias, toma forma na redacção do Porto a história que iria dominar a atenção nacional por semanas. Tudo começou com vários assassinatos de porteiros de discotecas na noite do Porto. Fala-se de associações criminosas, de ajustes de contas. Mas o teor violento dos crimes, fazendo lembrar certos filmes americanos, começa a gerar insegurança por não se saber de onde vem e por quê tal criminalidade. A comunicação social, então, descobre o videoclip no YouTube, do qual imagens foram publicadas na televisão e nos jornais. Uma banda de rap amadora mostra-se nas ruas da Ribeira. Falam da criminalidade, exagerando e reivindicando autoria de outros actos de violência – como aliás todas as bandas de rap fazem; é essa a maneira de conseguir credibilidade junto dos seus ouvintes. No vídeo aparecem carros de alta cilindrada e uma figura conhecida da cidade do Porto: o alegado líder de uma claque de futebol da cidade. Os jornalistas da casa conheciam alguns dos membros, levando o editor a propor uma reportagem mais aprofundada. Apesar de dizerem rezear as consequências de expor publicamente as fontes, é este e outros contactos que mantêm o Diário de Notícias um passo à frente nas semanas seguintes, com exclusivos, detalhes e entrevistas. Os seus jornalistas e fotógrafos tornaram-se presença assídua à porta do Tribunal de Instrução Criminal do Porto, quando começaram os julgamentos, em várias horas de espera, nas quais até eu participei¹⁹. A competição com a televisão era clara, através da impressão de *stills* do videoclip; os jornalistas debatiam-se por pormenores e furos, multiplicando-se as entrevistas com os familiares dos acusados (quando começaram as apreensões) que vendiam a sua história. Todo este caso mediático foi baseado

¹⁸ Dominique Wolton (1999)

¹⁹ Anexo 11

em boatos e supostas pistas, confirmando as mais diversas teorias, principalmente a da existência de um gangue violento na Ribeira, a que os media teve acesso, até haverem arguidos. Foram muitos os enganos, os atropelos e as retracções. A fotografia de um homem inocente foi publicada como pertencente a um dos acusados por vários meios de informação; apenas dias depois foi publicada uma retracção. Numa situação como esta, de alta competição entre meios, os jornalistas parecem pensar que “se um tem uma informação e nós temos a mesma, deve estar correcta.” Este tipo de pensamento prende a comunicação social num ciclo vicioso de auto-confirmação e enganos feitos pela pressa. “Enfim, partilhar com os confrades os segredos deste grande mundo cria laços, o que estão em relação com a autolegitimação do meio.”²⁰ Ou seja: “Os media, para venderem, têm de dar uma boa imagem de si mesmos, e têm, pelo menos, de fazer acreditar na sua própria integridade e imparcialidade.”²¹ Os jornalistas, como grupo, passaram muito tempo debatendo pela sua legitimidade e por esbater a distância entre si e a obtenção da informação, através da tecnologia. No entanto, é essa mesma falta de distanciamento que causa estes enganos; que são vistos como “chatices” da vida quotidiana dos profissionais mas que têm impacto na vida do sujeito visado pelo engano; e que contribuem também para a descida na credibilidade da comunicação social. Várias vezes as pessoas não queriam falar com jornalistas, quando as abordei porque não confiam na classe. “O resultado, em todo o caso para o público, é que alguma coisa se quebrou no contrato de confiança sem que os jornalistas se preocupem com isso. Já ninguém acredita naturalmente em nada.”²² Estas questões “não têm que ver com a falta de liberdade, mas sim com as dificuldades em não abusar dela: overdose de informação, erros ligados à concorrência desenfreada entre os media, falta de profissionalismo entre os jornalistas, ritmo demasiado rápido de produção da informação... A imprensa, em vez de assumir uma certa autocrítica ligada aos erros da própria vitória, age como se a sua existência legal ainda estivesse ameaçada. Apresenta-se frágil como em 1850, ao mesmo tempo que sucumbe às miragens do “quarto poder”. ”²³

Pouco tempo depois, visitei o bairro da Ribeira com uma jornalista e um fotógrafo do DN. Desde o início do caso “Noite Branca” que esta jornalista se dizia frequentadora do local, afirmando que nunca tinha visto nenhuma cena de violência e que a zona da Ribeira continua a ser frequentada pela sua clientela habitual: turistas e jovens de classe média alta. Confirmamos, na

²⁰ Dominique Wolton (1999)

²¹ Patrick Champagne in Wolton (1999)

²² Dominique Wolton (1999)

²³ Dominique Wolton (1999)

visita, que neste bairro encontram-se pouco mais do que lojas de artigos para turistas, restaurantes, cafés e o hotel Porto Pestana Palace – que não só não parece ter problemas com a dita criminalidade do bairro, como pretende expandir a dimensão das suas instalações. Fomos, então, à Ribeira fazer a caracterização dos seus moradores, dos seus comerciantes e encontrar algumas das figuras mais famosas do bairro. Os moradores são na maioria pessoas idosas, testemunhas da transição da Ribeira de cais a bairro nocturno e turístico. Encontramos o que procurávamos, e algo mais. O líder de uma claque desportiva da cidade e os seus colegas, e ainda o seu pai, todos frequentadores do local, falaram connosco sobre o caso “Noite Branca”. Afirmaram à jornalista, o mais claramente possível, que não havia criminalidade organizada na Ribeira – que essa noção é uma fabricação dos meios de comunicação social. Desmentiram o envolvimento no caso e os crimes no bairro; explicaram que a banda de rap é apenas isso; e não um conjunto de criminosos. E acrescentaram: “Quer saber onde é que está o crime organizado? Olhe para o outro lado do rio. Eu tenho medo de andar lá sozinho à noite, e moro lá.”, disse um deles, referindo-se a Vila Nova de Gaia . A jornalista do DN parecia desarmada perante esta declaração, apesar de haver muitas razões para concordar: “Muitos subestimam a inteligência do público, e principalmente, não compreenderam que, em meio século, este adquiriu uma cultura audiovisual crítica, à medida, nomeadamente do aumento dos conhecimentos.”²⁴

Subestimar o público é algo ainda comum por parte dos jornalistas; mas como se afigura, esse facto começa a criar dificuldades para a profissão – a audiência já não acredita em tudo o que lê ou que se diz na televisão.

Durante a minha estadia na redacção do Porto tive acesso a todas as notícias que chegavam da Agência Lusa, e tive a responsabilidade de escrever várias breves. Eram muito frequentes notícias de criminalidade na zona de Vila Nova de Gaia, algo fácil de confirmar ao ler os jornais desses meses. Mas ninguém quer falar sobre isto, fazer exposições sobre o caso ou mencionar situações de violência para provar que a insegurança está lá e caminha sobre a cidade. Quem mora nesses bairros sabe disso; comprova-se pelos depoimentos dados após a festa de fim de ano, em que um jovem e uma criança morreram vítimas de balas perdidas, disparadas nos festejos. Todos os arguidos do caso “Noite Branca” têm alguma ligação com a zona de Gaia, por morarem ou terem crescido lá. Mas alguma violência nos subúrbios da cidade não tem o mesmo impacto da suposta criminalidade no centro da cidade. Quando os media ligaram crimes violentos a um bairro em particular, foram buscar os meios de justificar as suas acusações. E

²⁴ Dominique Wolton (1999)

quando foi preciso um ângulo novo para a mesma notícia – “O retrato do bairro problemático do Porto – Ribeira dos gangues”²⁵ – voltaram para encontrar aquilo de que precisavam. Enaltecer e destruir reputações de pessoas, instituições e cidades é um poder da comunicação social, que neste caso, como em muitos mais, usa esta vantagem para mostrar o que quer. “A sociedade sente-se ao mesmo tempo assustada e lisonjeada por estas artimanhas, que alguma coisa devem ter que ver com o sadomasoquismo, já que as padecem em grande parte os menos que as fazem e sofrem e desfrutam ao mesmo tempo com elas.”²⁶ Um jornalista ou um editor, quando olham para os indícios do que será no futuro uma notícia, não vêem apenas informação a reportar, mas o ângulo que a dita notícia terá. O ângulo costumava ser o elemento de novidade que iniciaria a leitura da situação e interessaria a audiência. Hoje, tornou-se apenas uma das muitas maneiras de utilizar a mesma informação, para provocar uma determinada reacção num determinado público. “Falar a propósito”, como afirma Chomsky (1996), é essencial na comunicação, a uma audiência que tem os meios para fazer algo com essa referida informação. Mas como afirma o mesmo autor, não alivia a responsabilidade de dizer a verdade, tanto quanto possível, sobre assuntos relevantes. Estabelecer uma ligação inexistente na realidade não é correcto, e não dizer a verdade é pior para um jornalista. “Um clima exasperante de cinismo moral que se instalou entre muitos jornalistas. Ao amparo de grandes declarações sobre a liberdade de expressão, ou sobre o direito de informar, não são poucas as práticas de jornalismo sensacionalista, mendaz e injurioso que se utilizam com o único objectivo de vender mais, ganhar mais audiência, e finalmente, triunfar à custa da desgraça alheia” – palavras de Juan Luis Cebrián (1997), que fala na revolta de um jornalista com muitos anos de experiência, ao ver no que se torna a sua profissão. No entanto, ele é moderado, quando comparado com Manuel Vásquez Montalbán (1997): “E comunicar é persuadir, porque se explica entre dois termos potencialmente desiguais: o emissor - delinquente e o receptor – enganado. (...) A tecnologia de informação se tornou numa disciplina de caloteiros e (tornou) os estudiosos da comunicação em criminólogos de pretensão, para lá do bem e do mal do crime.” O autor Upton Sinclair, citado por Montalbán (1997), explica numa frase a sua opinião sobre os jornais diários, completando os autores anteriores: “Deixe-me explicar que compreendo perfeitamente a diferença entre os diários capitalistas. Alguns são desonestos; outros são capitalistas e outros mais capitalistas. Por grandes que sejam as diferenças entre eles e por habilmente que se pretenda fazê-las aparecer, não há um único que não sirva a interesses criados, que não tenha um objectivo capitalista;

²⁵ Anexo 16, Anexo 17, Anexo 18, Anexo 19 e Anexo 20

²⁶ Juan Luis Cebrián (1997)

pode fluir irregularmente, pode ter remoinhos e correntes em contrário, lugares de estancamento que se enganam durante um pouco, mas se se estuda essa corrente com suficiente tempo, se adverte que toda ela avança em uma direcção e que tudo o que vá na superfície se move com ela.”

Mais uma oportunidade de observação da cultura jornalística na prática foi o dia da Cimeira de Lisboa. Com todas as atenções voltadas para a capital, a redacção portuense esvazia-se. Parecem estar conscientes da inutilidade do esforço, uma vez que especiais de informação sobre este acontecimento ocuparão as páginas do *Diário* na edição seguinte. A televisão ligada todo o dia dava conta que mais nada teria importância no país. Mais uma vez, os jornalistas são uma espécie que prefere a vida em grupo; para onde vai um atrás da notícia, estão lá os outros, esquecendo-se do que mais acontece no mundo. A auto-legitimação justifica abandonar tudo o resto para noticiar o que já está a ser coberto por todos – para não ficar em desvantagem, para competir com os demais. A audiência fica saturada da mesma informação, mas antes disso, o jornalista fica saturado de informação. A opulência comunicacional²⁷ é algo de muito recente, que apesar de parecer bom para o público à primeira vista, acaba por ser pior. O excedente de “matéria-prima” disponível é bom para a demanda, no entanto, a qualidade acaba por piorar pela dificuldade em processar tudo. “Quanto mais fácil é, *tecnicamente*, fazer informação, mais dificuldades coloca o seu *conteúdo*. O que se ganha em facilidade técnica perde-se em significado.”²⁸ Como Ramonet (2007) explica, “a informação é tão abundante que é agora quase um quinto elemento”. O autor compara o que acontece hoje no mercado da informação com o que aconteceu com o mercado da alimentação: a comida já foi um bem escasso. Quando o Ocidente começou a produzir em grandes quantidades, graças à revolução tecnológica, descobrimos que muitos dos nossos alimentos estavam contaminados. As pessoas antes morriam de fome, agora podem morrer devido à comida contaminada. O paralelo é quase perfeito: antes não havia informação suficiente, hoje a quantidade de informação disponível (e até imposta) sufoca-nos e está contaminada de interesses. “Até que ponto poderá o cidadão ocidental absorver tanta informação, a maioria da qual nem lhe interessa, nem lhe diz respeito? O limite está do lado da recepção.”²⁹ Maior acessibilidade, muitas das vezes, significa diminuição da qualidade. Para um produto ser mais barato (logo mais acessível e produzido em maiores quantidades) tem de perder na qualidade. No fundo, nenhum consumidor quer isto, mas aceita

²⁷ Moles in Manuel Vasquez Montalbán (1997)

²⁸ Dominique Wolton (1999)

²⁹ Dominique Wolton (1999)

pela conveniência. “A quantidade e a qualidade do comunicado é mais determinante do que a qualidade do que se comunica e a sua identificação com as necessidades objectivas do receptor. Desta maneira se extirpou a possibilidade de uma consciência objectiva do bem e do mal referente à orientação histórica do receptor”³⁰

³⁰, Manuel Vasquez Montalbán (1997)

Como se cria um bom jornalista – continuação

Para um jornalista com alguns anos de experiência os contactos são essenciais, um avanço perante a necessidade de informações ou confirmações; ou seja, saber a quem perguntar e como perguntar, saber lidar com as fontes, é essencial para se conseguir o que se quer. Aprendi esta lição ao observar um jornalista do Diário de Notícias. Ele estava encarregue da volta e apenas era substituído por outra colega ou pelos estagiários quando estava fora. Mas mesmo os estagiários, que pouco mais fazem do que a volta e o pouco que fazem concentram-se em fazer bem feito, ficam na sombra de quem já conhece os relações públicas da GNR, da PSP e de outras instituições. Ele conclui as chamadas diárias com rapidez e encontra sempre algo de interesse - aconteceu falarmos com a mesma pessoa e eu não conseguir nada; enquanto ele tinha encontrado ocorrências. Certos agentes da GNR, de zonas mais interiores do país, mostravam desconfiança, perguntando-me o nome, onde trabalhava e como consegui aquele número de telefone. Na verdade, o trabalho dele assemelhava-se ao de um relações públicas. Não será extravagante um jornal dispor do serviço de um profissional de relações públicas, são profissões não tão distantes, trabalham ambas a informação e cada vez mais se aproximam. A dificuldade está em ter um relações públicas dentro da redacção, gerando assim um conflito de interesses. No entanto, o trabalho do jornalista cada vez se aproxima mais desta função no seu quotidiano. Seja pela maneira de lidar com as suas fontes, numa troca de conhecimentos e elogios para melhorar a cooperação de certos indivíduos e instituições; seja na relação com o público – ao lidar de forma diplomática com os detractores e de forma auto-promotora para com os leitores, na necessidade constante de afirmar a sua credibilidade no meio jornalístico. A prova de que a comunicação não está a cumprir a sua função de relatora, tanto quanto possível imparcial, é esta necessidade de se promover. “Uma das grandes doenças da informação é a confusão existente entre o universo das relações públicas e o da informação.”³¹ “Por todo o mundo actualmente, o público está cada vez mais desconfiado dos media; sentem que algo está errado no negócio de produção de notícias, e também dentro do próprio negócio. Essa desconfiança tornou-se em franca suspeita com alguns meios de comunicação. Todos nós sabemos que já não se pode confiar nos media, que a sua performance é incompetente e que – talvez sem nos darmos conta – eles transmitem mentiras descaradas como se fossem verdades

³¹ Ignacio Ramonet (2000)

manifestas.” As palavras de Ramonet (2003), num editorial do periódico *Le Monde Diplomatique* (“*Welcome to our new edition*”), ilustram bem o nível de desconfiança por parte do público. Não sabem porque os media mentem, mas acreditam que isso acontece e suspeitam que seja para servir interesses vantajosos à empresa, às fontes, às instituições e até mesmo ao Governo. E não podiam estar mais certos.

A reputação dos jornalistas é algo que eles próprios conhecem, mas poucos admitem; basta inquirir os cidadãos que normalmente a recepção é arrefecida pela desconfiança. Foi assim que aconteceu quando questionei moradores da zona histórica de Vila Nova de Gaia sobre a decisão de colocar câmaras de vigilância e limitar o tráfego automóvel no bairro. Como resultado do caso “Noite Branca”, o governo da cidade do Porto decide instalar câmaras de vigilância na zona da Ribeira para garantir a segurança dos moradores e prevenir a criminalidade violenta. Estando no processo de instalação deste equipamento, a mesma ideia surge para o outro lado do Douro. O objectivo da peça jornalística era reflectir a opinião dos moradores sobre a videovigilância e as novas limitações do tráfego motorizado na zona - o trânsito seria aberto apenas a moradores. Como a maior parte dos bairros antigos das cidades portuguesas, os habitantes são pessoas idosas que se instalaram ali há décadas. Fui procurar estes moradores e donos de comércio local e a opinião foi unânime: discordaram das medidas a implementar, principalmente o fecho ao trânsito, que prejudica obviamente o comércio e faz os mais velhos temerem pela sua segurança. Também não parecem concordar com os que caracterizam aquela como uma zona de risco. Todos afirmaram “nunca terem tido problemas” e queixaram-se do isolamento, que estas medidas apenas viriam a agravar. Pretendendo traçar um retrato algo fiel de uma área tão extensa levou a que percorresse quase todo o bairro durante a tarde. Quando a tarefa é dada como terminada, eu e o fotógrafo seguimos para a praia da Madalena, onde na noite anterior se deu um assalto. Encontramos um café, um negócio familiar, onde o dono nos contou tudo o que acontecera: dois indivíduos entraram na hora de fecho, pediram bebidas mas em vez de pagarem, resolveram levar a máquina registadora. O pormenor que levou à publicação da notícia foi terem deixado uma carteira com documentos pessoais para trás³².

A minha contribuição não se limitou a breves e casos de criminalidade, tive a oportunidade de escrever peças de interesse social. Na secção *Gente* foi publicada uma matéria sobre o comércio tradicional no Norte de Portugal, em que a cidade de Braga participava. Foi minha função

³² Anexo 26

entrevistar vários lojistas do centro da cidade, donos de comércios tradicionais que permanecem por décadas fazendo frente aos hipermercados³³. Durante uma manhã a palmilhar o centro, deparei-me com um comércio variado e activo, com algumas lojas abertas à mais de cinquenta anos. No final, apenas foi publicado um pequeno texto sobre uma das lojas; contudo, as minhas iniciais apareceram pela primeira vez. Este é um tipo de caracterização da população muito semelhante ao feito com os mercados do Bolhão e Bom Sucesso. Comerciantes tradicionais e vendedores são colocados na mesma categoria e olhados como uma raça em extinção. Isto terá certamente benefícios para os sujeitos se houver um esforço para “preservá-los”, mas será que se identificam com esta imagem? Assim como os vendedores do Mercado do Bom Sucesso, os comerciantes de Braga entrevistados estão todos inscritos na Associação Comercial da cidade, que defendem como auxiliadora do comércio tradicional, quando a Câmara Municipal continua a vender licenças para hipermercados e a construir “parques comerciais”, afastando os consumidores do centro.

A maioria dos textos elaborados por mim, breves escritas a partir de comunicados policiais, ocorrências da volta e takes da Agência Lusa foram publicados na secção *Portugal*, nas últimas páginas, entre a 23 e a 26³⁴. No entanto, sempre apreciei a oportunidade de contribuir para outras secções, embora estas fossem escassas. Uma delas foi a notícia de um roubo de fotografias nos Estados Unidos. Um funcionário de uma loja de reparação de computadores fez cópias de fotografias do casamento de dois actores americanos, que se encontravam no computador de um cliente. Entregou-as a um *paparazzo* que tentou extorquir uma avultada quantia ao casal pela devolução das fotografias. Acaba a história com o suicídio do chantagista e com uma pena de multa e prisão suspensa para o cúmplice empregado da loja.³⁵ Foi um dos maiores textos que escrevi, com 1600 caracteres, para a secção Gente. Um trabalho que consistia em tradução de uma notícia prévia e confirmação com outros sítios noticiosos na Internet. Teria sido uma notícia encarada com maior seriedade nos EUA e terá sido publicada em secções correspondentes; no entanto, na Europa (o texto era proveniente do canal online BBC) por se tratar de figuras conhecidas do *show bussiness*, o caso foi publicado nas páginas de entretenimento. O roubo de propriedade e o desrespeito pelos direitos de autor e de propriedade privada são ofensas graves, mas sendo os sujeitos figuras públicas, aparentemente, tratam-se situações espectáveis.

³³ Anexo 13

³⁴ Anexo 22

³⁵ Anexo 14

Já foi citado neste trabalho as dificuldades dos jornalistas de estabelecer contacto com as fontes, devido a problemas de credibilidade e falta de confiança por parte do público. A atitude dos media perante a vida privada de figuras públicas, como no caso acima descrito, não é abonatória para a profissão e começa a se generalizar no tratamento de pessoas (anteriormente) anónimas. A comunicação social tem, actualmente, trabalhado no sentido de auto-legitimação e auto-credibilização, numa estratégia de consolidação de leitores e de vencer a guerra das audiências. Por isso, quando apareceu este caso, surpreendeu-me a falta de esforço, para esclarecer a situação: Um indivíduo, fazendo-se passar por jornalista, entra nas mais importantes bibliotecas por toda a cidade do Porto; incluindo bibliotecas de faculdades e fundações, ambas públicas e privadas. Dezenas de exemplares raros e primeiras edições desaparecem e suspeita-se que este elemento os tenha vendido para alimentar o seu vício de estupefacientes³⁶. Trabalhando com a orientação da editora, primeiro consegui os números de telefone das bibliotecas, depois dos seus encarregados e conversei com cada um deles sobre que exemplares foram levados, as regras de segurança e o que teriam conseguido, até ao momento, as forças policiais na investigação do caso. Compilei páginas de detalhes que acabaram por se revelar inúteis na peça que foi publicada - um pequeno texto na secção Artes, nem sequer sendo feita uma continuação do caso, com mais detalhes sobre a recuperação dos livros. Um dos exemplares tratava-se da versão original de “A Mensagem” de Fernando Pessoa. Não será uma informação interessante para o público saber o paradeiro dos exemplares de obras singulares na nossa cultura?

Mas a perspectiva do estagiário parece nunca encontrar correspondência. Há certas ocorrências que parecem ser “becos sem saída”, não havendo mais detalhes e sendo matéria para apenas uma breve – digamos, cerca de 300 caracteres, incluindo espaços. Outras ocorrências há, que geram expectativa de ser um acontecimento importante. Particularmente essa é proveniente de partes interessadas, como por exemplo de sindicatos. Os números de adesão às greves, por exemplo, diferem muito dependendo se provêm de sindicatos ou do Governo. Neste caso passou-se algo semelhante: chegou à redacção um comunicado do Partido Comunista dando conta de uma manifestação a ter lugar em frente ao edifício da Câmara Municipal do Porto. Prometia ter “centenas de funcionários” em acto de “protesto, durante o dia”. No entanto, ao chegar ao dito edifício, não só não havia manifestação como quem estava à porta não sabia de nada. Disseram-me para perguntar nas traseiras. A segurança na porta traseira, a dos

³⁶ Anexo 28

funcionários, confirmou algo do género mas que já teria acabado. E “não pode entrar, tem de esperar cá fora”, para saber se alguma reunião ou encontro do género acontecia. Questionando alguns funcionários que entravam e saíam do prédio, consegui confirmação que daí a meia hora haveria uma concentração. No espaço de uma hora, começaram a formar-se grupos de pessoas e aproximo-me da porta. Um representante do PCP distribuía panfletos aos funcionários, mas ninguém quis parar para falar. Ele explica a causa, dá o seu depoimento e um panfleto. De regresso à redacção, acabo por escrever uma curta peça baseada no comunicado recebido, que acabava por ter mais detalhes que as notas colecionadas durante a saída. Os funcionários reclamavam o fecho da cantina do edifício do Paço Municipal, que os obrigava a gastar mais do que o subsídio de alimentação que recebiam, em refeições nos cafés circundantes. A Câmara insistia que haveria em breve uma nova cantina no edifício em frente, cujas obras não haviam ainda começado. Talvez pela influência do dito partido começa uma luta de classes: os funcionários reclamam as faltas de condições no trabalho e da displicência dos seus patrões, cujos salários aumentam e compram novos automóveis de uso oficial. No entanto, só foi notícia no jornal quando os funcionários tomaram acção. Uma oportunidade de uma fotografia ilustrativa: é isso o necessário para conseguir a atenção dos media³⁷. Organizandose em “cordão humano”, de mãos dadas abraçando o edifício da Câmara, os funcionários continuaram a luta pelos seus direitos. Entretanto, no interior decorria uma reunião entre os representantes de ambas as classes que procurava uma solução que agradasse a ambos.

Na recente onda de carjacking, descobrimos através da Agência Lusa, que um táxi foi roubado no Porto. Assaltos aos taxistas aparentemente não é novidade na segunda cidade do país, como vim a descobrir, no entanto, levarem o carro já não é tão comum³⁸. Será por efeito de um determinado assunto ser tratado na comunicação social que aparecem mais casos do género ou simplesmente os jornalistas que estão mais “atentos”? Uma ocorrência como esta coloca um problema para o jornalista: enquanto certos grupos são rápidos a disponibilizar informação, os taxistas formam um grupo unido e coeso, que não dispensa relatos, por vezes nem às centrais que os guiam. Foi isto que aconteceu nesta situação: os primeiros contactos feitos foram com as centrais, que não tinham sequer conhecimento do roubo do táxi. Seguiram-se as entrevistas a taxistas em dois pontos da cidade. Mostravam-se interessados em saber mais pormenores, mas quando questionados, não revelavam nada. Contactando a Federação Portuguesa de Táxis e a

³⁷ Anexo 30

³⁸ Anexo 29

Associação de Defesa e Protecção dos Motoristas da Cidade do Porto, consegui contactar o dono do automóvel. Este não se quis identificar, mas confirmou as informações da polícia. O motorista também não estava disponível para comentário. Aprendi que numa situação ligada a um grupo laboral tão coeso, o contacto com os órgãos representantes é o caminho mais curto. A protecção da vida privada é um direito inerente, e a notícia nos jornais, aparentemente, não lhes faz qualquer diferença, uma vez que os taxistas confiam uns nos outros para transmissão de acontecimentos deste género.

Caminhando já para o fim do estágio, no início de Fevereiro, encontro uma ocorrência de maior destaque: o assalto ao maior cemitério da cidade de Braga. Mantendo o hábito de leitura matinal, de cerca de meia dúzia de jornais, muitas edições eram visitadas nas versões online, duas das quais os jornais de Braga. Tratava-se de um roubo de peças de cobre. Numa altura em que o cobre tem grande procura no mercado por necessidade em países de forte industrialização como a China, à bastante tempo que escrevia regularmente breves sobre roubos de cobre. O DN fez um especial de duas páginas na abertura da secção Portugal contabilizando os prejuízos para particulares e empresas, como a EDP, que ascendiam aos milhões de euros. Contudo, o cemitério de Monte D'Arcos foi também vandalizado, indignando a população. A partir desta descoberta, o resto do dia foi passado em comunicações telefónicas com a Câmara Municipal de Braga, o dito cemitério e a PSP da cidade. Tentei conseguir mais pormenores sobre o caso mas as fontes oficiais nada divulgaram. Também tentei uma autorização para o fotógrafo de serviço retratar o local, mas foi sumariamente negada. Na escrita do texto desta notícia, tentei incluir a contextualização de recentes roubos de cobre, mas foi negado³⁹. Em situações anteriores semelhantes aconteceu o contrário: as notícias eram mais frequentes de acordo com a agenda, colocando-as em relação com a actualidade. Nesta situação, havia a consciência de saturação de um tema. A notícia teria definitivamente impacto na cidade em que ocorreu e para um jornal de carácter regional, no entanto, ganhou lugar no jornal pelo insólito e controvérsia causada.

No último dia de estágio, coube-me a cobertura da apresentação de um novo veículo ecológico, o Aerorider.⁴⁰ Em tournée pelas maiores cidades da Europa, uma empresa holandesa passou pela Avenida da Liberdade, no centro do Porto, graças a um acordo de cooperação tecnológica entre a marca e a Câmara da cidade. A novidade tecnológica é um motociclo que funciona a energia

³⁹ Anexo 27

⁴⁰ Anexo 31

eléctrica e por “impulso humano” (pedais), com capacidade para apenas um passageiro e design aerodinâmico. Entrevistei os representantes da empresa e registei as reacções dos portuenses que tiveram a curiosidade de se aproximarem. Nesta ocorrência, fui enviada separadamente do fotógrafo – o que é mais frequente do que jornalista e fotógrafo comparecerem juntos. Esta foi uma situação que colocou-me uma interrogação: qual era o meu papel ali? Relatar um avanço tecnológico, promover uma empresa, um produto, ou a Câmara Municipal que os trouxe até à cidade? O que era esperado na notícia? Um dos maiores problemas de confiança do público em relação aos media, é exactamente isto: não sabemos distinguir reportagem de “publireportagem”, não sabemos se foi um jornalista a escrever o texto ou um relações públicas, ou publicitário. Não foi a única ocasião em que senti esta confusão de papéis; quando numa conferência de imprensa do festival de cinema Fantasporto, fui abordada com ofertas de patrocinadores e informação sobre o festival, ao ponto de ter sido incluído no pacote de ofertas um texto sobre o evento em tom jornalístico. Onde é que está o limite entre a promoção de um evento e a reportagem sobre o acontecimento? Tentando fazer por encontrar a relevância destes acontecimentos e tentando responder ao que era pedido, é difícil atingir o equilíbrio, que penso ter resultado em algo mais próximo da promoção, principalmente no caso do Aerorider.

A minha passagem pelo Diário de Noticias teve exactamente três meses e parece ter passado quase despercebida pelos jornalistas com décadas de trabalho, habituados a estagiários entrando e saindo, novas caras sempre a aparecer. Apesar de pouco trabalho ser acessível a um estagiário, a oportunidade de aprendizagem, estando atento, é maior do que se espera. Ver o que a profissão é por dentro e o que ela faz às pessoas que nela trabalham – ou antes, como os jornalistas se deixam moldar pelo trabalho - é uma oportunidade que como já referi, desmitifica a ideia que trazemos das aulas e que os próprios meios de comunicação propagam sobre si.

A questão da assinatura

No primeiro dia de estágio avisaram-me que não haveria muito para fazer, uma vez que não poderia assinar os textos que escrevesse. Em resumo, não tendo carteira de jornalista não poderia assinar, e como textos não podem ser publicados sem assinatura, não vale a pena escrevê-los. No entanto, com o tempo, a questão revelou ser mais complicada. Os textos chamados “breves”, normalmente não têm assinatura, por isso foi o que escrevi com mais frequência. Depois, passei a colaborar com artigos de outros jornalistas⁴¹. Então, algo inesperado aconteceu: a editora liga-me para confirmar o meu sobrenome para assinar o texto que fiz sobre o comércio tradicional em Braga. Mesmo assim, só assinei (ou aliás, assinaram por mim) as minhas iniciais “C.C.”. O outro estagiário, que quando saí substituía uma jornalista em licença de parto, explicou-me que “C.C.” poderia ser qualquer pessoa – haveria até alguém com as mesmas iniciais; ou seja, seria justificável. Inquiri junto dos meus colegas se o mesmo estaria a acontecer com eles. Uma colega de turma a estagiar no *JN*, apenas seis andares por baixo da redacção onde estava, assinava tudo o que fazia. E também os que estagiavam n’ *A Bola* e n’ *O Público*. Procurei então, por alguém que tivesse estagiado na mesma redacção que eu. Uma colega descreve a sua experiência no relatório, explicando que se comunicou com a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, após notificarem o jornal de que ela não poderia assinar, isto tendo decorrido já metade do estágio. Segue-se uma troca de informações contraditórias entre a colega, a editora e a CCPJ, relatadas ao pormenor. A situação ficou sem resolução e a estagiária impedida de assinar o resto do estágio. Estas situações são espelho da confusão que reina nesta profissão. Um estagiário só pode pedir uma carteira provisória com um estágio de doze meses – o que deixa os outros em situação indefinida. Não poder assinar os textos é algo que compromete as oportunidades do estagiário de aproveitar a experiência, e a importância da assinatura é, no entanto, relativa. “O valor de uma assinatura é muito limitado. Nem a minha mãe repara na assinatura dos artigos que eu escrevo. O que interessa é o conteúdo.”⁴²

⁴¹ Anexo 1

⁴² Jeff Jarvis in *Público*, 21/04/08

A crise que vivemos

Por mais que se debata a veracidade de existir uma crise no jornalismo, o facto é que algo está mal no sector. As vendas de periódicos descem vertiginosamente, independentemente de qual seja o meio de que falamos – de referência ou tablóide. Os lucros das empresas jornalísticas nunca atingiram números tão baixos e até no Japão, o país em que se vendem quase tantos jornais como existem adultos no território, as vendas descem. As causas analisadas para esta situação são múltiplas. “Esta crise tem também causas internas, que se devem na maior parte à falta de credibilidade da imprensa escrita. Uma razão séria é a tomada da imprensa por grupos industriais que tanto controlam a economia como têm ligações com aqueles que controlam a política. Outra razão é a parcialidade, a falta de objectividade, as mentiras, a manipulação e a fraude aumentar. Não tenhamos ilusões que alguma vez houve a “era dourada” da informação, mas estes excessos afectam até a imprensa de qualidade.”⁴³

“Não existem escrita, filmes e transmissão que não tenha sido manipulada. A questão não é, então, se os media são manipulados, mas quem os manipula. Um plano revolucionário não deve requerer a extinção dos manipuladores; pelo contrário, deve fazer de cada um de nós manipuladores.”⁴⁴ As palavras de Hans Magnus Enzensberger ilustram a utilização repressiva dos media, como é melhor explicada no sumário das suas ideias, feito por R.G. Davis (1975), em “*Uma análise marxista dos media*”, publicada na revista de crítica mediática contemporânea Jump Cut (online). De acordo com o autor, o uso dos meios de comunicação é repressivo, pelas suas características: os programas são controlados centralmente, há apenas um transmissor para múltiplos receptores; os indivíduos isolados são imobilizados, exibem um padrão de consumismo passivo; o produto dos media é des-politizado, cuja produção é assegurada por especialistas; e o controlo é dos proprietários ou burocratas. Nesta pequena lista, vemos as características dos media tradicionais e a diferença de perspectiva trazida pela Internet, que pretende – e consegue – reverter todos estes tópicos.

⁴³ Ignacio Ramonet (2005)

⁴⁴ Davis, R.G. (1975) in Jump Cut

Internet

Disponibilizar a Internet para consumo particular tinha como objectivo democratizar o que até aí era uma aplicação do exército americano. Mais do que isso, tem sido “liberalizada”. Temos aumentado o seu efeito revolucionário aderindo em massa e rapidamente fazendo dela o meio mais abrangente, mais barato e também mais acessível. Actualmente, a Internet é largamente considerada responsável pela crise na imprensa jornalística. O público deixa de comprar jornais porque na Internet são gratuitos. Os jornais colocam, então, informação nos seus sítios, sob subscrição paga. Os leitores voltam-se para portais generalistas, que não cobram nada, uma vez que têm um apoio de lucros publicitários suficiente. Também os blogues substituem os jornais, fazendo o seu trabalho, com a vantagem de não estarem presos ao ideal de objectividade nem a responsabilidades corporativas. Contraditoriamente, os bloguistas estão a ganhar mais credibilidade do que a imprensa. Quando os cidadãos procuram as causas de uma situação, muitos procuram directamente os blogues, pois acreditam que a informação da comunicação social está “contaminada” com versões “oficiais” e declarações feitas com o propósito não de esclarecer, mas de enganar (fenómeno já muito comum nos EUA, por exemplo, com o *Drudge Report*). Muitas vezes os blogues falam da realidade local e nacional mais a fundo do que a imprensa escrita – que tradicionalmente era procurada exactamente por esta função. Cria-se uma verdadeira animosidade entre os meios, quando poderia haver colaboração mútua. A Internet, no geral, e em especial nos motores de busca, constituem a distribuição de conteúdo. Ainda é preciso que alguém crie o conteúdo. Pode haver uma crise do papel, mas não dos jornalistas. Um paralelismo no conflito entre tradição e inovação, é encontrado também nas grandes empresas da Internet: “o Yahoo é a última empresa dos velhos media. Está construído sobre um modelo antiquado dos media: controlam o conteúdo e aplicam técnicas de marketing para atrair as pessoas. Já o Google é distribuído. Não lhe interessa onde está. Está em toda a Internet.”⁴⁵ Em Abril de 2008, foi publicada uma entrevista no jornal *Público* com o bloguista e jornalista americano Jeff Jarvis. Questionado sobre a crise do jornalismo e aqueles que, como na invenção da televisão pensaram que os jornais iriam acabar, ele responde: “Há um papel para os jornalistas, que é editar, gerir (“curate”), talvez até ser educadores, ajudar as pessoas a fazer jornalismo melhor. A ideia de que as instituições são donas do jornalismo, isso vai acabar. Mas não quer dizer que vá acabar o jornalismo.” Jarvis afirma acreditar no jornalismo colaborativo, uma vez que o processamento da informação é tarefa jornalística, mas o recolha de dados já

⁴⁵ Jeff Jarvis in *Público*, 21/04/08

não. A procura e recolha de informação são algo que todos podemos fazer; até a opinião de especialistas pode ser manifestada online directamente para o público, sem que o jornalista a publique. Mas “ser capaz de descobrir o *lead*, de encontrar a essência, de condensar a informação”⁴⁶, é uma tarefa que cabe ao profissional. Este é um modelo em que o público é activo na procura da informação. Os bons jornalistas, segundo Jarvis, estão a usar a Internet como ferramenta para perguntar aos leitores quais são as perguntas que devem fazer, incluindo-os no processo. O jornalista questiona, então, pelo uso abusivo da Internet, ao que Jeff Jarvis responde: “Percebi que, se dermos escolhas às pessoas, no longo prazo – no curto prazo, nem sempre – as coisas boas vão sobreviver. É esse o motivo pelo qual os livros clássicos sobrevivem. A Internet é uma extensão disso. Com mais escolhas, mais controlo nas mãos das pessoas, o que é melhor virá à tona.” Suportando esta afirmação, o escritor Nicholas Carr (citado pelo jornalista do *Público*, na entrevista) explica que “na Internet cada notícia vale por si” e que as notícias são financiadas umas pelas outras – as que atraem publicidade sustentando as que não o fazem. A maneira como fazem isto é através do marketing “pessoal”, da auto-promoção; contudo, aqui procura-se chamar a atenção para o conteúdo do texto, em vez de elogiar a indústria por trás dela: “Escrever títulos é marketing. Há técnicas. Dois exemplos: quando se tem uma boa citação, deve-se ir à Wikipédia e inserir essa citação. E quando se escreve sobre alguém que tem um blogue... Será legítimo pedir a essa pessoa que faça um *link* para o artigo? O *New York Times* re-escreve os títulos para que sejam encontrados pelos motores de busca. Isso não é necessariamente mau. Mas é uma forma de marketing. Outra coisa que fazem é ver quais os temas mais procurados e escrever um artigo sobre isso. Por um lado, isso parece mau. Por outro, se as pessoas têm uma questão, querem uma resposta.”

Jornais gratuitos

Se alguns meios culpam a Internet pela crise, outros apontam o dedo igualmente aos jornais gratuitos. É verdade que estes trazem uma espécie de concorrência difícil de acompanhar; estão a pensar em termos de lucro gerado pela publicidade, tornando-se o mais acessível meio impresso ao público. Os gratuitos têm maior audiência, pela distribuição generalizada, ausência de custo e notícias concisas, feitas para serem lidas nos transportes públicos. Entre a escolha de comprar o jornal e simplesmente aceitar um que é oferecido no metro, nas paragens e sinais de trânsito, a escolha vai recair nos gratuitos. “Todavia, verificou-se um aumento das tiragens das

⁴⁶ Jeff Jarvis in *Público*, 21/04/08

edições de fim-de-semana dos jornais de referência espanhóis, porque a imprensa gratuita criou hábitos de leitura. Aos sábados e domingos não são distribuídos os jornais gratuitos, por isso, as pessoas começaram a comprar diários nesses dias. A imprensa gratuita tem também, deste modo, "uma função sociológica, que é a de criar hábitos de leitura", salienta Francisco Pinto Barbosa (actual administrador do gratuito *Destak*, citado no *DN* pela jornalista Madalena Esteves, 18/04/2005).⁴⁷No entanto, as empresas de comunicação descrevem-nos como enganadores: "O termo gratuito é mentira uma vez que leva alguns leitores a pensar que as notícias não custam nada, enquanto que os jornais gratuitos são pagos por uma taxa de publicidade que está incorporada no preço de tudo o resto que compram."⁴⁸ Tendo os jornais gratuitos mais audiência, os publicitários recorrem a estes para os seus anúncios. Assim, para além de pouco venderem, as subscrições serem poucas, agora os diários perdem a publicidade – a sua maior fonte de capital; e principalmente na secção dos classificados, a especialidade dos jornais diários, que também trazem uma grande fatia de capital ao meio. Os restantes jornais têm combatido as fracas vendas com ofertas diárias: faqueiros, enciclopédias, DVD's, fascículos e bijutaria. O Diário de Notícias ofereceu CD-ROMS de aprendizagem de línguas estrangeiras nos primeiros meses do ano. Parece ser uma estratégia relativamente eficaz, dependendo da qualidade do produto oferecido; garantindo vendas do periódico enquanto a promoção durar.

Falta de confiança dos leitores

Existem várias explicações para a falta de confiança da audiência nos meios de comunicação social: a falta de objectividade, a regular exposição da vida privada, a fixação em certos indivíduos, instituições e temas e a rapidez com que condena suspeitos - mas principalmente, o sensacionalismo. Este pode ser encarado como uma espécie de publicidade enganosa, que exagera os factos para prender a atenção do leitor ou ouvinte ou telespectador. O efeito do sensacionalismo é como um remoinho que não apanha só o público mas também os jornalistas; nos jornais, as primeiras páginas começam a assemelhar-se por todos os meios cobrirem as mesmas notícias – não só por competição, mas por acreditarem que pouco mais tem importância nesse momento. O leitor apenas se apercebe de como era o jornalismo de qualidade quando se depara de novo com ele, e isso é cada vez mais raro. O poder de exagero da comunicação social vai além de apenas concentrar as atenções num determinado ponto, altera a percepção dos assuntos. "Por mais de um ano a imprensa tem criado uma atmosfera

⁴⁷ "Jornais gratuitos cativam público..." (18/04/2005) in Diário de Notícias

⁴⁸ Ignacio Ramonet (2007)

de medo com imagens de bombardeamentos, massacres e tomadas de reféns.”⁴⁹ No entanto, os números da violência têm baixado. É difícil de acreditar vendo os telejornais diariamente, mas nunca tivemos ocorrências tão baixas de violência política. Olhando para o panorama geopolítico actual e comparando-o com 25 ou 30 anos atrás, o mundo encontra-se bastante pacífico. Quase todos os grupos de protesto radicais envolvidos em conflitos armados desapareceram. Existem agora apenas uma dúzia de focos de violência no mundo inteiro; e claro, o Islão radical, dedicado à luta armada, é um movimento recente que se colocou no centro da atenção internacional. Mas mesmo os seus actos de violência espectacular não escondem que os conflitos políticos armados são bastante menos frequentes. O modo como os media tem lidado com esta situação coloca o mundo ocidentalizado em constante alerta. A televisão possui a primazia neste aspecto, pela sua facilidade de criar o espectáculo e porque a sua tecnologia permite transmitir imagens instantaneamente – a maneira mais rápida de recolha e disseminação de notícias. Mas isto cria um problema para a imprensa que é obrigada a seguir a televisão, tentando pelo meio de palavras, com descrições, confissões e testemunhos suscitar as emoções que a televisão consegue. Nesta perspectiva, “ a apresentação e o embrulho ganharam maior importância do que a verificação de factos.”⁵⁰, ocorrendo erros, então, muitas vezes grosseiros, como publicar uma fotografia de uma pessoa inocente como sendo arguida de um caso de crime organizado. Kapuscinski (2008) relata uma pequena história que ilustra os bastidores “desconhecidos” da recolha de informação, do tipo que qualquer estagiário terá uma semelhante para contar: “ (...) O nosso conhecimento da história não se refere à história real, antes à história criada pelos meios de comunicação. Tenho plena consciência disso porque trabalho no campo da informação. Colaboro com equipas de televisão e sei como trabalham. Recordo-me, por exemplo, de que em Moscovo, durante o golpe de Estado de 1991, os operadores de câmara e repórteres das televisões, depois de alguns dias, já estavam cansados: o tempo estava horrível, chovia, fazia frio. Quando sucedia algum acontecimento importante, as equipas reuniam-se, punham-se a beber vodka ou outra coisa qualquer e acordaram entre si não relatar nada. E se os acontecimentos não eram referidos na televisão, era como se não tivessem ocorrido. Esses bons rapazes decidiam se a história acontecia ou não.” O poder que o jornalista tem em relatar ou não e em como relata a informação, não deve ser encarado como uma escolha, mas como uma responsabilidade. Não deveria haver a possibilidade de ver os factos de

⁴⁹ Ignacio Ramonet (2002)

⁵⁰ Ignacio Ramonet (2005)

forma diferente, apenas como se apresentam e dentro do seu contexto. A relação do público para com o jornalista é uma de confiança; depositam nele a esperança que os informe adequadamente, quem não tem acesso às informações. Informar-se e expressar-se são direitos, mas ser informado também – é isso que responsabiliza o jornalista.

O público em geral tem a consciência de que muitas vezes a comunicação social cede a pressões políticas e económicas, deixando de ser o “quarto poder” que uma vez foi. Mas será que tem conhecimento que os media hoje são empresas, e que como todas as outras têm de gerar lucro para se manterem activas? “Estas grandes companhias estão tão preocupadas com o seu crescimento, que significa que têm de desenvolver relações com outros estados na sociedade, o que os impede de agirem como “quarto estado” com um objectivo cívico e um compromisso de denunciar abusos dos direitos humanos. Não estão interessados em corrigir o mal funcionamento da democracia e em criarem um melhor sistema político. Não têm interesse em ser o “quarto poder” e menos ainda em serem o poder de resposta. E mesmo quando constituem um “quarto estado”, esse estado é apenas uma adjunção do poder político-económico existente e opera como um suplemento, poder mediático para esmagar as pessoas.”⁵¹

As agências noticiosas

Os profissionais quase invisíveis desta profissão, que raramente são mencionados e creditados nas peças e artigos, são os jornalistas a serviço das agências noticiosas; realçando aqui o caso da *Agência Lusa*. O público em geral não tem consciência destes trabalhadores que muitas vezes são quem realmente se esforça. A partir dos seus computadores na redacção os jornalistas dos outros meios têm acesso a notícias e *press releases* por parte de agências noticiosas. Um programa reúne as informações por hora de chegada e torna o trabalho do jornalista mais fácil; e antes dos computadores, eram os faxes e telex. Mas não era esta a intenção das novas tecnologias, a de facilitar a este ponto a tarefa jornalística. A Internet e as muitas inovações a ela associadas podem ser de uso para facilitar o acesso, a cobertura, a difusão de notícias e criar novos estilos de comunicação. Assim como no dia 11 de Maio deste ano, em que um violento terramoto devastou a China, as informações foram dadas antes de qualquer canal noticioso pelos utilizadores do *Twitter*, uma aplicação de *micro-blogs*. A

⁵¹ Ignacio Ramonet (2003)

intenção das evoluções tecnológicas no jornalismo não era fazer dela mais uma actividade burocrática e sedentária, sem contacto com o mundo exterior. Mesmo sendo uma força de trabalho que serve milhares de jornais, televisões e rádios, não são normalmente creditados pela sua parte do trabalho e também não escapam à crise. Ser um profissional de uma agência noticiosa não tem o tipo de regalias de que os jornalistas dos outros meios possuem, basta lembrar que os seus nomes raramente são publicados pelos meios que usam o seu trabalho. Não só não é eticamente correcto por parte dos jornalistas sob as grandes empresas de comunicação, como não é uma atitude de clareza para com o público.

Como será o futuro da comunicação?

Regressando às ideias de Hans Magnus Enzensberger, o autor contrapõe, ao uso repressivo dos meios de comunicação, medidas de emancipar o uso dos media: descentralizar a programação, tornar cada receptor um potencial transmissor, mobilizar as massas; permitir a interacção entre os envolvidos, havendo feedback mútuo; tornar a comunicação um produto colectivo e fazer dela um meio de aprendizagem política e de controlo social – através da auto-organização. Já são mudanças a ser operadas no nosso tempo, por via da Internet, que mostram às sociedades o poder da comunicação ao alcance de cada um de nós. As ideias de Enzensberger datam da década de 1960, mas o autor conseguiu vislumbrar o futuro, que nós conseguimos atingir por meio do verdadeiro socialismo aplicado à comunicação. Uma corrente de ideias que se manifesta em outros autores, como Chomsky, contra o neoliberalismo: “Os poderes da oligarquia tradicional e os clássicos reaccionários juntaram-se agora ao poder dos media. Com apenas uma voz, afirmando que falam em prol da liberdade de expressão, os media atacam qualquer coisa que defenda os interesses da maioria. Essa é a face mediática da globalização, e revela a sua ideologia na maneira mais clara e caricatural. Os meios de comunicação massificados e a liberalização económica agora estão intimamente ligados. É por isto que é urgente analisar como a população mundial poderá exigir uma abordagem mais ética dos maiores grupos mediáticos, requerendo um compromisso com a verdade e o respeito pelas regras de conduta, para que os jornalistas possam operar de acordo com as suas consciências em vez dos interesses dos grupos, companhias e editores que os empregam.”⁵²A resposta de Ignacio Ramonet a esta questão é a criação de um organismo, também a nível mundial, de vigilância dos meios de comunicação, a *Media Watch Global*. “ Vai finalmente dar às pessoas

⁵² Noam Chomsky (1996)

uma arma cívica e pacífica contra o super-poder emergente das grandes empresas de *mass media*.”O autor justifica a necessidade de tal instituição com a explicação: “A liberdade de constituir empresa não pode justificar o desdém pelo direito do público a notícias rigorosamente investigadas e verificadas, nem pode ser um álibi para a difusão de notícias falsas e difamação deliberadas.”⁵³Encontramo-nos numa encruzilhada; as alternativas deixadas à comunicação são evoluir, principalmente a nível ideológico, ou a própria audiência caminhará noutra direcção. “O jornalista é simplesmente alguém que é deslocado de um lado para o outro consoante as exigências da cadeia de televisão. Mas o mais importante é o facto de os meios de comunicação, a televisão, a rádio, estarem interessados em vencer a concorrência e não em reportar o que sucede. Por conseguinte, os meios de comunicação criam o seu mundo e este torna-se mais importante que o mundo real.”⁵⁴

⁵³ Ignacio Ramonet (2003)

⁵⁴ Ignacio Ramonet (2000)

Conclusões

Penso ser inútil defender algo tão obviamente benemérito ao jovem licenciado como o estágio, que para além de fornecer a experiência prática tão valorizada, usa o exemplo como método de aprendizagem. Conviver com os profissionais e sentir as pressões diárias a que se sujeitam possui uma dimensão de realidade incomparável ao relato. E vivenciar isto ao abrigo da instituição é uma facilidade, hoje em dia, fundamental.

A crise vivida pelo jornalismo é algo exacerbada pelos proprietários e jornalistas, quando se trata de uma situação natural e espectável. De acordo com Karl Marx, a crise é a fase precedente à evolução para um estágio seguinte, mais resolvido. Traçando o paralelo entre o estagiário e o jornalismo, ambos atravessamos fases de choque e conflito, para posteriormente, alcançar um estado de maior resolução, em que o crescimento enquadra-nos no mundo em evolução. Assim como a rádio não acabou com o aparecimento da televisão, o jornalismo não vai acabar com o aparecimento da Internet. As massas exigem uma total liberalização da cultura, recusando-se a pagar tão caro por conteúdos de entretenimento e informação. O mercado cultural é que está em crise, mas alcançaremos uma solução a meio caminho para proprietários e público. Apenas se os empresários se recusarem a admitir o poder decisório e de contornar situações da audiência é que sairá a perder.

Bibliografia

Livros

Cebrián, Juan Luis (1997) – “Cartas a un joven periodista”, Planeta, Barcelona

Chomsky, Noam (1996) – “Powers and prospects: reflections on human nature and the social order”, Pluto Press, Londres

Kapuscinski, Ryszard (2002) – “Os cínicos não servem para este ofício – Conversas sobre o bom jornalismo”, Relógio D'Água Editores, Lisboa

Montalbán, Manuel Vasquez (1997) – “Historia y Comunicación Social”, Critica, Barcelona

Ramonet, Ignacio (2000) – “A Tirania da Comunicação”, Campo das Letras, Porto

Wolton, Dominique (1999) – “Pensar a comunicação”, Difel, Lisboa

Internet

Artigos

Barbosa, Francisco Pinto, citado por Madalena Esteves – “Jornais gratuitos cativam público...”, *Diário de Notícias*, 18 Abril 2005,

<http://dn.sapo.pt/2005/04/18/media/jornais_gratuitos_cativam_publico.html>

Davis, R.G. – “Hans Magnus Enzensberger - A Marxist media analysis”, *Jump Cut*, 1975, nº8,

<<http://www.ejumpcut.org/archive/onlinessays/JC08folder/Enzensberger.html>>

Jarvis, Jeff., Entrevista com João Pedro Pereira e Pedro Ribeiro – “Jeff Jarvis: no jornalismo, as boas ideias são do público”, *Público*, 21 Abril 2008.

<<http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1326487&idCanal=61>>

Editoriais

Ramonet, Ignacio – “A less free press”, *Le Monde Diplomatique*, Dezembro 2002,

<<http://mondediplo.com/2002/12/01press>>

--, "Final edition for the press", *Le Monde Diplomatique*, Janeiro 2005,
<<http://www.lemonediplo.com>>

--, "Free papers or a free press", *Le Monde Diplomatique*, Janeiro 2007,
<<http://mondediplo.com/2007/01/01press>>

--, "Set the media free", *Le Monde Diplomatique*, Outubro 2003,
<<http://mondediplo.com/2003/10/01media>>

--, "The social wars", *Le Monde Diplomatique*, Novembro 2002,
<<http://mondediplo.com/2002/11/01socialwars>>

--, "Welcome to our new edition", *Le Monde Diplomatique*, Março 2003,
<<http://mondediplo.com/2002/11/15welcome>>

Sítios Web

Diário de Notícias : <http://dn.sapo.pt/>

Jornal de Notícias : <http://jn.sapo.pt/>

Wikipédia : <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>

Weblogue

"Comunicar a direito ; debater e reflectir sobre os poderes, as funções e as leis da comunicação social":

<http://comunicaradireito.esta.weblog.com.pt/arquivo/2004/12/nova_direccao_d_1.html>

Anexos

Vila Pouca de Aguiar. Um homem morreu vítima de uma explosão ocorrida ontem numa pedreira do concelho de Vila Pouca de Aguiar. As explicações para o acidente são escassas, não sendo ainda claro se o homem era o responsável pelo carregamento da dinamite para levantar granito

Explosão de dinamite mata trabalhador



No concelho transmontano são extraídos cinco milhões de toneladas de granito por ano

GNR garante que funcionário estava habilitado

PAULO SILVA REIS, Chaves

Um homem de 29 anos morreu ontem vítima de um acidente de trabalho numa pedreira, situada na localidade de Barrela, no concelho de Vila Real, é a vítima mortal deste acidente de trabalho, ocorrido a meio da manhã de ontem, na pedreira da Graniferreira, em Barrela, Vila pouca de Aguiar.

Na pedreira, apurou o DN junto da GNR, a essa hora, um funcionário especializado e devidamente documentado, colocava cargas de dinamite para fazer levantamento de blocos de granito. De acordo com a mesma fonte, uma das pedras, de grandes dimensões, foi projectada e caiu sobre

a cabeça de Cláudio Vilela, que teve morte imediata.

Outra versão circulava nas imediações deste local de extração de granito. Um indivíduo, que pediu para não se identificar, afirmou que foi o próprio Cláudio Vilela a manusear a dinamite na altura da explosão. De acordo com os bombeiros, o homem morreu "em virtude de estar a levantar material explosivo". Tudo indica que estivessem duas pessoas no local,



Manuseamento de material explosivo tem regras rigorosas

O emprego de produtos explosivos na exploração de minas e pedreiras carece de regras e só pode realizar-se por **pessoal habilitado com cédula de operador** passada pela Comissão de Explosivos. Segundo o Manual de Utilização de Explosivos em Explorações a Céu Aberto, elaborado pela Divisão de Minas e Pedreiras do Instituto Geológico e Mineiro (totalidade das recomendações

disponível em http://e-Geo.inet.ipt/geociencias/edicoes_online/diversos/explosivos/indice.htm), a sua aquisição e emprego implica autorização do Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública, sendo as entidades que os utilizam responsáveis por quaisquer acidentes que daí resultem. Em terrenos muito molhados ou em que exista algum aquífero, os cartuchos devem ser



impermeáveis e o rebentamento feito o mais rapidamente possível, assim como não é permitido manusear, utilizar ou permanecer junto de explosivos durante a aproximação ou decurso de uma trovada. Quando é feito carregamento de explosivos, os furos deverão ser cuidadosamente limpos, no sentido de eliminar os detritos resultantes da perfuração, bem como a água.

OUTROS CASOS NOS ÚLTIMOS ANOS

Sector regista muitos acidentes de trabalho, na sua maioria de consequências graves

- 1 Quatro homens gravemente feridos na sequência de uma explosão em pedreira em Castro Verde, a 10 de Janeiro deste ano.
- 2 No dia 28 de Junho de 2007, trabalhador de pedreira de Penafiel sofreu lesões nas mãos e algumas queimaduras devido a explosão.
- 3 A 6 de Dezembro de 2006, um trabalhador sofreu a amputação de um braço num acidente em Rio Maior, quando laborava junto a um tapete rolante de transporte de carga.
- 4 Um homem de 46 anos morreu entalado, em Dezembro de 2005, num tapete rolante de uma pedreira em Silves.

Durante o dia, junto à pedreira vivia-se um ambiente pesado. Com a laboração interrompida, à entrada das instalações havia uma retro escavadora e vários blocos de pedra a vedar o acesso a estranhos, não tendo nenhum responsável mostrado disponibilidade para explicar os contornos do acidente. No entanto, durante grande parte do dia técnicos da Inspeção-Geral do Trabalho, da delegação da Vila Real, estiveram no local, tendo sido aberto um inquérito que irá apurar as causas do acidente.

Os proprietários da empresa Graniferreira, contactados pelo DN por telefone, garantiram ter os seguros em dia e mostraram-se chocados com o que aconteceu ao seu funcionário.

O concelho de Vila Pouca de Aguiar produz cinco milhões de toneladas de granito por ano e gera riqueza de cerca de 30 milhões de euros, números que projectaram e têm sido a principal fonte empregadora na região. De acordo com António Sarmento, comandante dos bombeiros locais, não existe ano em que não se registem acidentes "em pedreiras - nem sempre mortal, mas "sempre com gravidade".

Mealhada. Levaram material dentário

Dois homens, com 35 e 51 anos, foram identificados pela GNR da Mealhada, na terça-feira, por suspeita de furto de material utilizado para produção de próteses dentárias. Os indivíduos tinham em sua posse artigos avaliados em 3500 euros, furtados no dia 7, em Coimbra, e estavam a tentar vendê-los numa clínica dentária, na Mealhada.

Lisboa. Despiste faz um ferido grave

Dois pessoas ficaram feridas, uma delas com gravidade, na sequência do despiste do automóvel em que seguiam, ontem, no viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa, pelas 13.30. O acidente, que ocorreu no sentido Lisboa/Cascais, provocou a destruição completa do veículo e o derrube do separador central. O trânsito foi temporariamente cortado.

Mortágua. Colisão provoca um morto

Uma pessoa morreu e outra ficou ferida sem gravidade num acidente em Mortágua, ocorrido ao início da tarde de ontem. Às 14.24 dois veículos ligeiros colidiram na saída do IP 3, após o desrespeito de um sinal Stop. Os bombeiros voluntários locais acorreram ao local e procederam à desobstrução da via.

Lisboa. Furtou carro e não tinha carta

Um homem de 20 anos foi detido na quarta-feira, em Lisboa, pela PSP. Foi apanhado na Rua Vasco da Gama Fernandes, pelas 23.55, a conduzir, sem carta, um veículo furtado. Tinha ainda na sua posse 15,22 gramas de haxixe. Um menor, de 15 anos, que o acompanhava, foi identificado e entregue à família.

Alenquer. Colisão fere militar da GNR

Uma colisão entre um veículo pesado de mercadorias e uma viatura da

Vila Verde. Dois jovens suspeitos continuam a monte

GNR que encontrou jovem vai ter apoio psicológico

Militar tem 23 anos. Foi encontrado em pânico por populares

SUSANA PINHEIRO, Braga

Um dos dois militares da GNR envolvido na perseguição que culminou com a morte de um jovem de 16 anos, na madrugada de quarta-feira, em Turiz, Vila Verde, poderá ser alvo de acompanhamento psicológico, soube o DN junto de fonte policial. O agente, com 23 anos, e três de serviço, ficou "muito abalado" por Rui Samuel Marques ter perdido a vida mesmo à sua frente. A mesma fonte garantiu que GNR "não disparou um único tiro". Os outros dois indivíduos, conhecidos por Giga e Lelo, suspeitos de terem assassinado o colega, continuam a monte.

Durante a tarde de ontem, o militar esteve reunido com o comando de Braga, mas, até à hora de fecho desta edição, não foi possível apurar qual o resultado do encontro. Segundo fonte da guarda, que "o psicólogo do Comando do Grupo Territorial da GNR de Braga está disponível para acompanhar o militar" e, assim, avaliar o seu estado. Até porque, adiantou, "a situação não foi agradável e ele ficou abalado com a morte do rapaz de 16 anos", assegurando que "não disparou um único tiro".

Dos dois militares que, desde Soutelo até à freguesia vizinha, Turiz, perseguiram de jipe os quatro indivíduos, que seguiam num Fiat Uno - furtado, em Real, Braga e entretanto entregue aos proprietários -, este jovem militar foi quem lidou mais de perto com a morte do rapaz. Enquanto o outro GNR segurava um dos quatro indivíduos que ficou para trás quando o grupo se despistou, em Turiz, o militar de 23 anos foi no encalço dos outros três. E foi quando, garantiu a GNR, "os suspeitos começaram a disparar", tendo uma das balas atingido mortalmente Rui Sa-



Mãe acredita que o filho está inocente e foi "apanhado na confusão"

Autarca encontrou bala e levou-a à GNR

"Por curiosidade, na manhã de quarta-feira, fui ao local onde eu e o meu filho socorremos o garoto e vi uma coisa a brilhar", contou o presidente Junta de Turiz. **Arlando Silva** ainda pensou tratar-se de um brinco, mas apercebeu-se que era a bala que terá atingido mortal-



"Apanhei-a, com a de uma folha, meti num envelope e entreguei-a à GNR de Vila Verde", contou. A P. terá encontrado m. invólucros no local. mulher do autarca ter ouvido cinco disparos. A GNR diz não ter encontrado a bala na noite do incident

PESSOAS

Reforma. O actor escocês Sean Connery, de 77 anos, reafirmou que irá pôr fim à carreira. Diz que não haverá mais filmes e desistiu de escrever a sua autobiografia, porque lhe dava pesadelos. No entanto, a sua esposa Micheline não se mostra convencida: "Ele disse isso outras vezes e não cumpriu"



Renegadas. As irmãs Hilton receberam um presente de Natal que não vão esquecer tão cedo. O avô, Barry Hilton, decidiu entregar 97 por cento da sua fortuna a obras de caridade, deixando os herdeiros bem longe dos 2300 milhões de dólares. Segundo a revista *Fortune*, a beneficiária destes suculentos milhões será a Fundação Conrad N. Hilton - que tem o nome do pai de Barry -, que faz trabalho de beneficência sobretudo fora dos Estados Unidos da América



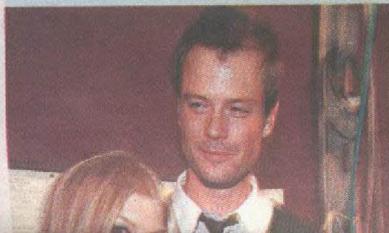
Polémica. O Presidente francês Nicolas Sarkozy viajou de avião emprestado por um amigo francês, o que já m

Sarkozy de Luxo jacto pr

Nicolas Sarkozy e Carla Bruni encontram-se de férias no Egipto

O Presidente francês Nicolas Sarkozy e a companheira Carla Bruni partiram de Luxor a bordo de um jacto privado que lhes foi emprestado terça-feira e que pertence ao empresário francês

Casamento. A vocalista dos Black Eyed Peas foi pedida em casamento pelo namorado, o actor Josh Duhamel, com quem tem uma relação há três anos. Fergie e Josh anunciaram a novidade no dia a seguir ao Natal. Apesar de ainda não fazerem ideia do tipo de casamento que desejam, Fergie, 32 anos, que dizia já se sentir praticamente casada, confessa que é a mulher mais feliz da Terra.



Revelação. O ex-namorado de Lindsay Lohan, o atleta Riley Giles, colocou à venda fotos íntimas e sensuais da actriz. Afirmou também à imprensa que ela é ninfomaniaca. Os dois conheceram-se

Homicida transportou o corpo da vítima para uma falésia da praia da Adraga

Maurício Levy terá sido assassinado à facada na garagem, em Telheiras

ISALTINA PADRÃO

Os amigos e profissionais que trabalharam com Maurício Levy, director dos CTT, não vêem uma explicação plausível para a violência com que este alto quadro dos Correios terá sido assassinado no final da semana passada e que foi ontem a enterrar. Contactada ontem pelo DN, a Polícia Judiciária (PJ), que tomou conta da investigação, não quis "para já" prestar quaisquer esclarecimentos.

Ao que tudo indica, o director de Qualidade, Formação e Desenvolvimento Sustentável dos CTT, de 62

anos, terá sido assassinado à facada na garagem que fica na cave da sua casa, em Telheiras (Lisboa). "Segundo consta, tudo aconteceu na quinta-feira à noite e terá sido o assassino a indicar o local onde se encontrava o corpo", disse ao DN Nelson de Oliveira, amigo da vítima e presidente da Associação Portuguesa dos Amigos do Caminho-de-Ferro (APAC) - instituição fundada por seis elementos, entre eles Maurício Levy, que assumiu a presidência durante seis anos.

O suspeito, que já está detido, terá morto a vítima e em seguida transportado o corpo até uma falésia da praia da Adraga, em Sintra, onde foi encontrado, no domingo, com vários ferimentos dentro de um carro. Uma Brigada da Direcção Central de Combate ao Bandi-

tismo da PJ bateu o terreno durante o fim-de-semana, tendo descoberto o corpo cheio de golpes no domingo.

Segundo Nelson de Oliveira, Maurício Levy deixa mulher e dois filhos - uma rapariga na casa dos 20 e um rapaz com 13 anos -, e uma brilhante carreira. "Era a pessoa que tinha mais conhecimentos sobre caminhos-de-ferro em Portugal. Já nos anos 80 falava de alta velocidade e da privatização dos caminhos-de-ferro", salienta. Gonçalo Sampaio Ribeiro, que ajudou a fundar a APAC, subcreve a afirmação e adianta tratar-se de "um homem extremamente inteligente, trabalhador e dinâmico".

A presidência do antigo Instituto Nacional de Transportes Ferroviários, actual Instituto da Mobilidade dos Transportes Terrestres, também passou por Maurício Levy, que agora era director dos CTT, já que "a sua especialidade era a informática, embora fosse um apaixonado por comboios", refere Sampaio Ribeiro. A nível pessoal, os dois amigos garantem que era uma pessoa muito sociável, a quem não conheciam inimigos e que, por isso mesmo, "esta morte violenta foi inesperada e chocante". ■

estava no chão, mas não largava a mala. Ai ameaçaram que a mata-

da para sexta-feira", lamentou. ■
PAULO JULIANO, Viana do Castelo

Vereador do PSD ameaça processar comunista

Coimbra. Reacções a críticas sobre reabilitação de bairro nas mãos de advogados

O vereador social-democrata da Câmara de Coimbra Pina Prata ameaçou ontem acionar judicialmente o vereador comunista Gouveia Monteiro, por se sentir lesado com a reacção a críticas sobre a reabilitação de um bairro social.

Há uma semana, em reunião do executivo camarário, onde não compareceu o comunista, Pina Prata sugeriu a constituição de uma comissão independente para avaliar o modo como o Departamento de Habitação, sob a responsabilidade de Gouveia Monteiro, tem estado a reabilitar o bairro social do Ingote. Sorrendo-se de excertos de 15 ofícios enviados pela Associação de Moradores do bairro (IMBI), que não obtiveram resposta dos serviços municipais, o vereador sem pelouro Pina



Pina Prata não tem pelouros

Prata lembrou que naquele bairro está em curso a reabilitação de 78 andares. Ontem, após uma troca de palavras, e depois de Gouveia Monteiro ter feito publicar reacções suas às denúncias na imprensa local, Pina Prata revelou ter dado já instruções aos seus advogados para analisarem as matérias para eventual acção judicial em defesa da sua honra. ■ LUISA

“
A morte surge sempre de surpresa, mas com esta violência torna-se muito mais angustiante

Sampaio Ribeiro
Amigo da vítima

“
Estamos consternados, mas não temos o direito de comentar algo tão penoso para a família

Fernando Marante
Porta-voz dos CTT

Operação. Menos vítimas na estrada

A PSP revelou ontem que nos últimos 10 dias da operação "Viagem Segura 2007" registou dois mortos e 341 feridos, 27 dos quais em estado grave, decorrentes dos 1541 acidentes de viação nas suas áreas de jurisdição. Entre 3 e 10 de Dezembro, o número de vítimas mortais diminuiu 60% em relação a igual período do ano passado, enquanto os acidentes decresceram 10,15%. O número total de feridos decresceu 5,01% (menos 18 feridos).

Lisboa. Viagens gratuitas no metro

Amanhã será possível viajar gratuitamente na a rede do Metropolitano de Lisboa. A iniciativa enquadra-se na celebração da ratificação do Tratado de Lisboa, no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia. "Toda a rede metro estará aberta, possibilitando aos passageiros viajar gratuitamente durante o dia", lê-se no comunicado do metro. A iniciativa visa ainda promover uma melhor mobilidade na cidade e envolver os cidadãos nas celebrações.

Coimbra. Apanhado a caçar na cidade

A PSP de Coimbra deteve um caçador que praticava caça ilegal à entrada da cidade, tendo-lhe sido apreendidos três animais mortos - dois patos reais e um coelho. O homem, de 55 anos, foi detido próximo da Rotunda do Eucalipto, em Coimbra, por exercício de acto venatório em terrenos não cinegéticos e a menos de 500 metros de um parque industrial e desportivo. O infractor foi já presente a juízo, estando a leitura da sentença marcada para sexta-feira.

Açores. Mais buscas para localizar barco

As buscas para encontrar um barco de pesca desportiva, com três tripulantes a bordo, dado como desaparecido desde domingo ao largo da Terceira, vão ser retomadas hoje. Segundo o comandante do Porto de Angra do Heroísmo, Rodrigues Gonçalves, esta operação vai envolver duas embarcações, uma da Polícia Marítima e outra dos bombeiros de Praia da Vitória, e alguns voluntários. Em terra vão prosseguir rondas aleatórias pela costa.

M. Canaveses. Detido com armas em casa

Um homem de 48 anos foi detido segunda-feira de manhã, em Marco de Canaveses, após suspeitas de agressões a familiares. A GNR de Penafiel afirma a tratar-se de um caso de violência doméstica. Os militares do Núcleo de Investigação Criminal de Penafiel deslocaram-se ao local e encontraram uma caçadeira, uma arma de alarme modificada e uma arma de chumbos. Todas as armas e respectivas munições foram também apreendidas.

Porto. Empresa holandesa venceu concurso

Bolhão segura mercado típico e abre portas a lojas modernas

Imóvel renovado, com estacionamento subterrâneo, em 2009

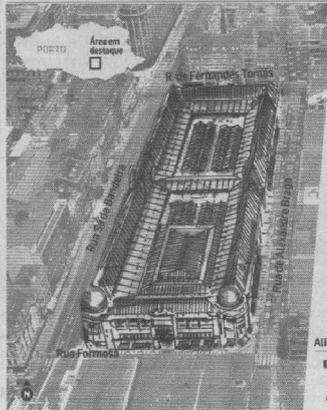
FRANCISCO MANGAS

O oitocentista Mercado do Bolhão, um dos espaços emblemáticos da Baixa do Porto, fecha os enormes portões de ferro, em breve. Reabre, no Natal de 2009, com a mesma traça original, mas com mais espaço partilhado pelos comerciantes tradicionais "e outras valências". A Tramcrone, empresa holandesa vencedora do concurso para a renovação do imóvel, investe 50 milhões de euros na execução do projecto.

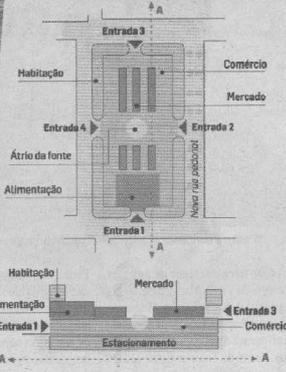
"Dar um sentido útil actual" ao velho mercado, é assim que o presidente da Câmara do Porto, Rui Rio, define o projecto vencedor de renovação e requalificação do Bolhão. A proposta, que carece ainda de luz verde da Instituto Português do Património Arquitectónico, é votada na próxima reunião do executivo, terça-feira, dia 18.

O novo Bolhão, segundo o projecto da Tramcrone, partilhará a área comercial tradicional com novas lojas, cerca de metade das quais de cultura, lazer e restauração. E terá estacionamento garantido para 216 automóveis: para isso serão construídos dois pisos subterrâneos.

Destinado ao comércio tradicional, que hoje se faz neste mercado no centro da cidade - onde se pode comprar galinhas, flores, queijo da serra, peixe ou hortaliças - ficará o segundo piso, ao lado da área da restauração. Com entrada directa pela Rua Fernandes Tomás, este piso é a céu aberto, mas terá cobertura amovível



Obras no mercado



para usar em dias de maior invernaria. Ainda segundo o projecto vencedor do concurso, que Rui Rio anunciou ontem, em conferência de imprensa, os pisos zero e um, cobertos, vão acolher lojas "âncora". Pequenas habitações ou serviços compatíveis, nomeadamente para utilização pelos comerciantes, estão previstas para os torresões do edifício.

O promotor, a partir de agora, vai negociar individualmente com os comerciantes as condições de continuação, reconversão ou saída do seu negócio. Durante o período das obras, ao longo dos próximos dois anos, os comerciantes do Bolhão vão exercer a sua actividade noutra local ainda a definir, mas o "mais próximo possível" do actual mercado. Para os

lojistas privados de espaço provisório de venda, a Tramcrone disponibiliza "um rendimento mínimo". Alcino Sousa, presidente da Associação de Comerciantes do Bolhão, esteve presente na conferência de

Comerciantes vão ser alojados em locais provisórios

ontem, só tomará uma posição definitiva no dia 18, terça-feira, depois de o executivo camarário aprovar a proposta. Adianta, no entanto, que o projecto vencedor para a renovação do Bolhão "foi a solução que" a sua associação "mais defendia".

Pela cedência do imóvel, em direito de superfície, a Câmara Municipal do Porto receberá um milhão de euros no momento da emissão da licença de construção e, a partir do décimo ano, uma percentagem dos resultados de exploração. Após o 34.º ano a percentagem que cabe à autarquia será 43,5%, cerca de 1,26 milhões de euros anualmente.

Por norma, quando se assume a presidência de uma câmara, lembrou Rui Rio, "herda-se passivo. Alguns, como agora na autarquia de Lisboa, até herdaram passivo oculto". Na cidade do Porto, nesta parceria com um promotor privado, não irá repetir-se esse situação: "Aqui o que estamos a deixar para o futuro é um activo oculto", realçou.

COMERCIANTES TEMEM FUTURO NOVO MERCADO

Renovação do mercado é bem aceite por todos, mas há dúvidas e incerteza no regresso

Fátima Teixeira
44 anos

"Quantas vezes isto vai para obras e nunca se vê nada... Não sabemos de nada ainda, o que nos assusta vai ser o durante as obras: para onde vamos e o que vamos fazer enquanto isto estiver assim? Podíamos ir para outro sítio, mas não sei onde."

Maria Custódio
35 anos

"Em plena cidade do Porto, tem algum jeito? Para ficar bom, temos que sofrer na pele, que é como se diz. Temos de sofrer, mas o Bolhão precisa muito de obras. Estou aqui há muitos anos e é assim. Já era hora de fazer obras."

Maria Olinda
51 anos

"Quem me dera ver este mercado bonito. Estou na expectativa, a nós não nos dizem nada: o que sei, vi na televisão. Com esta idade não posso ir para casa, o que é que eu vou fazer? No Bolhão com outras condições não vamos pagar o mesmo."

Paula Gonçalves
60 anos

"Com o mercado remodelado, havia aqui muito emprego! Umas banquinhas aqui, como em Ovar, é uma coisa muito bonita. Agora só querem centros comerciais, e esquecem-se de nós, do comércio tradicional."

"Mariuzinha do Bolhão"
66 anos

"A gente até se sente revoltada. Muito revoltada. Naquele tempo ganhava-se um dinheirinho. Agora é o que se vê, uma miséria. Se pusessem aqui uns acessos, aí, sim. Mas o Bolhão precisa de obras, este mercado tem muito espaço."

Câmara investe mais de 12 milhões em beneficiação e construção de escolas

Lisboa. Obras deverão arrancar em 2008. Sete espaços serão feitos de raiz

FILIPE MORAIS

As grandes opções do plano da Câmara de Lisboa abrem a porta para a construção de sete novas escolas do ensino básico e a recuperação de 26 outros estabelecimentos com instalações degradadas. O investimento será de 7,5 milhões de euros para a construção das novas escolas e 5,2 milhões de euros para a recuperação.

António Costa, presidente da autarquia, adiantou que "as obras vão arrancar em 2008, mas a sua conclusão só deverá ocorrer no ano seguinte", embora as escolas em causa já estão definidas. As novas serão a escola básica (EB) Padre Álvaro Proen-



A Escola 205, em Benfica, já foi considerada a pior do concelho

ça, em Benfica; o Jardim-de-Infância (JI) da escola 101, Alvalade; a EB1 da Charneca; o JI do Lumiar, a EB1 e JI da Zona M, em Chelas; a EB1 do Parque das Nações e o JI 3 dos Olivais. As obras de beneficiação serão em escolas da Ajuda, Alvalade, Ben-

fica, Campo Grande, Lumiar, Fátima, Pena, S. Domingos de Benfica, S. João de Brito, S. José, S. João, Santa Isabel. Em Alcântara e Lumiar haverá duas escolas beneficiadas e em Santa Maria dos Olivais serão recuperadas seis.

Covilhã divulga lista de quem não paga refeições

Escolas. Câmara quer levar encarregados de educação a pagar refeições em atraso

A Câmara da Covilhã vai divulgar o nome dos encarregados de educação que devem à autarquia o pagamento das refeições do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico. A medida baseia-se na lista de devedores ao fisco, tomada pela administração central e "visa pôr fim a situações abusivas por parte de alguns encarregados de educação".

A autarquia anunciou que a lista vai ser publicada "no início do próximo ano, no boletim quinzenal" da câmara, que é distribuído com um dos semanários regionais vendidos na cidade. "De forma consecutiva usufruem deste serviço, sem procederem ao pagamento do mesmo apesar

dos sucessivos avisos", refere a autarquia, sublinhando que alguns casos arrastam-se há cinco anos. "São situações injustas para os outros encarregados de educação cumpridores e pagadores do benefício", continua o documento, acrescentando ainda que "a câmara nunca negou uma refeição aos alunos".

O socialista Vítor Pereira, vereador da oposição, considera que "se é desejável evitar publicar os nomes", mas admite que seja uma medida necessária. "Trata-se de uma lista muito grande", acrescentou. Já a representante dos encarregados de educação do pré-escolar no agrupamento Pêro da Covilhã diz ainda "não ter posição formada, mas se não pagasse e visse o meu nome publicado, pensava duas vezes e a pagar". ■ LUSA

Acidente obrigou a cortar o trânsito durante mais de duas horas

PAULA MARTINHEIRA

Um morto e um ferido grave é o balanço de um acidente ocorrido cerca das 16.00 de ontem na Estrada Nacional 125 (EN125), na zona da Marienda, perto de Boliqueime, que obrigou ao corte da via, nas duas faixas, durante mais de duas horas. O sinistro, registado no sentido Faro/Portimão, resultou de uma colisão entre uma moto e uma viatura de dois lugares que não necessita de carta de condução automóvel.

Segundo referiu ao DN fonte do INEM, o condutor da viatura, de 70 anos, ficou encarcerado e teve morte imediata, enquanto o motociclista, de 36, foi projectado, tendo sofrido fracturas várias nos membros superiores e inferiores. Foi assistido no local pelas equipas das viaturas médi-

cas de emergência e reanimação (VMER) de Loulé e Faro e transportado para o hospital central da capital algarvia. À hora do fecho desta edição encontrava-se em observação, mas "não corria perigo de vida".

Este é o segundo acidente mortal registado na EN125 em pouco mais de 24 horas. Na madrugada de domingo, tal como o DN noticiou, morreu o condutor de um *Audi 80* que se despiستou e entrou pela parede de

Vai ser construída rotunda para reduzir acidentes

uma casa, na zona das Pontes de Marchil, à entrada de Faro.

Neste troço já se registaram, entre Janeiro e o último sábado, 23 acidentes, que causaram um ferido grave e seis ligeiros, revelou ao DN fonte do Comando de Policia de Faro.

Para diminuir a sinistralidade na

zona a câmara de Faro projecta construir ali uma rotunda depois de ser aprovado o plano de pormenor para a área entre o Fórum Algarve e o cruzamento do aeroporto.

O presidente da câmara, José Apolinário, revelou ao DN que o Plano de Pormenor da Mã Vontade/Pontes de Marchil vai entrar em fase de discussão pública "muito em breve" e inclui a referida rotunda.

Na sua opinião, o problema da sinistralidade rodoviária naquele troço só será eliminado quando ficar concluída a segunda fase da Circular Norte, porque depois "o troço da EN125 das Pontes de Marchil será desqualificado, contribuindo decisivamente para a diminuição do tráfego rodoviário local".

Naquele eixo da EN125 regista-se uma circulação média de 30 mil veículos por dia. No troço das Pontes de Marchil, já no perímetro urbano, o limite de velocidade é de 50 quilómetros por hora, mas "raramente é respeitado", disse fonte policial ao DN. ■

Ladrões roubam 300 euros em igreja

Elvas. Arrombaram as portas do templo e levaram o depósito de moedas das velas

A igreja de São Francisco, em Vila Boim, no concelho de Elvas, foi assaltada, na madrugada de ontem, por um grupo de homens que acabaram por levar apenas um lampadário - uma das caixas onde se depositam as moedas para acender velas eléctricas -, que continha cerca de 300 euros. Segundo contou ao DN Francisco Régio, um dos membros da comissão administrativa da paróquia, tudo indica que "os ladrões saltaram o muro do quintal e forçaram a porta que dá acesso à igreja com um pé de cabra

para conseguirem entrar". O elemento da paróquia referiu ainda que, quando se abriram as portas da igreja, havia gavetas remexidas, mas nada estava destruído. "Eles só queriam dinheiro. Era o que procuravam, claro! No dia seguinte pela manhã, uma rapariga que costuma ir tocar o sino da missa viu aquilo aberto julgando que não havia problema até que reparou que a fechadura estava forçada", explicou o paroquiano.

GNR acredita que pode ser apenas um suspeito

A GNR, que tomou conta da ocorrência, diz que é muito difícil apanhar os autores, a não ser que sejam descuidados. Mas a comissão administrativa da igreja já afirmou que passará a ter mais cuidado. "Vamos passar a tirar o dinheiro da caixa todos os dias. Casos arrombada... não é!", concluiu Francisco Régio.

Na região têm havido outros furtos do género, em Novembro foi o pevilhão multituos. Fonte da GNR garantiu que estão a ser feitos todos os esforços para a detenção dos autores dos crimes, "que pode não ser um grupo, mas um único", disse. ■ PEDRO COIMBRA AMARAL, Évora

res. "Estavam de cara descoberta. Eram jovens entre 20 e 30 anos e tinham uma lanterna na cabeça", contou uma das moradoras do prédio.

Depois de roubarem calças, casacos e blusões de uma conhecida

melhante, com os assaltantes a partirem os vidros, para terem acesso ao interior das lojas, enquanto um outro elemento fica no exterior a vigiar qualquer movimento, sempre armado com caçadeiras. ■

Incendiou casa com cigarro

Paredes. Homem embriagado sofreu queimaduras e interior de habitação ficou destruído

Um homem de 39 anos sofreu queimaduras na face na sequência de um incêndio que destruiu o interior de uma casa, em Recarei, Paredes, na noite de domingo. Um cigarro mal apagado, aliado a um estado de embriaguez, terá estado na origem deste fogo que não teve consequências mais graves devido ao imediato alerta dos vizinhos e à rápida intervenção dos Bombeiros de Cête.

António Manuel Pinto foi encontrado pelos bombeiros já inconsciente na sala da casa que, por essa altura, já estava coberta de fumo. Ao

lado, num quarto, as chamas ameaçavam consumir todas as divisões. "A vítima estava inanimada. Fizemos-lhe a reanimação e transporte para o Hospital Padre Américo, em Penafiel", conta o adjunto do comando, Rui Pinto Lopes, dos Bombeiros de Cête. António Manuel Pinto passou a noite em observações e teve alta hospitalar na manhã de ontem.

A vítima, dona da casa, tinha mudado há dois dias para lá, após ter tido problemas com a actual companheira. Ainda terá tentado apagar as chamas, às 20.00. "Vi a casa a arder e chamei por ele. Disse-me que estava bem. Após chamar os bombeiros, voltei a chamar. Já não me respondeu", disse Luís Silva, um vizinho. ■

Mulher atacada por cão

Vila Nova de Gaia. Cão de raça potencialmente perigosa foi recolhido pelo canil municipal

Uma mulher foi vítima de um ataque de um cão de raça *Rotweiler*, em Santo Ovídeo, Vila Nova de Gaia. Auxiliou outra pessoa a proteger o cão, um *cocker spaniel*, do ataque do mesmo *rotweiler*. A mulher foi mordida na mão pelo animal e foi transportada para o Hospital Santos Silva para tratamento.

A polícia municipal permaneceu no local até à chegada de funcionários do canil municipal de Gaia, que

recolheram o cão. O canil municipal confirmou ao DN que o *rotweiler* tinha um *chip*, mas o dono não havia ainda sido identificado. O animal estaria à solta no bairro há já vários dias, abandonado.

Os ataques de cães de raças consideradas perigosas têm aumentado este ano. Em Março, uma mulher de 59 anos morreu quando foi atacada pelos seus quatro *rotweilers*, em Sinta. Os cães de raça considerada perigosa devem ser registados e os donos são responsáveis pelos animais para que "não ponham em risco a vida de outras pessoas e animais". ■

Sónia e António Brito estavam em processo de divórcio litigioso

ISALTINA PADRÃO

António José Brito, de 52 anos que foi baleado mortalmente no Parque das Nações (Lisboa), pelas 23.00 de sexta-feira, foi assassinado pela própria mulher. Sónia, de 28 anos, admitiu ontem em tribunal ter sido ela a autora dos três disparos que atingiram o taxista, uma vez na cabeça e duas no peito. Isto mesmo confirmou ao DN Florêncio Almeida, presidente da Associação Nacional dos Transportes em Automóveis Ligeiros (Antral), adiantando que na origem do crime poderia ter estado questões relacionadas com dinheiro.

"Não se entende muito bem o que terá passado pela cabeça da mulher, uma vez que eles eram casados em comunhão de bens adquiridos, mas ela não vai ficar com dinheiro nenhum porque é todo do Brito", explica aquele responsável, adiantando ser do seu conhecimento existirem divergências entre o casal - que atravessava um processo de divórcio litigioso e que tem um filho com cerca

de um ano -, mas que "nada fazia prever este desfecho". Além deste filho resultante da união com Sónia, Brito deixa mais seis descendentes.

O crime ocorreu na Avenida D. João II, junto ao Instituto da Juventude, e ao que o DN apurou, Sónia estava acompanhada por um homem, mas terá sido ela a matar o marido, que se encontrava dentro do táxi.

Quando a polícia do aeroporto da Portela - onde o taxista costumava parar - alertou a Antral para o facto de ter sido encontrado o corpo de António José Brito, pelas 04.00, sur-

gram logo especulações: "Até há quem diga que foi a mulher que o mandou matar. Há quem diga que ela inclusive mostrou uma arma a alguém antes do homicídio", contou ao DN um taxista amigo da vítima.

O corpo de António José Brito que, de acordo com as autoridades, foi baleado no interior do seu táxi, foi encontrado pelos colegas, horas mais tarde, já fora do carro. O presidente da Antral tomou ainda conhecimento de que, após ter cometido o crime, Sónia terá apanhado um outro táxi na Praça de Mosca, que a terá transportado até ao Campo Grande, onde tinha o carro estacionado.

Fraca adesão

As pré-inscrições para o projecto "Táxi Seguro" começaram ontem, mas durante a manhã **só se inscreveram 49 taxistas**, um número abaixo das expectativas, revelou fonte da Câmara Municipal de Lisboa (CML). Segundo a mesma fonte, terá havido falta de divulgação da iniciativa. Mas ao DN, o presidente da Antral garante que "todos os associados (2800) receberam a circular enviada dia 9 a informar sobre o protocolo bem como uma ficha de inscrição".

"Táxi Seguro" ineficaz

António José Brito não pertencia a nenhuma cooperativa, nem estava ligado a nenhuma rádio. Questionado pelo DN sobre se Brito tivesse instalado o sistema "Táxi Seguro" este crime poderia ter sido evitado, o presidente da Antral é peremptório: "Não. Enquanto o taxista dava o sinal de alerta e a polícia chegava ele era morto. O GPS não evita este tipo de crime. Só será efectivamente dissuasor quando existir também a videovigilância, porque a imagem denuncia o autor ou autores." ■

JÚLIO ALMEIDA, Aveiro

A PSP deteve, em flagrante delito, dois indivíduos romenos por suspeita de furtos em residências nos distritos de Porto e Braga. Os homens ameaçavam as vítimas com armas e usavam ainda gás paralisante e fitas adesivas para neutralizar as tentativas de resistência.

A detenção teve lugar em Espi-

alta cilindrada no valor de 37 mil euros, duas armas de alarme e cinco sprays paralisantes. A PSP conseguiu recuperar também diversos objectos em ouro e prata, várias pedras preciosas e 2100 euros.

As autoridades policiais suspeitam que os homens, com residência em Gaia e Braga, façam parte de um grupo, cujos restantes elementos não foram ainda identificados. ■

Arrancaram multibanco e fugiram em velocidade

Peniche. Quatro indivíduos furtaram ATM ontem de madrugada. PJ investiga

Quatro homens não identificados furtaram ontem de madrugada uma caixa multibanco, instalada no interior do supermercado Minipreço, em Peniche.

Pelas 04.20, os indivíduos "re-bentaram as grades de protecção" e arrombaram a porta principal do estabelecimento, situado no Parque Industrial da Prageira, e levaram o

cofre da caixa multibanco, informa a PSP de Peniche. O montante do furto é ainda desconhecido. O Comando de Leiria adianta que os suspeitos "fugiram em três veículos modernos e de alta cilindrada".

As gravações das câmaras de vigilância do estabelecimento já foram entregues à Polícia Judiciária, que conduz as investigações.

Desde o dia 14, este é o sexto furto de caixas multibanco, o que perfaz uma média de um furto em cada dois dias. ■

Alfragide. Furtou três vezes no Ikea

Um homem de 32 anos foi detido por furto no interior do estabelecimento comercial Ikea, em Alfragide, na noite de sábado. O indivíduo tinha furtado doze caixas de faqueiro, avaliadas em 179 euros, que levava escondidas numa mochila. Esta é a terceira vez que o mesmo homem é detido pela Polícia de Segurança Pública por furto naquele estabelecimento (a primeira foi em Maio e a segunda em Setembro). O homem foi ontem presente a tribunal.

Lisboa. Seis detidos por tráfico de droga

Seis indivíduos - quatro homens e duas mulheres com idades compreendidas entre os 24 e os 45 anos - foram detidos, por suspeita de tráfico de droga, durante a madrugada de domingo. A PSP efectuou cinco buscas domiciliárias, na zona de Lisboa e Amadora, e apreendeu 22,36 gramas de cocaína e heroína, um revólver, uma balança de precisão, oito telemóveis e cerca de 5520 euros em dinheiro e em ouro. Os arguidos foram ontem presentes a tribunal.

Setúbal. Tinha bastão de madeira

Um homem de 22 anos foi detido em Setúbal na madrugada de domingo, pela GNR, por ter em sua posse um bastão artesanal de madeira. Tinha também haxixe em quantidade suficiente para três doses. A GNR de Setúbal deteve ainda dois homens com 24 e 30 anos, por posse de 178 doses de haxixe e 18 de cocaína, aos quais foram apreendidos também 325 euros, na mesma madrugada. Foram ainda detidos quatro indivíduos por condução sob o efeito do álcool.

Santarém. Furtados dois carros num dia

Dois veículos ligeiros de passageiros, avaliados cada um em 1500 euros, foram furtados entre as 00.00 e as 08.00 de domingo, em Santarém. Um foi furtado na Travessa Padre António Fernandes e outro na Rua Vasco da Gama. A PSP, que recebeu as denúncias dos proprietários dos automóveis, desconhece o *modus operandi* e ainda não identifica quaisquer suspeitos. Esta polícia está a investigar uma possível relação entre os furtos.

Vila do Conde. Detido a roubar cobre

A PSP impediu mais um furto de cobre numa obra em Vila do Conde, após a denúncia de um trabalhador de que estavam indivíduos estranhos no local, às 15.00 de domingo. O serviço de patrulha surpreendeu dois homens no local, que já tinham arrancado 40 metros de tubo de cobre. Foi detido um desempregado de 32 anos, residente na Maia, e identificado o cúmplice. Este ano, já foram registados mais de 1600 furtos de cobre em todo o País.

00.30 num hangar de carga quando uma grua embateu num pequeno contentor que tinha um símbolo que parecia indicar substância nuclear. O porta-voz adiantou que foram chamados ao local técnicos do Instituto Tecnológico e Nuclear. De acordo com o porta-voz da ANA, aquelas entidades verificaram que no interior do contentor havia iodo. Segundo o DN apurou, os hospitais de Santa Maria e Curry Cabral chegaram a ser contactados para se prepararem para a eventualidade de receber feridos, em caso de explosão. Só posteriormente foram avisados de que se tratava de falso alarme. Pelo menos o santa Maria lançou um alerta interno para que se criassem, caso fosse necessário, zonas de isolamento. ■

tos. Os resultados, no entanto, só serão hoje conhecidos. À hora de fecho desta edição bombeiros, funcionários da Lisboagás e elementos da protecção civil continuavam no terreno a tentar localizar a origem do cheiro ao mesmo tempo que procediam ao arejamento das condutas e à medição dos níveis de gás.

"É gás, mas não é natural", assegurava Ana Lencastre directora do Serviço Municipal de Protecção Civil. Esta parecia ser a única certeza no meio de inúmeras hipóteses que os técnicos e especialistas vinham a considerar desde que o alerta foi dado, às 12.53. Rotura, vazamento de efluentes ou pesticidas lançados na rede de esgotos, foram algumas das possibilidades admitidas. Mas esta

após todos os hospitais e o Aeroporto de Lisboa terem sido contactados, para se confirmar que nenhuma substância suspeita fora despejada nos esgotos.

Após as medições feitas em várias saídas dos colectores, o Regimento Sapadores de Bombeiros (RSB) e a Protecção Civil acabaram por concluir não haver indícios de risco de explosividade ou toxicidade.

O Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa foi o primeiro edifício a ser evacuado, perto das 13.00. Meia hora mais tarde, os bombeiros retiraram também alunos, docentes e funcionários da Faculdade de Farmácia.

À medida que o cheiro avançava pela cidade, foram surgindo alertas

NOVOS PONTOS DE FUGA EM ÉVORA

Investigações em Évora revelaram ontem mais pontos de fuga de gás na rede da cidade

Ontem foram detectados "mais pontos de fuga", que se somam aos quatro encontrados terça-feira em Évora, revelou o município. Entre quinta-feira e domingo ocorreram duas explosões na zona da Quinta da Vista Alegre, freguesia da Malagueira, provocadas por fugas de gás, que entrou para a rede de esgotos.

volvente. Segundo o comandante do RSB, o cheiro a gás começou a sentir-se na Avenida das Forças Armadas, tendo-se estendido gradualmente à Avenida 5 de Outubro, à Praça de Espanha, à Avenida de Berna e à zona de Sete Rios, áreas por onde passa a rede principal de esgotos da capital. Quanto aos vários edifícios que durante a tarde foram evacuados, António Antunes disse ter a informação de que tal teria ocorrido em "dez unidades", mas sempre por iniciativa das empresas.

Também o Metropolitano fechou durante uma hora duas estações de metro por ter sido detectado "um cheiro intenso a gás", disse fonte da empresa. ■

Vila Franca. Um morto em acidente

Um acidente na A1, entre Vila Franca de Xira e Alhandra, que envolveu um pesado e um ligeiro provocou ontem um morto, um ferido ligeiro e um ferido grave. A vítima mortal, um homem de 33 anos, seguia num veículo ligeiro de mudanças, onde também viajava um homem de 25 anos, que sofreu um traumatismo crânio-encefálico.

Alcobaça. Dois detidos com heroína

O Núcleo de Investigação de Crimes de Droga da GNR de Leiria deteve dois homens por suspeita de tráfico de droga, em Alcobaça. Os suspeitos, com 31 e 52 anos, tinham em sua posse 141,6 doses individuais de heroína e cinco de cocaína, apreendidas, assim como "um telemóvel e um maço de tabaco", lê-se num comunicado da GNR.

Sintra. Cúmplices vendiam telemóveis

O tribunal determinou a libertação de um homem detido quando tenta vender um telemóvel furtado. A GNR recuperou outros dois aparelhos, tendo identificado outro suspeito que tinha na sua posse outros três telemóveis. Em buscas domiciliárias, foram apreendidos mais 12 aparelhos e equipamentos informáticos.

Estoril. Fogo causa duas intoxicações

Um incêndio destruiu ontem parcialmente uma vivenda de três pisos no Estoril, provocando intoxicações em dois moradores, que foram hospitalizados. Segundo fonte dos bombeiros, o incêndio deflagrou pelas 01.30, tendo sido mobilizados 15 elementos e cinco viaturas das corporações de Cascais e do Estoril.

Tomar. Explosão assusta moradoras

A deflagração de um engenho explosivo na cave de um edifício de três andares, em Tomar, às 00.30 de ontem, provocou alguns danos no prédio. Quatro das moradoras foram assistidas por estarem "muito nervosas", segundo fonte dos bombeiros. A PSP esteve no local, mas o caso foi entregue à Polícia Judiciária.

DN Classificados

Anunciar é fácil.

RECEPÇÃO DE ANÚNCIOS

Ligue para **707 210 210**
(Busca automática)

Pague com multibanco ou cartão de crédito

De 2.ª a 6.ª-feira, das 9 às 18.30 horas - aos sábados, das 10 às 18 horas

Porto. Dirigente do Bloco de Esquerda visita o mercado e promete apoio

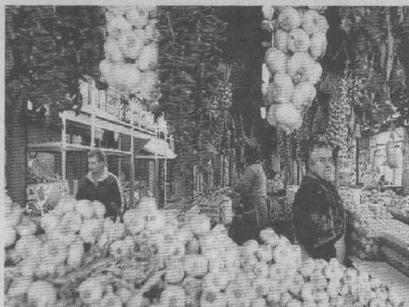
Cinco mil assinaturas contra obras no Bolhão

Já está 'online' a petição contra a reconversão do Mercado do Bolhão

A petição *online* contra a reconversão do Mercado do Bolhão, no Porto, já conta com mais de cinco mil assinaturas. A petição é organizada pelo Movimento Estudantil Contra a Demolição do Bolhão e está disponível desde 1 de Fevereiro. O movimento mantém também uma mesa de assinaturas numa das entradas do mercado.

O movimento sublinha a urgência do seu projecto, no *blog* e nas ruas da cidade, alertando que faltam apenas vinte dias para o fim do prazo de intervenção na decisão da câmara presidida por Rui Rio. Ontem, ao meio-dia, o Bloco de Esquerda fez-se representar no local pelo dirigente João Teixeira Lopes e o deputado municipal José Castro, que falaram aos jornalistas antes de assegurar o apoio do partido aos vendedores do mercado.

O BE afirma que o contrato celebrado entre a Câmara do Porto e a Tramcra é "ambíguo" e "relativo", deixando "a cargo da empresa todas



Intervenção no típico recinto mantém polémica acesa

as decisões", como a percentagem do espaço que será ocupado pelos comerciantes tradicionais e a renda aplicada. Na intervenção contra as obras no mercado, o BE pede a intervenção do ministro da Cultura na requalificação do espaço para que o IPPAR chumbe o projecto, numa altura que "o tempo escasseia". Teixeira Lopes defendeu ainda a requalificação do recinto de acordo com o projecto de reabilitação de Joaquim

Massena, datado de 1998, pois trata-se de um projecto "sensato, barato e capaz de manter este espaço".

O BE chama ainda a atenção para o modo como as negociações têm decorrido, alegando "favoritismo" dado à Tramcra, devido aos benefícios imediatos para a câmara. As acções anunciadas do grupo parlamentar incluem uma providência cautelar para impedir o início das obras. ■

*
vai
acontecer...

hoje

A Câmara do Seixal promove uma visita ao Centro Integrado de Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos do Seixal, às 09.30.

Decorre até dia 17 a Nauticampo, na FIL, ao Parque das Nações, em Lisboa.

amanhã

Reunião entre o Grémio Lisboense e o senhorio do imóvel. O objectivo é encontrar solução para a acção de despejo.

Executivo da Câmara de Lisboa reúne a partir das 09.30.

Consumo energético preocupa câmaras

Auditorias. Os 308 municípios vão ser alvo de auditorias eléctricas, visando promover racionalização dos consumos

A Associação Nacional de Municípios vai promover auditorias no âmbito de uma campanha nacional de eficiência energética, que decorrerá durante o ano e que arranca hoje no Centro de Interpretação da Serra da Estrela, em Seia, com a assinatura de um protocolo com a EDP. Além de diminuir os consumos e melhorar a qualidade do ambiente, a nível local, a campanha visa sensibilizar os cidadãos para a importância de adoptar novas medidas em prol de um melhor uso da energia. ■ - P.S.

Pescador caiu ao mar e está desaparecido

Sagres. Buscas envolvendo barcos e um helicóptero revelaram-se infrutíferas e são hoje retomadas

Um pescador lúdico caiu ao mar cerca das 08.30 de ontem, a norte do cabo de São Vicente, em Sagres, Algarve, e continuava desaparecido à hora de fecho desta edição, revelou ao DN fonte da Polícia Marítima de Lagos. As buscas - que envolveram a embarcação salva-vidas *Rainha D. Amélia* e um helicóptero da Protecção Civil, a Polícia Marítima, o INEM, os Bombeiros Municipais de Vila do Bispo e o faroleiro posicionado no cabo - são hoje retomadas. ■

Comerciantes resignados com futura privatização

Porto. Vendedores dizem que câmara não concessionaria espaços comerciais

A passagem do Mercado do Bom Sucesso para o domínio privado municipal está a abrir a porta à privatização daquele espaço de venda de produtos frescos, situado numa das zonas mais nobres da cidade, a escasos metros da rotunda da Boavista. A hora do fecho desta edição representantes dos comerciantes e vereador das Actividades Económicas, Sampaio Pimentel, encontravam-se reu-

nidos para definir o futuro do espaço comercial.

Os comerciantes, no entanto, não esperam surpresas. Longe vão os tempos em que o mercado se enchia de compradores. "Havia tanta gente cá que elas até tratavam mal os clientes.", lembra Maria Glória Napoleão, vendedora no mercado. "Saía um, entravam três ou quatro. Agora é ao contrário."

Rodeado de centros comerciais, vai resistindo, enquanto define. Com 107 espaços interiores e 16 lojas viradas para a rua, as diferenças são notórias. Enquanto no interior, cada vez mais são as lojas vazias, por fora estão todas ocupadas. "Não deixam passar nada aqui", explica Laurinda Moreira, empregada de um dos espaços internos, referindo-se à autarquia. "Não vem para cá ninguém novo. É uma maneira de arrumar com as pessoas." São cada vez em menor número e estão resignados com o que lhes parece ser o destino do local onde trabalharam toda uma vida. Todos souberam da reunião de ontem, mas dizem já "saber" o resultado.

Os inquilinos no exterior têm uma atitude diferente e não se resignam. "Se alguma coisa vai acontecer, têm de nos notificar.", explica Albino Cardoso, à frente dos Armazéns Bom Sucesso. "Dá prejuízo porque é mal gerido", sentencia. Os comerciantes mais idosos não acreditam na mudança. Os mais novos prometem ficar, por melhores condições. Mas acreditam que a decisão já está tomada. ■ -c.c.

PRIVADOS VÃO RECUPERAR BOLHÃO

A câmara do Porto aprovou para o mercado do Bolhão, outro emblemático local de venda de produtos frescos, um projecto de uma empresa holandesa. O espaço será reconvertido e para além de estacionamento subterrâneo, terá no piso superior habitação. Os promotores garantem que a componente de venda de produtos frescos será mantida, mas a contemplação de um supermercado no projecto suscita dúvidas aos actuais comerciantes. Um grupo de arquitectos lançou, entretanto, um manifesto contra o projecto que, dizem, "vai matar o coração do Bolhão".



Comércio tem vindo a definir no mercado do Bom Sucesso

Gaia. Autarquia enviou fax para o Ministério das Finanças

Câmara quer saber se há projecto para



Terrenos onde habitações estão e

Câmara quer saber se há interesses imobiliários para a serra do Pilar

A Câmara de Gaia questionou o Ministério das Finanças sobre a alegada existência de um projecto imobiliário para a escarpa da serra do Pilar. O vice-presidente da autarquia, Marco António Costa, pergunta, num fax enviado sexta-feira ao ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, se o Estado, na qualidade de proprietário, tem algum projecto imobiliário para a escarpa.

O autarca justifica a pergunta com "declarações do deputado Renato Sampaio [PS] e de responsáveis locais do PS, que afirmam existir projectos para a construção de um hotel e de um condomínio fechado no local em apreço". Marco António questiona também se, "pelo contrário, se mantém a intenção de proceder à salvaguarda das pessoas, consolidação da escarpa e mera renaturalização do território".

Segundo a autarquia, o Ministério das Finanças ainda não respon-

deu ao pedido de esclarecimento de que, na sexta-feira, o presidente da distrital do Porto do PS, Sampaio, acusou a Câmara de Gaia, presidida pelo líder do PS, Luís Filipe Menezes, de ceder interesses imobiliários para reter famílias que moram na Escarpa da Serra do Pilar. "Em nome de interesses imobiliários, estão a ser des-

Segurança em cau

A intenção de realojar as 58 famílias que moram em casas na escarpa da Serra do Pilar, uma **zona de alto risco** que a autarquia pretende reabilitar, foi anunciada na quarta-feira. A câmara deu um prazo de duas semanas para abandonarem o local. Um levantamento feito registou 14 habitações na zona em perigo, das quais 10 estão devolutas e 58 ocupadas. Os problemas de segurança agravaram-se em Setembro de 2007 quando um deslizamento de terra provocou vários feridos.

Acusados. Quatro dos 11 detidos na operação "Noite Branca" vão aguardar julgamento em prisão preventiva. Bruno Pidá, não escondeu a revolta e do interior da carinha celular gritou estar inocente, acusou a PJ e afirmou que os verdadeiros criminosos estão em liberdade

Pidá preso sem acusação de terrorismo

Proposta de Helena Fazenda não colheu votos da instrução

ALVARO TORRES

Quatro suspeitos foram presos na F1 da noite de sexta-feira. Uma investigação liderada pelo grupo de inquiridores do gabinete de Helena Fazenda, coordenada pelo juiz Pedro Passos Coelho, acabou por não resultar na acusação de terrorismo a Bruno Pidá. Apesar de ter sido acusado de participação na execução de um atentado contra o ministro da Saúde, o juiz não conseguiu provar a ligação de Pidá ao crime.

Helena Fazenda não conseguiu obter votos da instrução para acusar Pidá de terrorismo. O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

Quatro suspeitos em prisão preventiva

Sandro Onofre com termo de identidade e residência. O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

Helena Fazenda não conseguiu obter votos da instrução para acusar Pidá de terrorismo. O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

Sandro Onofre com termo de identidade e residência

O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

Mulher de Pidá diz que "PJ forjou provas"

Helena Fazenda não conseguiu obter votos da instrução para acusar Pidá de terrorismo. O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

Helena Fazenda não conseguiu obter votos da instrução

O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.



'RAPPER' NEGA VIOLÊNCIA NO VÍDEO DO PORTO

Sandro Onofre nega a acusação de terrorismo. O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

PCB não deve ganhar inquirição que mostra um vídeo

O juiz Pedro Passos Coelho decidiu que os quatro detidos devem aguardar julgamento em prisão preventiva.

FILME DO DIA

Detidos chegam ao TIG 13.40

10.00 Advogado de defesa...

10.15 Aproximadamente...

10.30 Três minutos...

13.40 Detidos chegam ao Tribunal...

18.00 Detidos chegam ao Tribunal...

20.00 Detidos chegam ao Tribunal...

Sindicato deixa isolados magistrados do Porto

Quatro dos crimes no Porto. Assembleia-geral do sindicato...

10.00 Advogado de defesa...

10.15 Aproximadamente...

10.30 Três minutos...

13.40 Detidos chegam ao Tribunal...

18.00 Detidos chegam ao Tribunal...

20.00 Detidos chegam ao Tribunal...

qual a terra, uma proposta que determine a anulação da permuta de terrenos entre a autarquia (Entrecampos) e a empresa Bragaparques (Parque Mayer).

Em causa está a acção judicial que foi colocada por José Sá Fernandes, então apenas como cidadão, contra o processo e que deverá começar a ser julgada um dia após a reunião camarária – da qual o agora vereador eleito pelo BE já pediu escusa.

Sá Fernandes defendeu ontem, ao DN, a necessidade de se fazer uma nova avaliação aos terrenos envolvidos, para justificar a anulação do negócio: "Estou disposto a chegar a um acordo para se adiar o início do processo, para se fazer uma nova avaliação", referiu. Face às acusações da Bragaparques (ver *cabala*), Sá Fernandes diz que "está mais que provado que o negócio foi mau para Lisboa. Se isso é defender interesses privados, o que será defender os interesses públicos...".

Isto, porque a acusação do Ministério Público a Carmona Rodrigues, Fontão de Carvalho e Eduarda Napoleão sublinha que a permuta de terrenos lesou a cidade, que perde cerca de 44 milhões de euros, sendo que 13 milhões de euros seriam arrecadados através de compensações urba-



Ministério Público diz que Carmona dirigiu negociações de troca de terrenos

Resultados agradam

A Bragaparques disse ontem ao DN estar "satisfeita com os resultados finais, mas não com o processo em si", argumentando que **o caso serviu "os interesses políticos de uma só pessoa: José Sá Fernandes"**, referiu o director-geral Hernani Portovedo. "Provou-se que a empresa actuou dentro da lei", disse, para admitir que "a Bragaparques já não faria o que fez, que foi dar 92 milhões de euros pela Feira Popular". - A.M.I.

nísticas, enquanto a câmara abriu mão de 30,958 milhões de euros em indemnizações à Fundação *O Século* e aos feirantes da Feira Popular.

A acusação ao ex-presidente e ex-vice-presidente da autarquia pode potenciar a anulação do negócio, já que o documento considera que o loteamento para os terrenos de Entrecampos não está conforme a legislação e sublinha que foi com base neste loteamento "que foi constituído um lote destinado à venda em hasta pública". O Ministério Público dá como certo que foi a presidência da Câmara de Lisboa, então exercida por

Carmona Rodrigues, que dirigiu a negociação da permuta e que permitiu que a empresa estabelecesse um direito de preferência sobre o lote através de carta. É ainda referido que a carta "desrespeita o teor d proposta aprovada em reunião d CML e os pressupostos que a viabilizaram".

Um dos pontos polémicos no processo, a aprovação do direito de preferência pela Assembleia Municipal é esclarecido na acusação que destaca que este órgão não teve conhecimento deste pressuposto, pelo que nunca o aprovou. ■

Coimbra. Roubaram caixa multibanco

Uma caixa multibanco foi roubada pelas 03.15 de ontem, do interior do supermercado Intermarché, na Barreira, Condeixa-a-Nova, Coimbra. Um grupo de populares informou a GNR de Condeixa que no local estavam "quatro ou cinco indivíduos encapuzados", que fugiram numa "viatura automóvel". Uma marreta foi utilizada para arrombar a porta do supermercado e retirar a caixa multibanco. A investigação do caso transitou para a Polícia Judiciária de Coimbra.

Entroncamento. Dois detidos a assaltar

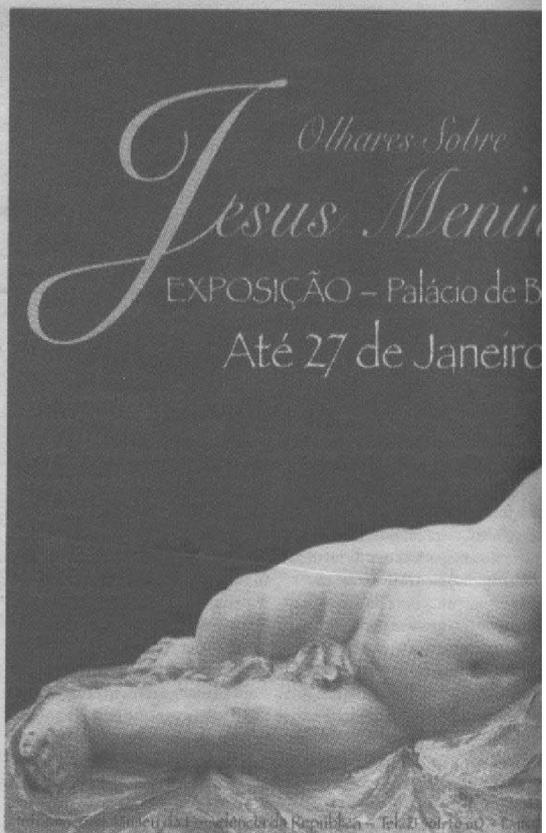
Dois homens foram detidos quarta-feira pela PSP no Entroncamento com objectos pertencentes ao espólio do Museu Nacional Ferroviário, de "valor incalculável". Segundo a PSP, os dois homens foram interceptados quando tentavam abandonar o local, no qual estava a carruagem da CP de onde furtaram os objectos. Na mala do carro em que pretendiam fugir, a PSP encontrou objectos de cobre e ferramentas de corte, presumivelmente usadas no furto do interior da carruagem.

Porto. PSP apanha ladrão de carros

A PSP do Porto anunciou ontem ter procedido à detenção de um homem de 20 anos suspeito do roubo de veículos e de casas particulares. Esta acção policial foi mais um passo da denominada Operação Pegasus, dividida em duas fases e que já permitiu a detenção de outros 34 indivíduos e a recuperação de cerca de 60 carros roubados. O suspeito de 20 anos, detido na terça-feira, em São Mamede de Infesta, fica em prisão preventiva, juntando-se a outros 11 elementos do grupo.

Ol. do Bairro. Homem armado rouba posto

Um indivíduo de cara destapada roubou, sob ameaça de arma de fogo, 200 euros do posto de combustíveis da Galp, em Oiã, Oliveira do Bairro. O assalto ocorreu cerca das 03.00 de ontem, não tendo envolvido violência física. A funcionária foi abordada pelo homem de meia-idade que chegou sozinho num carro vermelho. Ao ver a pistola apontada, "não hesitou em dar o que tinha em caixa", contou um dos sócios do posto. Há imagens de videovigilância e a PJ de Aveiro investiga.



placem-se batesses com a porta. Mudam-se os tempos, as vontades, idem. Por todo o País, algumas atenções, consideraram que o negócio não separa, antes harmoniza, relações, afectos, estimula troca de ânimos de que tanto patrões como empregados, lado a lado, atendem durante de- esperar, então, do comprador perguntar: "Mas acha que me fica bem? Veja lá, senhor Augusto, e depois não se memos, ou sem uma a global. ■

Viana do Castelo

Bacalhau a marcar

O bacalhau de "fornua a ser o grande de Viana do Castelo mas que sobrevive, à "mania" do patrão ves, merceiro desde bons tempos "já lá v das grandes superfi suficiente para não Uma "mania", garan sabendo que a mere do: "Os meus filhos t e isto também já po daqui, desaparece". Desde 1962 que está ga" de Viana do Cast família Couto Viana o nome ao patrão. "Vinh das aldeias fila terrível", diz. O n há cerca de cinco an eram muitas as dezi dias, actualmente e aos 20. "Vai dando p Alguns mantêm-se Esteves e o melhor bacalhau, uma verd casa. "O que vend é tenho um forneced



PELÉDIOSE/INSTANTES

Braga

Mais de meio século de tradição

Numa das mais antigas cidades do país, não é difícil encontrar comércio tradicional. No chamado centro histórico de Braga, em cada rua as lojas familiares dividem os espaços com os grupos internacionais. Sobrevivem, mas perdem terreno. "Vai-se procurando suprir as dificuldades", explica Teixeira Fernandes, à frente da Casa dos Terços há 52 anos. Uma das mais conhecidas lojas de artigos religiosos da Rua do Souto, cuja clientela é constituída maioritariamente por turistas. "Pensa-se que vêm muitos padres, mas não", afirma. A recente crise é um ponto em comum entre os outros comerciantes da cidade, mas resiste em não fazer "soldos nem promoções", porque "quem os faz não é gente séria", explica. O antigo caixeiro, agora dono do estabelecimento, já chegou a ter quatro empregados. Hoje só um resiste. ■ - C.C.

Casa dos Terços 1956

Actividade: Venda de artigos religiosos. A sua clientela é diversificada, com clientes fiéis tanto na cidade como em países tão distantes como o Brasil e a Venezuela.

Ofertas: A sua especialidade são os terços. Também vende imagens, velas, estátuas, quadros e, agora, faz molduras.

Viseu



IMAGEM/INSTANTES

Aposta em bens da região

As mercearias em Viseu estão em vias de extinção. As poucas que sobrevivem à crise vendem o que não existe nas grandes superfícies e vão compondo o negócio com o livro de assentos. Apesar dos tempos amargos, a mercearia Massorim, no n.º 1 da Av. Alberto Sampaio, ainda factura "300 a 500 euros por dia", revela Celeste Costa enquanto atende uma cliente. A mercearia nasceu em 1966 da vontade de António Gomes. Hoje é procurada "por clientes que trabalham aqui à volta e aproveitam para comprar a pequenas coisas que fazem falta no imediato e também produtos que só ali se encontram. A pequena montra exhibe tudo aquilo que a gula aprecia. Produtos tradicionais como o bolo-podre de Castro Daire, pão do Sabugueiro, enchidos, queijos e requeijão e até mesmo o bacalhau de cura amarela ou o bolo-rei de Tabuaço. Produtos que fazem com que "as pessoas venham cá de propósito para os adquirir". ■ - A.A.

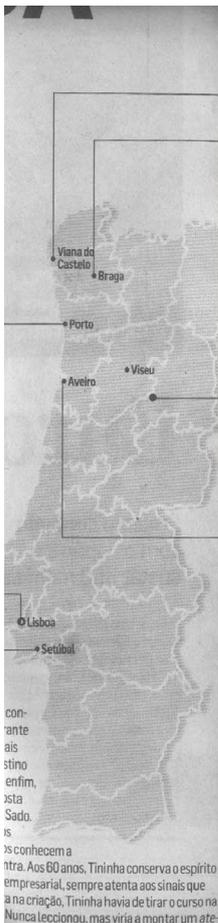
Mercearia Massorim 1960

Actividade: Mercearia.

Ofertas: bens de mercearia, com forte aposta nos produtos tradicionais da região. É possível encontrar bolo-podre de Castro Daire, pão do Sabugueiro, enchidos, queijos e requeijão. Aos clientes é dada a possibilidade de pagar no final do mês.

Aveiro

Proximidade compensa preços altos



con-
ante
ais
stino
enfim,
sta
Sado,
is

is conhecem a
ntra. Aos 60 anos, Tininha conserva o espírito
empresarial, sempre atenta aos sinais que
na criação, Tininha havia de tirar o curso na
Nunca leccionou, mas viria a montar um ate-

Anexo 13

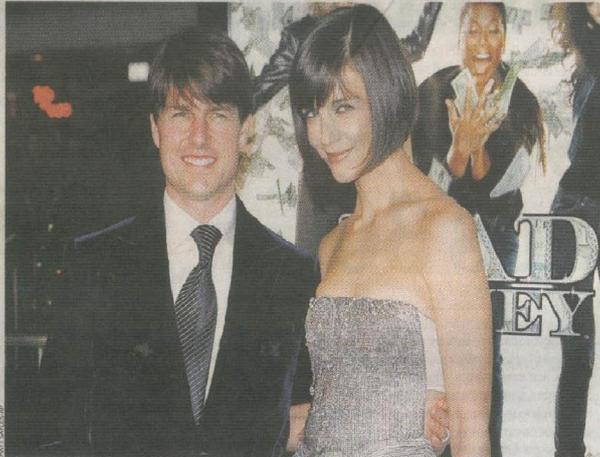
Justiça. Um tribunal norte-americano condenou o técnico de informática que roubou fotografias do casamento de Tom Cruise e Katie Holmes, realizado em Itália, tentando depois, com a ajuda de um cúmplice, extorquir ao actor 1,3 milhões de dólares, cerca de 884 mil euros

Pena suspensa para usurpador de fotos

Marc Gittleman escapou à prisão efectiva por tentar chantagear Tom Cruise

O caso das fotografias do casamento de Tom Cruise e Katie Holmes, roubadas pelo técnico de computadores Marc Gittleman, acabou com o réu condenado a dois anos de prisão, com pena suspensa, e multa de três mil dólares - cerca de dois mil euros.

Gittleman, 34 anos, teve acesso às fotos do casamento dos actores, que se realizou em Itália, quando um fotógrafo lhe levou um computador para reparar. O técnico fez cerca de sete mil cópias e contactou David Hans Schmidt, conhecido por vender fotografias e vídeos íntimos de celebridades à imprensa, para, juntos, extorquir 1,3 milhões de dólares (884 mil euros) a Cruise. Mas, quando o actor recebeu o e-mail onde era pedida aquela quantia pelas fotos, os advogados contactaram a polícia.



Na audiência de quinta-feira, Gittleman, que não possui cadastro criminal, afirmou que se "envergonhou" a si mesmo e à família. O advogado de defesa, Richard Hirsch, classificou este como um acto impulsivo que demonstra "um incrível mau julgamento" do seu cliente.

O outro acusado, David Hans Schmidt, suicidou-se em sua casa, no estado do Arizona, no ano passado. Faltavam duas semanas para o início do julgamento, no Tribunal de Los Angeles.

Ontem, o casal Cruise e Holmes mostrava-se feliz durante a estreia de *Mad Money*, último filme de Katie, que conta também com participações de Diane Keaton e Queen Latifah. Acompanhada pelo marido, a actriz aproveitou a ocasião para dizer que está feliz coma notícia da gravidez da ex-mulher de Cruise, Nicole Kidman: "Estou muito feliz por ela, é maravilhoso."



Revista. A 'socialite' e agora também atriz Paris Hilton foi revista ao embarcar no aeroporto de Los Angeles, nos Estados Unidos. A herdeira da rede de hotéis Hilton chegou atrasada ao aeroporto LAX, mas, já na sala de embarque, a polícia exigiu que entregasse a bagagem de mão para ser vistoriada.

Trio Tim Burton, Helena Bonham Carter, sua mulher, e Johnny Depp fizeram parar o trânsito em Londres na quinta-feira à noite, quando da antestreia europeia de *'Sweeney Todd: O Terrível Barbeiro de Fleet Street'*. O novo filme do realizador de *'Charlie e a Fábrica de Chocolate'* é interpretado por Carter e Depp. *'Sweeney Todd'*, adaptação do célebre musical 'negro' de Stephen Sondheim, chega a Portugal no próximo dia 31.

Naufrágio. Arrastão tinha três portugueses a bordo

Dois pescadores portugueses ainda por encontrar em Finisterra



Pai de David Marques (à esquerda) e amigo garantem que foi carácter que salvou o pescador

Pescador das Caxinas sobreviveu após várias horas nas águas geladas

HELDER ROBALO

Foi o carácter de David Marques, e alguma sorte, que evitou que o pescador das Caxinas, Vila do Conde, perdesse a vida no mar da Finisterra, após o naufrágio do *La Petite Julie*, na madrugada de ontem. É, pelo menos, o que garante o pai e um amigo do português de 46 anos que se viu envolvido, com outros dois pescadores lusos (ainda desaparecidos) e quatro franceses, no naufrágio, cujas causas

são ainda desconhecidas, ocorrido a 50 quilómetros das Ilhas Virgem, junto a França.

David Marques, casado e pai de dois rapazes, teve alta do hospital ao final da tarde, mas, segundo o pai, não deve regressar já a Portugal. Isto porque terá de ser ouvido pelas autoridades francesas, no âmbito do inquérito instaurado em Saint-Brieuc, região de Côtes-D'Armor, onde a embarcação estava registada. Otilio Marques, pai do sobrevivente, falou com o filho ao telefone, mas este pouco lhe adiantou sobre o acidente. "Foi pouco. Disse que estava bem, um bocadinho comalido", adiantou Otilio. Na curta chamada, David explicou

que "já tinham feito uma descarga e que iam regressar ao mar". E garantiu ao pai que sobreviveu por pouco. "Mais dez ou quinze minutos na água e diz que já não aguentava", conta Otilio. "Aquilo são águas geladas", acrescenta Vitor André, também pescador e amigo de David. O pedido de auxílio do arrastão foi recebido pelo Centro Operacional de Salvamento de Corsen depois das 04.00. O mau tempo que se fazia sentir na região, com vagas de seis metros e ventos superiores a 35 quilómetros por hora, terão contribuído para o acidente e dificultaram as operações de resgate, que envolvem cinco helicópteros, um avião, um navio da ma-

rinha francesa, três da marinha mercante e um pesqueiro.

Vitor conhece bem a região e a empresa que empregava os três portugueses e onde também já trabalhava. "É uma empresa com boas condições e era um bom arrastão, com 24 metros, todo em ferro, tudo como exige a lei", explicou ao DN o pescador, que, este ano, não foi para França. "Não via os meus filhos crescer, mal lhes telefonava", conta, acrescentando que só ligava "uma vez por semana, nas duas ou três horas que o barco vinha a terra descarregar".

Este pescador conta que a pesca na Finisterra é muito dura. "Os meses de Dezembro a Fevereiro são os

Desaparecidos

JOÃO MANUEL DOMINGUES DAMAS

- Natural de Mira
- Tem 39 anos de idade
- Casado
- Tem duas filhas menores

João Damas fazia parte de um grupo de 20 pescadores da Praia de Mira, entre os quais mais seis primos e um cunhado, que foi trabalhar para França. Tinha estado em Portugal de férias para passar o Natal e o Ano Novo com a família, voltando a embarcar a 2 deste mês.

BELMIRO MARQUES GRAÇA

- Natural de Vila do Conde
- Tem 48 anos
- Casado e com dois filhos
- Foi futebolista profissional do Varzim, durante quatro anos, onde jogou ao lado de Rui Barros e Vata

"Miro", como é conhecido, conjugou o futebol com a pesca, mas a paixão pelo mar falou mais alto. Trocou a equipa do Varzim, onde actuou quatro épocas, entre 1982 e 1987, pelas redes de pesca em Portugal, Marrocos, Mauritânia e, mais recentemente, em França.

Só o ano passado, em Janeiro, houve quatro naufrágios", adiantou. Com base na experiência e no conhecimento da região, Vitor André adianta duas hipóteses para o acidente: "Houve uma colisão ou as redes de arrasto ficaram presas no fundo". O facto de não haver notícia de outro barco envolvido faz Vitor acreditar que terá sido a segunda hipótese, conjugada com a forte ondulação.

Ontem, amigos e familiares concentraram-se na casa de João Damas, natural de Mira, e de Belmiro Marques Graça, de Vila do Conde, os dois pescadores que continuavam desaparecidos ao final do dia, quando as buscas foram suspensas. ■



Droga estava em contentores

Contentores com polvo escondiam cocaína

Ação. Articulação nas polícias permitiu a maior apreensão de cocaína da Península Ibérica

A operação "Arcos" permitiu apreender cerca de cinco toneladas de cocaína e desmantelar uma complexa organização criminosa que recorria a um *modus operandi* detectado pela primeira vez na Península Ibérica, anunciou a Polícia Judiciária. Na operação houve sete detenções.

A informação foi prestada ontem pela PJ e Polícia Nacional espanhola, ambas envolvidas na operação, con-

firmando que a droga estava dissimulada num produto líquido misturado com a restante carga, que partiu da Venezuela com destino à Galiza, tal como o DN tinha já avançado.

O navio entrou em Portugal a 22 de Dezembro e no interior de um contentor encontravam-se 635 caixas de polvo congelado, das quais mais de um terço traziam cocaína dissimulada. As caixas continham certificados legais de exportação, tendo a droga sido dissolvida numa solução química aquosa misturada com o polvo e embalada em cartão.

A investigação arrancou na Galiza, cujas autoridades alertaram a PJ para as movimentações cujo objectivo era introduzir a droga em Portu-

Apreendidas cinco toneladas de cocaína líquida

gal, com destino a Espanha e outros países da União Europeia.

Nos últimos meses a PJ detectou "esforços significativos" por parte do grupo para a importação de um con-

tentor, através do Porto de Lisboa, contendo mercadoria declarada como polvo congelado. À chegada os inspetores apreenderam a droga.

Esta quantidade ascendia a 9,4 toneladas mas a droga líquida cifrou-se em cinco toneladas. O grupo inseriu-se numa rede criminosa internacional que mostra uma capacidade financeira acima do habitual. Em Espanha foram detidos quatro suspeitos espanhóis e um colombiano, e em Portugal dois que ficaram em prisão preventiva. ■ Paulo Júlio, Viana do Castelo

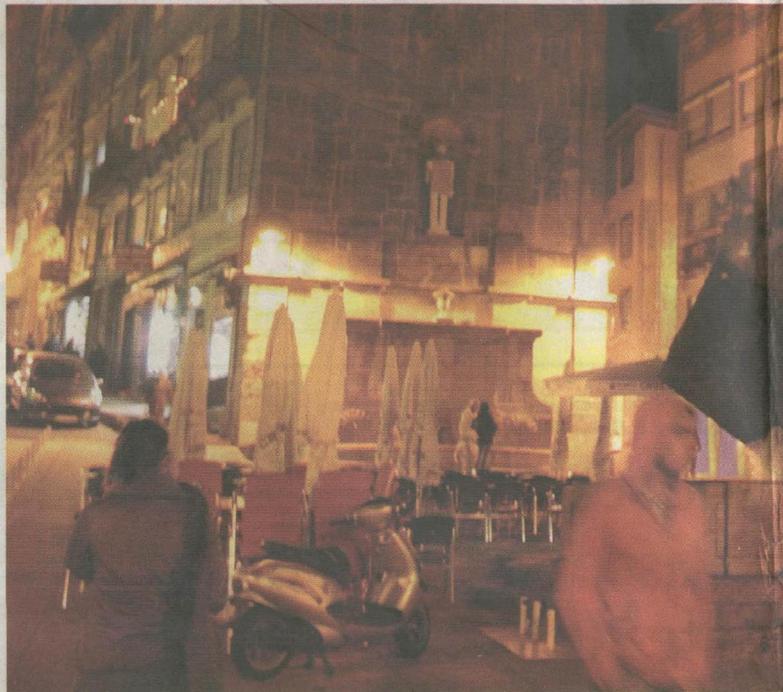


Anexo 16

DN

Ribeira do Porto

O bairro de Júlio Resende, do Cubo e do Infante é também de Bruno Pinto, conhecido por Pidá, líder de um gangue, cujos membros estão acusados de homicídio e são apontados como os principais reponsáveis pelo clima de insegurança que se vive no Porto. Nas ruelas junto ao Douro, onde Ilse Losa desembarcou em 1934, o povo rejeita ligações a grupos violentos. Mas admite que o tempo da camaradagem e da boa vizinhança fazem parte do passado. O padre da Ribeira considera os jovens do gangue injustiçados e desafia as autoridades: "Quem tiver as mãos limpas que atire a primeira pedra"



A Ribeira foi tomada

A história do bairro que passou a ser conhecido pela insegurança

ALFREDO TEIXEIRA, FRANCISCO MANGAS e JOANA DE BELEM

Morte, rivalidade entre gangues. De repente, a Ribeira dos barcos rabelos, bares e restaurantes, do Infante D. Henrique e da Ribeira Negra, salta para a actualidade pelas piores razões. Ilídio Correia, da vizinha Miragaia é assassinado e um grupo de jovens é detido. É nesta parte antiga do Porto que têm o seu ponto de encontro, na sede do clube o Ribeirense. Alguns, poucos, ainda vivem juntos, outros seguiram a tendência da desertificação, procuram paragens diferentes para morar. Mas é à Ribeira que regressam sempre.

Com os quatro membros do gangue da Ribeira detidos, a luta processual só agora começou. Fátima Castro, advogada de Sandro Onofre e Paulo Aleixo, que aguardam julgamento com Termo de Identidade e Residência, está a estudar a possibilidade de processar o Estado Português pela acusação de terrorismo.

A Ribeira e Porto já tiveram melhor imagem. Quando o naturalista alemão Heinrich Friedrich Link passou por aqui, em 1798, disse que estava perante a "cidade mais limpa do País". É "muito segura, precisamente ao contrário de Lisboa". Na obra *Notas de Uma Viagem a Portugal e Através de França e Espanha*, Link, além da admiração por ver magnólias nos jardins, conta que "os roubos e os homicídios motivados por roubos eram coisas muitíssimo raras". Exemplos de facadas por cti-

O PESCADOR DE CADÁVERES

Tinha nome de imperador, mas demasiado extenso e nada fácil de pronunciar. A própria mãe se apressou a abreviar o problema: em vez de Diocleciano, passa a chamar o filho por Duque. E assim emerge o lendário Duque da Ribeira. Personagem no romance *A Cabeça Perdida de Damasceno Monteiro*, de António Tabucchi, nome de largo e de um dos primeiros bares da Ribeira. E que fez este ho-



mem do povo, desaparecido em 1986, aos 94 anos, para ascender ao estatuto de herói? Aos 11 anos Diocleciano Monteiro, o Duque da Ribeira, salva das águas do Douro um rapaz mais velho do que ele. Ao longo da vida repetiu muitas vezes esse gesto. Barqueiro de profissão, conhecia bem os segredos do rio. Quem caísse à água, o Duque resgataria: vivo ou morto. No romance de Tabucchi aparece como "pescador de cadáveres". Uma das figuras mais típicas da zona histórica do Porto, o Diocleciano Monteiro chegou a passear-se com o seu barco pelas ruas da cidade: foi a homenagem da Junta de S. Nicolau, que retirou a pequena embarcação do rio, aplicou-lhe rodas, e fez do Duque o seu rei numa rusga de S. João.

Foi uma das figuras mais típicas da zona histórica do Porto. O nome deste barqueiro do Douro, desaparecido em 1986, já entrou na toponímia da cidade e em romance de Tabucchi



JUDIA

Em 1934, desembarcou Ilse Losa: espantou-se ao ver uma mulher descalça



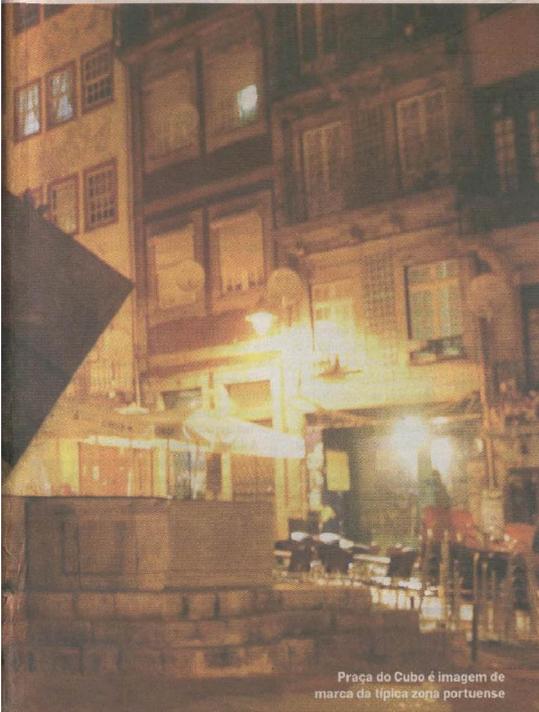
HISTÓRIA

A Casa do Infante (sec. XIII), onde terá nascido D. Henrique, é dos edifícios mais antigos da cidade.



MEMÓRIA

Evocação das vítimas do desastre da Ponte das Barcas, em 1809, nas Invasões Francesas.



Praça do Cubo é imagem de marca da típica zona portuense

Ribeirense era ponto de encontro

Contestação. Habitantes da Ribeira dizem que o gangue não tem a ver com quem vive na zona

Muito se tem dito sobre o chamado "gangue da Ribeira" e do alegado líder, Bruno "Pidá", apontados como responsáveis pela sucessão de crimes que ocorreram no Porto. A denominação tem suscitado muitas críticas, principalmente dos habitantes daquela zona ribeirinha, que não associam muitos dos visados à 'vizinhança' e lamentam o mau nome que vem de arrasto. "Isso não tem nada a ver com as pessoas daqui", repetem ao DN.

Dos 11 detidos, a 16 de Dezembro, quatro ficaram em prisão preventiva e dois com Termo de Identidade e Residência, mas muitos não serão moradores na Ribeira, pelo que a população questiona o porquê de as autoridades e a Comunicação Social não falarem num "gangue do Porto ou do Grande Porto". A explicação poderá residir no facto de ser aquele o local escolhido para o grupo se reunir, nomeadamente no Grupo Desportivo O Ribeirense, espaço que, inclusive, vem referido na acusação do Ministério Público como palco de uma das cenas de violência com outros grupos ligados à segurança nocturna, que também estão na mira das autoridades.

O suposto líder, "Pidá", 30 anos, está indiciado pelas mortes do empresário Aurélio Palha e do segurança Ilídio Correia. Sobre ele pendem ainda a acusação de doze crimes de homicídio na forma

tentada, um crime de ofensa à integridade física e um de detenção de arma proibida. Tal como "Pidá", foram presos preventivamente Mauro Santos, Fernando Martins ("Beckham") e Ângelo Ferreira ("Tiné"). Mauro é suspeito de dois crimes de homicídio qualificado, de seis crimes na forma tentada e um de tráfico de estupefacientes, em co-autoria com Fernando "Beckham"; a acusação a Beckham engloba ainda um crime de homicídio qualificado e dez crimes de homicídio na forma tentada. Ângelo está indiciado por um homicídio qualificado e três homicídios tentados. Todos se encontram indiciados pelo crime de detenção de arma proibida. Outros dois arguidos, Sandro

Onofre e Paulo Aleixo, aguardam julgamento em liberdade.

Liderança do gangue cabe a Bruno Pinto ("Pidá")

O Ministério Público considera que "estamos perante criminalidade violenta e organizada" e que "há muito que os indícios apontam no sentido da existência deste grupo e de que a sua liderança, a nível operacional, cabe ao arguido Bruno "Pidá". Um amigo deste, que apenas quis falar sobre anonimato, garantiu ao DN que "o que existe aqui é união" ("à noite juntamo-nos para beber um copo") e que "as pessoas que estão presas estão inocentes".

Ainda de acordo com Artur (nome fictício), "o Bruno e todos eles têm um coração muito grande e são valentes de mão, não precisavam de armas. Sabe por que é que as pessoas matam na maioria das vezes? Por medo. E o Bruno é uma pessoa destemida".

QUEM É O GANGUE

Nem todos os 11 indivíduos inicialmente detidos vivem na Ribeira, mas muitos reuniam-se habitualmente na zona, nomeadamente na sede do Grupo Desportivo O Ribeirense

'PIDÁ'

Alegado líder do gangue
DETIDO
Filho e neto de estivadores, nasceu na Ribeira, onde os "Pidás" são uma família conhecida. Mora na Rua do Almada, no centro da cidade. Fez parte dos SuperDragões.

MAURO SANTOS

Membro do gangue
DETIDO
Mauro, 19 anos, é o suposto homem de confiança de "Pidá". Benfiquista, nasceu em Lisboa. Orfão de pai e mãe, moraria agora na Ribeira.

FERNANDO MARTINS

Membro do gangue
DETIDO
Conhecido por 'Beckham', tem 22 anos e é amigo próximo de "Pidá". Morava na Ribeira e, no perfil que tinha no site H15, dizia ter uma "profissão de risco".

ÂNGELO FERREIRA

Membro do gangue
DETIDO
Conhecido por 'Tiné', mora na fronteira entre a Ribeira e a Sé do Porto. Dos quatro detidos, é o que está acusado de menos crimes.

SANDRO ONOFRE

Membro do gangue
EM LIBERDADE
Mora no centro do Porto, distante da Ribeira. Tem 31 anos e até à sua detenção exercia funções de segurança numa discoteca. Está com termo de identidade e residência.

PAULO ALEIXO

Membro do gangue
EM LIBERDADE
Nega estar envolvido nos crimes. Terá também morada na Ribeira. Está com termo de identidade e residência e tem 28 anos.

de assalto

mes, contudo, "não faltavam". Se o naturalista voltasse ao Porto, duzentos anos após a primeira estadia, as suas notas de viagem sobre a cidade, por certo, seriam menos solares. Da Ribeira, e do seu povo, o ilustre viajante centrou a atenção num certo declínio do porto da cidade, em parte, devido a corsários franceses que acharam refúgio em Vigo, na vizinha Galiza - e "vagueavam quase sempre em bandos à vista do Porto".

Os corsários, enfim, perderam-se na memória. A Ribeira, essa, recupera um rosto violento. Jardim Moreira, padre de S. Nicolau, não se pronuncia sobre o alegado gangue, porque esse assunto, diz, não é da sua competência. "Será injusto da minha parte apontar o dedo". Padre Jardim tem, no entanto, uma explicação para insegurança e violência com raízes na sua paróquia. "Essa gente é vítima, emeredou por aí porque é vítima, não lhe deram atenção a seu tempo" e procuraram alternativas. "Das autoridades, quem tiver as mãos limpas que atrai a primeira pedra". Para o pároco, pobreza é um sinónimo de injustiça. "Os pobres são uns injustiçados: e podem ser eles culpados da injustiça dos responsáveis? Não, não podem ser". Jardim, que esta semana fez o funeral a duas mulheres de S. Nicolau vítimas de over dose, afirma que é preciso "desmarcar a gente que vive nos palácios e faz tudo o que lhes apetece". Não seriam precisos "tantos milhões", assegura o pároco e também presidente da Rede Europeia Anti-pobreza em Portugal, para resolver o problema da habitação no centro histórico.

Por detrás de uma paisagem única, património mundial, uma longa história de miséria e sofrimen-

to. A turística Ribeira, da movida, dos bares e restaurantes, do Hotel Pestana, debruçado no rio, dos barcos de cruzeiro a subir o Douro, ainda não sacudiu em pleno a fuligem, as marcas, de outrora. O tempo, não muito distante, de na mesma casa sobreviverem centenas de pessoas - os chamados "paquetes da Rosa Padeira", na Rua da Fonte Taurina -, com divisões de serapilheira, e uma só sanita para todos, é verdade, faz parte da memória. Ao passado pertence a penúria extrema das crianças que dilacerou o coração do padre Américo, o fundador da Casa do Galão, nas suas vistas ao Inferno do Barredo. "Tal era a pobreza que as pessoas alugavam garfos e colheres para comer", conta Maria Helena, há 25 anos na cozinha do restaurante A Grade.

"As pessoas tinham para cima de cinco filhos cada", lembra Miguel Gonçalves, 57 anos. Só a sua avó paterna contribuiu para a demografia com 21 filhos, e não era caso único: "Morava muita gente, num simples quarto podiam viver sete ou oito, casas de três e quatro andares com duas casas de banho."

"Ei! Havia tanta gente! Na parte de trás, no Barredo, vivia mais gente do que devia." Maria Sousa tem bem viva a memória dos quartos alugados pela Elisa do Ceguinho e também pela Rosa Padeira, a dona do prédio onde até "num vão de escada vivia uma família", ouviu o DN da boca de muitos dos que ainda a habitam. "Agora não existe fome nem pobreza, está melhor, mas mais valia a pobreza antiga do que a riqueza de hoje, auxiliávamos-nos uns

Zona volta a saltar para a actualidade pelas piores razões

Grupo de hip-hop "Bandidos" não relança CD

O grupo de hip-hop Bandidos não vendeu mais uma cópia do CD *Vale Tudo* depois de uma das músicas se ter tornado conhecida através de um vídeo posto a circular no portal da Internet YouTube, onde Bruno "Pidá" surgiu como figurante, ao volante de um Porsche, emprestado pelo seu amigo Fernando Madureira, líder dos SuperDragões. O disco foi gravado nos estúdios da Fortes e Rangel, na Rua de Passos Manuel, empresa que já foi responsável pela edição de trabalhos de vários artistas portugueses desde José Afonso a Carlos do Carmo, passando

pelos UHF e Mão Morta. "Ao contrário do que possa parecer, quanto mais não seja por esta polémica que acabou por rodar o vídeo do YouTube, o trabalho do grupo é interessante por ser diferente e ter alguma piada e, se estivesse na mão de uma multinacional, era capaz de andar para a frente", afirmou ao DN Fernando Rangel, responsável pela editora. Ao próprio vocalista são destacadas capacidades tanto vocais como de imagem e presença. O *Vale Tudo* foi gravado há cerca de um ano. O contrato foi feito e, quando apareceram para gra-

var, já traziam muito do trabalho realizado, nomeadamente a batida e os efeitos especiais que tinham sido encomendados a um produtor francês. Foram feitos mil discos, tendo os Bandidos levado 200 e ficado com o compromisso de depois levar mais e realizar o pagamento. "Nunca mais apareceram", diz o responsável da empresa. A Frac, por exemplo, comprou uma pequena quantidade de CDs, mas não pediu reposição. Mesmo após a divulgação da música através da internet "não houve sinais de interesse" quer de vendedores quer do grupo.



Irene vive só num quarto andar

Velhos prisioneiros dentro da própria casa

O drama de gente que não consegue descer as escadas Ingremes dos prédios

FRANCISCO MANGAS

A casa está bem arrumada, limpa. Da janela da exigua cozinha vê-se os telhados da Ribeira, ao fundo, um trecho do rio. O gorgolejo agreste das gaiotas prenuncia aguaceiro. Irene, que nos recebe com um sorriso, gosta de gaiotas, gosta de gatos, gosta "muito de crianças". Irene é uma das muitas prisioneiras, cativas na própria casa, no centro histórico do Porto.

Vive sozinha, num quarto andar, na rua da Vitória. As duas "operações às artroses" não lhe retiraram a mobilidade: faz limpeza, cozinha, e dá-lhe pela casa. Apenas por dentro da casa. Irene Faria, 84 anos, "há ano e meio" não sai à rua. As pernas conhecem bem o caminho, mas as "48 escadas", de madeira rangente, assustam. Agora estas desceradas, "Descer, devagarinho, podia. Mas subir..."

Na zona da Ribeira e na freguesia vizinha da Vitória, como Irene, "criada de servir" que aprendeu a falar francês, há dezenas de casos idênticos. Veio a velhice, a casa, o doce lar, virou cárcere. Vivem nos últimos pisos - as rendas aí eram menos tomentosas para gente simples - de prédios antigos, sem elevador. Em grande parte das casas antigas, entretanto recuperadas, o problema subsiste: a arquitetura não permite ou adia-se, por questões de poupança, a instalação do ascensor.

O presidente da Junta de S. Nicolau, freguesia que integra a Ribeira, conhece bem o problema. Jerónimo Ponciano, 73 anos, mora, há décadas, num quinto andar da Rua de Belmonde. Para este beirão, natural da aldeia de Monte-perobolso, os "80 degraus" de escadas funcionam ainda como acesso. O mesmo não dirá a sogra, Alina Marques, 93 anos, que reside na mesma casa.

Há situações em que esta espécie de prisão domiciliar, pena a cumprir por gente que comete o crime de envelhecer, não é total. Ana Pinto, 74 anos, vive com um filho doente e dois gatos (a *Boneca* e *Prestinho*) nas águas furtadas de prédio de cinco pisos. A escadaria é imensa, a piçoa. Ana desce uma vez à rua, pela manhã. O res-

to do dia passa-o em casa a ver televisão, indiferente ao intenso cheiro a urina de felino.

A companhia nocturna de Irene é também a televisão. "Fica ligada a até à meia-noite". Durante o dia, deixa ir o olhar no voo das gaiotas ("vêm comer aqui ao peitoril da janela"), a viagem termina na outra margem do rio, em Gaia, onde trabalhou muito tempo. Da outra janela, da parte da frente, vê a rua que a levava ao centro da cidade. E os gatos a lambem o sol, no mundo que lhe está vedado.

Uma vez por semana abre a porta a um funcionário do Centro Social Sã Homem, que lhe traz as compras para uns dias. Irene é viúva. O amor tardio com o taxista com quem casou, tinha então 47 anos, não gerou nenhum herdeiro. Uma sobrinha visita-a aos domingos; às vezes, a solidão é interrompida com a passagem da assistente social ou do pároco da S. Nicolau e da Vitória. Sempre que é solicitado, padre Jardim Moreira sobe o escadaria de madeira para confessar estes deserdados fiéis, partilhar a amargura.

Na Ribeira e restante geografia de S. Nicolau, segundo os dados do pároco, existem não mais de "900 habitantes". Quando aqui chegou, em 1968, a população ultrapassava as dez mil almas. Uma parte significativa dos sobreviventes atingiu o patamar da terceira e idade. Moram no 3.º, 4.º e 5.º pisos. "Só descendo numa cadeirinha dos bombeiros, senão não saem", diz padre Jardim. "Isto é o drama de muita gente no centro histórico."

A privação da rua, do sol, de caminhar pela cidade, mesmo que seja breve o roteiro, agrava a solidão. Outra mazelada arrasta a imobilidade, a clausura doméstica: como vivem fechados, o ar não se renova, não se regenera, no espaço habitável. Quase todos sofrem, ou vão sofrer, de problemas respiratórios que precipitam a morte.

Pouco ou quase nada podem fazer. As reformas pequenas não lhe permitem o sonho de mudar para casa menos desumana, e o acesso a lar terceira idade também se afigura difícil. Irene alenta a esperança de acabar o resto do dias no lar do centro social da paróquia da Vitória.

Como tinha sido avisada de véspera da nossa visita, Irene Faria pediu a um vizinho para nos abrir a porta da rua. Nas outras visitas, as chaves voam lá do alto da prédio, embrulhadas num pano de flanela para amortecer a queda no lajedo. ■

Algumas figuras do bairro

JAIME MADUREIRA

"Gangue é uma imagem criada"
Antigo revisor da CP, 56 anos, Jaime Madureira vive há quatro décadas na Rua dos Mercadores. Foi presidente do Passarinhos da Ribeira, clube de futebol amador com vários troféus no seu historial. Hoje preside à direcção dos Bombeiros Voluntários do Porto. Mas o que torna mais conhecido este homem



enérgico, de olhar vivo, é o facto de ser pai de Fernando Madureira, líder da claqué dos SuperDragões. Por "respeito ao silêncio" do filho, não fala do "gangue da Ribeira", que considera ser "uma imagem criada" pela comunicação social. "A publicidade foi má, mas foi publicidade e, por isso, chamou mais gente à Ribeira."

JERÓNIMO PONCIANO

"Insegurança despontou com abertura dos bares"
Jerónimo Ponciano, 73 anos, fez da Ribeira, onde mora há meio século, a sua terra. Ponciano nasceu na aldeia de Monteperobolso, concelho de Almeida. Veio para o Porto, depois de cumprir serviço mili-



tar em Goa, graças à "cunha" de um secretário de Estado de Salazar, que lhe arranhou emprego como funcionário no Liceu D. Manuel II. Aí conheceu, entre outros, Oscar Lopes e Armindo Coelho, mais tarde bispo do Porto. No gangue, que terá nascido na freguesia a que preside, diz, "andam alguns jovens da Ribeira", mas isso é assunto que o "ultrapassa". A insegurança, diz, "começou a despontar com a abertura dos bares".

NANÁ

"Não há cá gangues, apenas miúdos unidos"
Andou "embarcado no rio e em petroleiros" o homem que, com 62 anos, é uma das personagens mais conhecidas da Ribeira. Só depois do adeus à vida nos barcos é que José Fernando Marques Teixeira, o Naná, se



dedicou ao ofício que já era do avô e do pai: a construção de barcos de pequenas dimensões, embora "também tenha feito dos grandes", arte que ainda hoje pode ser vista nos Barcos Naná, uma oficina de porta aberta, no Muro dos Bacalhadores, onde "estão a expulsar os pobres para trazer os ricos". Lamenta que o Porto, que foi grande cidade de marinheiros, não tenha um museu marítimo. Gangues? "Não há cá disso, apenas miúdos unidos."

RECUPERAÇÃO URBANA ADIADA

Abandono da Ribeira está a favorecer especulação imobiliária. O projecto da Sociedade de Reabilitação Urbana não valoriza a situação social dos residentes na zona histórica

Do pároco ao presidente da Junta de S. Nicolau, passando alguns moradores, todos denunciam pressão imobiliária na Ribeira e no restante Centro Histórico do Porto, Património Mundial. O padre Jardim Moreira afirma que na Rua do Infante "estão a desalojar residentes", dandolhes um pequeno andar em Gaia. Na Lada, um dos bairros reconstruídos na Ribeira, "ofere-

cem 175 mil euros ao residente pela casa, e ele compra vivenda fora". O abandono da Ribeira, dizem, começa com o fim do Commissariado para Renovação da Ribeira-Barredo e da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica. O projecto da Sociedade de Reabilitação Urbana, que substituiu os dois organismos, "não tem em conta a situação social dos residentes".

7 perguntas a...

Jardim Moreira

PÁROCO DE S. NICOLAU
EDA VITÓRIA



"Só com escolta podia entrar no Barredo"

Como aparece o padre Jardim na Ribeira?

Sou pároco em S. Nicolau [freguesia que integra a Ribeira] há 38 anos. Livrementem, por opção. Quando o senhor D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, voltou do exílio, propus-lhe que me nomeasse para uma zona pobre e des cristianizada.

D. António ouviu-o?

Deu-me a coisa mais difícil que tinha, a paróquia de S. Nicolau. Fiquei surpreendido. Eu era um menino de 28 anos, saído do seminário no final do Concílio do Vaticano II: vinha com toda a garra.

E que encontrou na Ribeira?

Na altura, lá em baixo, era uma desgraça enorme. Na rua da Fonte Taurina havia casas onde viviam 300 pessoas. Chamavam-me para partos, como se eu fosse parteiro... Tudo servia, porque eu era a única pessoa que eles podiam recorrer.

Como foi recebido pelo povo "des cristianizado"?

Na altura estavam a fazer a doca de Leixões, para passar para lá o porto. Eu parecia na Praça da Ribeira de capa e batina e então diziam-me assim: "Padre, padrego/ cristão malaqueco/vai para a doca ganhar a 28". Vinte oito era o ordenado de um trabalhador da doca.

Não era fácil, às vezes tinha de vir escutado, com agente à pala-sa, para me defender. Era tal o anti-clericalismo primário que não era fácil o meu trabalho. Para ir ao Barredo só com escolta, eu tinha medo.

Como explica esse anticlericalismo?

Eu apareci com uma mensagem cristã diferente do passado, e eles pensavam que o padre vinha para os explorar ainda mais. Como eu não levava dinheiro por nada, então eles pensaram: "se não leva dinheiro é porque não presta". Mas havia algo mais a travar o meu trabalho. A polícia política: "se ele anda tão activo por aí, quem lhe paga é Moscovo", dizia a Pá-me.

O padre Jardim também é pároco da Vitória [freguesia vizinha de S. Nicolau], aqui um dos problemas é a sida.

Ainda hoje morreu um jovem com essa doença. É uma razão, houve tempos em que morriam 20 a 30 por ano.

Aconselha o preservativo?

Em termos éticos o mal menor, em dados momentos, é defensável: é preferível o preservativo que morrer. ■

▶ A Ribeira dos gangues

▶ aos outros", fala José Teixeira, do alto dos seus 62 anos vividos na Ribeira. Maria também não esquece "os tempos que deixam muitas recordações e saudades" e, em dias distintos, profere quase as mesmas palavras sobre "a pobreza que se calhar era mais saudável que a riqueza de hoje. Se alguém passasse fome, havia sempre uma tigela de sopa para lhe dar". Eram todos "primos, irmãos, uma família", repete ainda Miguel Gonçalves.

Da paisagem ribeirinha migrou, para sempre, a imagem dolorida de mulheres descalças, rosto imerso em feixe de carquejas. As carquejas - assim se chamavam estas mulheres transformadas em árvores andarilhas - subiam do cais até ao cumede da cidade para alimentar as fornalhas das padarias. Desapareceram anos antes do porto

passar para Leixões. Sem barcos de mercadoria a ancorar e zarpar, o ofício de estivador caiu em desuso. E os grandes armazenistas, de igual modo, fecharam as portas, mudaram de sítio.

Foi-se o "mundo de gente", os vapores de "cem metros que passavam por aí a descarregar o bacalhau e o sal", os ribelões e os carneiros que traziam, rio abaixo, "os vinhos, a lenha" Capêlo Ferreira tem 76 anos. Lembra-se bem de quando se aproximava um barco de fruta: "eu tirava a roupa, com a pilhinha e tudo de fora, para nadar e roubar umas peças...para comer, não para estragar".

Foram-se os barcos "ingleses" e de outras nacionalidades, grandes. "Fundavam todos aqui a descarregar vinho do Porto, outros descarregavam ferro para a fundição que havia próximo", conta António Fernandes, 70 anos. Pouco tempo, contudo, ficaram vazios os armazéns. A parte antiga da cidade, com habitação degradada, volta a abrigo, agora de pobre gente que protagoniza o êxodo dos campos, nos finais dos anos sessenta do século passado. "Vêm autênticas colónias de Lamego, Vila Real, Resende, e de outras zonas, e começam a habitar naqueles armazém divididos por serrapilheira", recorda Jardim Moreira, pároco de S. Nicolau desde 1968.

Degradam-se ainda mais as condições de quem habita a Ribeira. Negra, ainda muito negra. O 25 de Abril traz um pouco de clareza aos que viviam na parte mais antiga da cidade. Padre Jardim assistiu a essa súbita migração para outro ponto do Porto. "As pessoas daqui assaltaram as torres do Aleixo, foi uma ilusão tremenda, ninguém controlou aquilo". Esvaziam-se os armazéns e outras habitações,

A RIBEIRA NA ARTE

Foram vários os artistas que se inspiraram na Ribeira para as suas obras, algumas atravessam gerações e são já imagem de marca de uma das zonas mais típicas do Porto



JÚLIO RESENDE
Autor de *Ribeira Negra*, painel de azulejos em homenagem ao ribeirinho



MANOEL DE OLIVEIRA
Filmou *Aniki Bobó*, com miúdos a brincar aos polícia e ladrões



JOSÉ RODRIGUES
Escultura de José Rodrigues "tornou" a Praça da Ribeira na Praça do Cubo.



CARLOS T
Compositor homenageou casario da Ribeira num poema cantado por Rui Veloso.

FERNANDO MADUREIRA
"A RIBEIRA É O CORAÇÃO DOS SUPER DRAGÕES"

Porque a maioria dos detidos é da claque e pela ligação umbilical aos clubes da zona (O Passarinhos da Ribeira, o único em actividade, O Ribeirense, cuja sede se diz ser poiso habitual do alegado gangue, e o Clube Desportivo Infante D. Henrique), tem-se especulado sobre uma ligação dos Super Dragões à onda criminalidade, o que o seu líder, Fernando Madureira, recusa, acusando a comunicação social de querer "vender jornais à custa do FC Porto". Apesar de dizer que a claque está espalhada pelo Grande Porto, admite que a Ribeira "é o coração dos Super Dragões".

"Os pobres são uns injustiçados", diz o Padre Jardim

e há a promessa de regresso um dia. Mas, com a intervenção no património habitacional do Comissariado para a Renovação da Área Urbana da Ribeira-Barredo (CRUAR), continuada com a Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica, dando dignidade ao espaço habitacional, jamais voltariam a caber todos os que saíram.

As torres do bairro do Aleixo - hoje um dos mais problemáticos da cidade - "ainda não estavam concluídas". Pormenor insignificante para quem nunca havia pisado um apartamento, nem conhecia casa tão altas, com elevadores. "Não houve distribuição, o que tem mais garra avança porque pensavam que iam para o céu". Os que ficaram assinalam aí a mudança, passo importante na "perda de identidade".

Da antigo coração comercial da cidade, "os verdadeiros", como lhes chama Capêlo, foram-se. Na

altura, "isto foi chamado de colmeias humanas". Muitos foram ao engano, "disseram que era o tempo de fazerem obras e depois voltariam", mas nunca aconteceu o almejado regresso, lamenta José Teixeira, ou Nana, como é conhecido.

Desde essa altura até aos nossos dias, nas contas do pároco de S. Nicolau, saíram "mais de 10 mil pessoas". Na freguesia, de que faz parte a Ribeira, "se morar em 900 pessoas é o máximo".

A Ribeira turística (videovigilada em breve) cresce, alastra, há projectos para hotéis e outros investimentos. Aparentemente não a tolhe a existência da nova violência cidadã. Será uma questão de tempo, dizem. Os mesmos que resistiram a penúrias, à fúria das águas do Douro, os mesmos que sobreviveram à tragédia das barcas, cedem agora perante as chamadas leis do mercado. E quem os defende? Até o Senhor da Boa Fortuna, protector do "discristianizado" povo do labiríntico Barredo, foi roubado do nicho...



Sancti já regressaram à instituição

o emocionado ao lar manas após incêndio



Matias Rafael, um dos utentes das instalações, completou ontem 69 anos

feridos graves

o dia em que deflagrou o incêndio, Lar de São Francisco acolhia 102 idosos. **Três acabaram por morrer devido ao fogo.** Um quarto morreu após sair do hospital de Beja e ter entrado num lar de acolhimento, em antana da Serra (concelho de Ourique). Neste momento, três feridos graves ainda continuam internados: dois estão em situação delicada e os cuidados intensivos da unidade de queimados do Hospital de São José (Lisboa) e um outro está no hospital de Beja, com o estado de saúde a evoluir favoravelmente.

'cagaço' com o fogo mas assustei-me com o atraso dos meus camaradas", contou.

Mesmo ao seu lado, Joaquim da Rosa, 89 anos, confidencia que durante os últimos dias sentiu "algumas saudades" do lar de São Francisco. Um sentimento partilhado com Matias Rafael, natural de Baleizão, que não esconde a satisfação por regressar a Serpa. Para mais foi recebido com um bonito bolo de aniversário e os tradicionais parabéns cantados por funcionárias e idosos - Matias completou ontem 69 anos.

Entre estes utentes do lar de Serpa, segundo adiantou Guida Ascensão, existe agora "uma maior consciência das suas limitações" e, por

isso, "aperceberam-se que tiveram muita sorte". Ainda assim, continuarão a residir num espaço que tem "as condições possíveis", segundo palavras da provedora da Misericórdia de Serpa, Maria Ana Pires.

A responsável revelou que a reabilitação do lar custa mais de 100 mil euros, uma vez que o edifício "teve grandes danos nos caixilhos, vidros, chão, paredes, aparelhos de climatização, rede eléctrica e canalizações. Maria Ana Pires defende que para Serpa "é importantíssimo" conseguir um novo lar. Para obter financiamento, a direcção da Misericórdia vai apresentar uma nova candidatura ao Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais. ■

Alcobaça. Acidente faz um morto

Um homem morreu ontem em Casal Val de Ventos, concelho de Alcobaça, num acidente numa oficina caseira. Segundo o Centro Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Leiria, a vítima tinha uma máquina quinadeira, uma prensa usada para dobrar peças de metal, que lhe caiu em cima provocando-lhe a morte. Fonte do CDOS não tinha dados sobre se a vítima estaria a operar a máquina.

Oeiras. Acidente com grua faz três feridos

Um acidente com uma grua fez ontem três feridos ligeiros, em Oeiras. O caso deu-se durante a montagem da estrutura, no exterior do centro Oeiras Parque, quando "terá falhado um cabo", segundo fonte dos bombeiros de Paço d'Arcos. Por precaução, duas pessoas foram levadas ao hospital. No local estiveram quatro ambulâncias e um veículo de pronto socorro dos bombeiros.

Alpiarça. Colisão provoca um morto

Uma colisão entre um veículo ligeiro e um pesado de mercadorias, que transportava automóveis, provocou ontem um morto, na Quinta da Gója, Alpiarça, na EN 118, pelas 14.30. No local estiveram os bombeiros locais, com quatro viaturas e dez homens. A estrada esteve obstruída por um largo período de tempo.

Figueira. Obras na ponte atrasadas

Uma dificuldade técnica, não especificada, está a atrasar a construção do tabuleiro de alargamento da ponte dos Arcos, sobre o braço sul do rio Mondego, na Figueira da Foz. A estrutura está a ser alvo de obras de duplicação da faixa de rodagem, que, no entanto, não foram suspensas, adiantou a Estradas de Portugal.

Amadora. Concelho no 'top' da densidade

O concelho da Amadora registou em

lra abre e autarca

"Os presidentes da junta e da câ-

Encontrou produto de roubo quando apanhava cogumelos

Ponte de Sor. GNR capturou nas imediações da cidade". O popu-

ALFREDO TEIXEIRA

A Polícia Judiciária (PJ) está a investigar as circunstâncias em que um agente da PSP foi ferido a tiro, ontem de madrugada, às 05.00, numa casa onde alegadamente se pratica a prostituição, na Avenida Fernão Magalhães, no Porto.

O Comando Metropolitano da PSP não avançou com qualquer explicação para o ocorrido. Fonte do gabinete de relações públicas apenas afirmou ao DN que uma patrulha esteve no local mas não foram encontrados nem a vítima nem o agressor que alegadamente terá sido um indivíduo de etnia cigana. Não há registo da entrada do ferido em qualquer hospital do Porto e, por isso, a PSP diz desconhecer se algum elemento da corporação tenha estado envolvido no incidente.

O homem alegadamente ferido sem gravidade exerce funções na 6.ª esquadra, na zona das Antas, e estava fora do horário de trabalho quando a situação ocorreu. Supostamente, o agente, já com alguma idade e mais de 20 anos ao serviço da PSP, exerce funções de segurança na referida casa. Nos hospitais não houve registo de entrada de nenhum ferido resultante desta situação.

siderar grave a possibilidade de um agente fazer segurança num local privado, numa posição idêntica à tomada aquando dos crimes ocorridos na noite portuense, altura em que foi levantada a mesma suspeita, de polícias fazerem segurança em bares e discotecas. "A nós o que nos interessa é saber se nesta ocorrência houve um agente envolvido e se estava lá como cliente ou de serviço", afirmou ao DN Paulo Rodrigues, presidente da ASPP. "Segundo conseguimos apurar, está um agente da 6.ª Esquadra, com cerca de 20 anos de serviço, referenciado por estar envolvido na contenda", acrescentou.

Os moradores do local afirmam não ter ouvido qualquer disparo nem presenciado distúrbios. Durante a manhã de ontem, apenas a empregada de limpeza se encontrava no número 2404, uma das muitas moradias da Avenida Fernão Magalhães.

Ela confirmou ao DN ter estado lá a polícia, mas desvalorizou o facto. "Não foi nada de grave, a polícia é que exagera nestas coisas", disse sem se querer identificar. A empregada da casa diz que ali "ninguém faz segurança". Um desentendimento entre clientes "pode ter assustado as meninas que chamaram a PSP". ■

SEM CONCLUSÕES

Processo relativo às suspeitas do envolvimento de agentes na segurança nocturna

O inquérito aberto pela Direcção Nacional da PSP na sequência dos homicídios relacionados com a noite portuense, e em que se suspeitou do envolvimento de agentes na segurança de estabelecimentos de diversão nocturna, ainda não está concluído. "Várias pessoas foram ouvidas nesse âmbito, a Inspeção-Geral da Administração Interna (IGAI) tem acompanhado de perto o processo, mas o ministro da Administração Interna entende prolongar a investigação para que fosse encontrada a verdade", refere Paulo Rodrigues da ASPP que concorda com a decisão. Diz que "é preciso alguma celeridade sob pena do inquérito se perder no tempo", mas que, o importante, é que "as conclusões sejam esclarecedoras de forma a acabar com suspeitas".

vado a poucos metros dali.

O rapaz "alto, magro e com cabelo louro em forma de crista" que, segundo um vizinho que solicitou o anonimato, mora com a mãe e mais dois irmãos (um ainda criança) vai ser ouvido, logo que possível, pela PJ, que recusa prestar declarações en-

identificar. Já Clayton, que estava de visita a uma amiga do prédio, disse ainda ter visto sangue nas escadas, quando saiu pelas 19.00, mas pensou que "alguém se tinha cortado".

Mas o que realmente aconteceu só Fábio poderá dizer à PJ quando estiver em condições para tal. ■



Na escada do n.º 1 do Impasse Cidade da Horta ainda há sangue

Anadia. Homem detido com armas

Um homem de 35 anos foi detido pelos militares da GNR de Anadia, Aveiro, na terça-feira, por posse ilegal de armas. A detenção ao indivíduo deu-se no seguimento de uma busca domiciliária. Os militares acabaram por apreender uma caçadeira de canos serrados, uma carabina com mira telescópica e ainda 217 munições. Depois de ter sido presente a tribunal, o suspeito ficou com termo de identidade e residência como medida de coacção.

Leiria. BT apanha condutor com droga

A Brigada de Trânsito de Leiria deteve, na segunda-feira, um indivíduo de 24 anos por posse de droga, na sequência de uma acção de fiscalização rodoviária. Os militares acabaram por apreender 13,308 gramas de hashixe e 2,518 gramas de cannabis, além da viatura em que o suspeito seguia. Segundo fonte do Tribunal da Marinha Grande, ao indivíduo foi aplicado o termo de identidade e residência, tendo o jovem saído em liberdade.

Lisboa. 26 tinham excesso de álcool

A PSP deteve 49 pessoas durante a operação "escolas em segurança no Carnaval", a maioria por condução sob o efeito do álcool, anunciou ontem o comando metropolitano de Lisboa. Na operação, de 28 de Janeiro a 5 de Fevereiro, foram fiscalizados 3165 veículos. Das 49 pessoas detidas, 26 tinham uma taxa de alcoolemia superior a 1,20 g/l. Seis foram detidos por tráfico de droga e outras seis por estarem a conduzir sem carta de condução.

Algarve. PSP apanha suspeitos de tráfico

Oito indivíduos, entre os quais duas mulheres, com idades entre os 25 e os 52 anos, foram detidos, na segunda-feira, pelas 19.00, em Vila Real de Santo António, por tráfico de droga e roubo, na sequência de uma operação da Brigada de Investigação Criminal da PSP. À hora do fecho desta edição estavam a ser ouvidos no Tribunal de Faro para aplicação de medidas de coacção. Cinco dos detidos já contam com antecedentes criminais pelos mesmos crimes.

Santarém. Condutor com 1,95 de álcool

A PSP deteve três indivíduos na madrugada de terça-feira em Torres Novas, Ourém e Entroncamento que conduziam com taxas elevadas de alcoolemia no sangue. De acordo com a polícia, os elementos, todos do sexo masculino, registavam respectivamente taxas de 1,95 g/l, 1,56 g/l e 1,42 g/l. Os condutores, de 29, 33 e 36 anos, foram apanhados em operações stop de rotina já durante a madrugada e após terem gozado bem a noite de Carnaval.

PJ deteve empresário por tráfico de droga

Porto. Homem de 44 anos abastecia outros revendedores da área metropolitana

Um homem de 44 anos, empresário na área da restauração, foi detido no dia 14 pela Polícia Judiciária (PJ) do Porto por posse e tráfico de droga, um passo importante no desmantelamento de uma rede que indicia ser de grande dimensão.

O indivíduo, que tinha consigo 722 gramas de heroína e 243,90 de cocaína, estava sob investigação desde 2006 e é considerado por aquela força policial um "elemento muito relevante na pirâmide do tráfico de estupefacientes".

O empresário foi presente às autoridades judiciais para primeiro interrogatório, tendo-lhe sido aplicada a prisão preventiva como medida de coação, informou a Polícia Judiciária.

Para além da droga encontrada na sua posse – em quantidade que daria, uma vez introduzida no merca-

do, para 8665 e 2440 doses individuais de heroína e cocaína, respectivamente –, foram ainda apreendidas uma arma de caça, um revólver e uma carabina de repetição, esta última com silenciador e mira telescópica, bem como um total de 296 munições para aquelas armas e também três artefactos pirotécnicos.

A polícia apreendeu ainda três veículos ligeiros, um motociclo, uma lancha semi-rígida e um "sophisticado sistema de comunicações de rádio", que indiciam a existência de uma rede de tráfico já bastante desenvolvida e de contornos organizados.

Resultado desta mesma investigação, que durava há dois anos, a PJ informa que há mais indivíduos presos preventivamente, sem precisar quantos. Ainda de acordo com as informações fornecidas pelas autoridades, o produto estupefaciente entrava na posse do detido via Espanha e destinava-se a abastecer outros revendedores de droga da área da Área Metropolitana do Porto. ■

Arrombar e escalar para roubar computadores

Grande Lisboa. Três homens agiam de forma similar, mas não há relação entre os crimes

ISALTINA PADRÃO

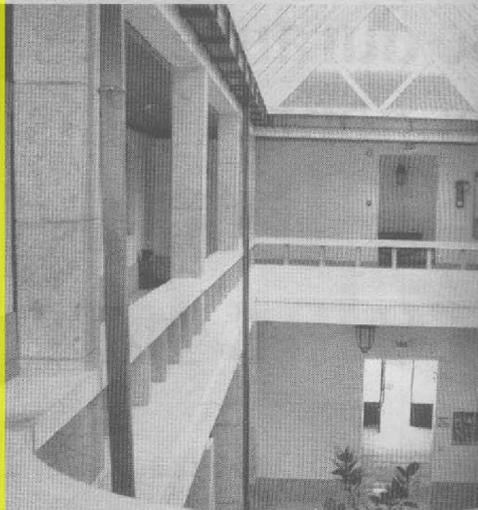
Arrombamento e escalamto. Foi através deste método pouco convencional que, entre Abril de 2007 e meados deste mês, foram assaltados vários estabelecimentos (lojas, escritórios, residências e escolas) de onde foi furtado, entre outro material, diverso equipamento informático, cujo valor as autoridades ainda não conseguiram apurar.

Os assaltantes actuavam de forma similar e visando o mesmo objectivo mas, ao DN, fonte da PSP disse "tratam-se de duas situações diferentes e sem ligação entre si". Num dos casos, a PSP deteve um homem de 29 anos que, entre 28 de

Maior de 2007 e 13 de Fevereiro, terá cometido nove crimes de furto qualificado, em Benfica (Lisboa), Damaia e Alfragide (Amadora). O detido, que não tem profissão e é toxicodependente, estava já referenciado pelo envolvimento em cerca de 40 ilícitos. Os computadores, monitores de plasmas e afins eram, segundo a PSP, para vender e obter lucro para "as suas necessidades diárias".

Noutra situação, dois indivíduos de 24 e 28 anos, foram detidos pela prática de, pelo menos, dez crimes de furto qualificado, entre 2 de Abril de 2007 e 14 de Fevereiro. Além de computadores roubavam também automóveis na Grande Lisboa. Ambos já terão estado detidos pela prática deste tipo de crime. Os três assaltantes encontram-se em prisão preventiva. ■

Assaltan



Sabrosa. Tribunal e câmara municipal foram ass

Entraram pela janela da juíza para fazer

Ladrões só levaram dinheiro, deixando todo o material informático

JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO, Vila Real

Foi pela janela da sala onde trabalha a juíza que dirige o Tribunal da Comarca de Sabrosa que assaltantes entraram, na madrugada de domingo, para roubar dinheiro do tribunal, da tesouraria da câmara municipal, do bar dos trabalhadores, da Conservatória do Registo Predial e dos Julgados de Paz, serviços que funcionam no mesmo no edifício municipal.

No tribunal e na tesouraria da câmara, os assaltantes arrombaram dois cofres (monobloco) de cerca de dois metros. Segundo o secretário judicial, foram usados diversos materiais, entre os quais rebarbadoras e berbequins de grande porte. "É trabalho de profissionais, pois actuaram de maneira precisa, não furando ao acaso mas apenas nos anéis que compunham o segredo", contou o funcionário.

O DN apurou que os assaltantes utilizaram uma escada de cerca de dois metros para entrarem pela janela (cujo vidro partiram), do gabinete da juíza que lidera o tribunal da comarca de Sabrosa. Depois arrombaram a porta da secretaria do tribunal onde se encontrava o cofre, prendendo sempre da mesma maneira as restantes repartições,

Segundo um funcionário m

Pedida mais GNR

"O posto da GNR de Sabrosa tem muito poucos elementos, insuportáveis para a extensão do concelho e das suas 15 freguesias", considera José Marques, autarca de Sabrosa, que espera um reforço do policiamento no seu concelho. "Já expus o caso ao Comandante da GNR e ao Governador Civil de Vila Real e espero que depois destes acontecimentos sejam tomadas medidas", disse ao DN José Marques.

Na zona oriental existem 13 bairros municipais, entre os quais alguns dos mais problemáticos, como o de S. Vicente de Paulo, do Lagarteiro e de S. João de Deus. Os socialistas criticam que o

Lagarteiro, que integra o projecto de bairros críticos, lançado pelo Governo em Julho de 2005 e que já está em curso nos municípios da Amadora e da Moita, não tenha ainda arrancado. O PS exige ainda

esclarecimentos sobre a conclusão do projecto do bairro João de Deus, acusando a câmara de ter despejado as pessoas do bairro para agora usar os terrenos para especulação imobiliária.

Horários da linha de Sintra vão ser adequados para servir a Baixa

DANIEL LAM

Nas duas primeiras semanas de Fevereiro começam a ser efectuados ensaios técnicos, já com material circulante (composições), no túnel ferroviário do Rossio, em Lisboa, que resbre oficialmente no dia 16 e volta a fechar depois de saírem as personalidades convidadas. Só a partir do dia seguinte é que os utentes dos comboios da linha de Sintra poderão utilizar a ligação ao Rossio.

Junto de fonte da Rede Ferroviária Nacional (Refer), o DN também soube que a CP vai adequar os horários da linha de Sintra que a seguir à estação de Benfca derivavam para a linha de Cintura rumo a Sete Rios, Entrecampos e Roma/Areeiro, vão deixar de o fazer, terminando a sua marcha no Rossio. Outros que partiam de Roma/Areeiro vão passar a iniciar o serviço no Rossio. Os novos horários com estas alterações só serão divulgados em Fevereiro.

Ainda de acordo com a mesma fonte, "já está colocada toda a via férrea, encontrando-se em fase de conclusão

os trabalhos de construção civil e especialidades, implicando a catenária, instalações eléctricas, sinalização e telecomunicações".

O túnel ferroviário encerrou em Outubro de 2004, porque ameaçava ruir a qualquer momento, e as primeiras previsões referiam que bastava fazer obras de reabilitação na abóbada aplanada, na Rua Artilharia Um, demorando os trabalhos apenas 60 dias. Mais tarde optou-se por alargar a área das obras, que começaram em Julho de 2005 e, segundo o projecto, deveriam terminar em Agosto de 2006. Mas atrasaram-se.

No final de Agosto de 2006, a Refer notificou a empresa Teixeira Duarte - que executava a obra - sobre a intenção de rescindir o contrato por considerar "inaceitável" o pedido da construtora para prorrogar os trabalhos por mais cinco anos.

As obras foram suspensas em Outubro de 2006 e Teixeira Duarte afastada do processo. Os trabalhos só foram retomados no final de 2006.

Quanto a preços, sabe-se que em Julho de 2005 a obra de reabilitação do túnel foi adjudicada à Teixeira Duarte por 31,7 milhões de euros, valor que saltou para um custo final de 39 milhões de euros, referiu o ministro das Obras Públicas, Mário Lino. ■

ESTAÇÃO COM CULTURA

Terminal foi requalificado e abre com uma área para exposições e actividades culturais

Em simultâneo com a entrada ao serviço do túnel ferroviário reabre a estação do Rossio e a zona envolvente da Praça Duque de Cadaval. A estação, que recebeu profundas obras de requalificação nos últimos anos, passa a ter uma nova vocação, reservando uma área no piso térreo, com acesso aos Restauradores, para a realização de exposições e outras actividades de cariz cultural. "Está a ser preparada uma forma de utilização do espaço cultural inserida no conjunto de actividades que irão assinalar a reabertura do túnel e estação do Rossio", revelou fonte da Refer ao DN. Adiantou que "já estão assinados alguns contratos de aluguer de lojas e escritórios e outros em fase final de negociação". A estação do Rossio foi encerrada em Outubro de 2004.



Colisão. Um acidente com dois pesados cortou a VCI durante várias horas, ontem à tarde, no sentido Freixo/Arrábida. A carga de um dos veículos caiu sobre um ligeiro fazendo dois feridos

Vizela. Encapuzados assaltam drogaria

Quatro indivíduos encapuzados e armados assaltaram ontem de manhã a drogaria Fernando França Pereira, em Vizela. Os assaltantes arrombaram a porta do estabelecimento, levando consigo tabaco e algum dinheiro que se encontrava na caixa registadora da loja. Antes de fugirem, os indivíduos dispararam ainda um tiro para o ar com o objectivo de assustar e dispersar alguns transeuntes que estava na rua. O caso está a ser investigado pela PJ.

P. Lanhoso. Detido com armas em casa

Um homem foi ontem detido pela GNR, no lugar de Vale de Moura, no concelho da Póvoa de Lanhoso. A detenção ocorreu na sequência de um mandado de busca judicial. Na habitação do suspeito, os militares encontraram várias armas ilegais que foram confiscadas. A GNR apreendeu quatro caçadeiras, uma arma de ar comprimido e dez revólveres. O homem estava referenciado e na altura da detenção não ofereceu resistência.

C. Branco. Acidente na A23 por apurar

Quase três meses após o acidente que causou 17 mortos na A-23, a Brigada de Trânsito da GNR continua a inquirir pessoas envolvidas e aguarda pareceres sobre o caso. "A investigação ainda está a decorrer com a inquirição de pessoas relacionadas com o acidente", disse Miguel Silva, comandante do Destacamento da GNR de Castelo Branco. "Foram pedidos pareceres a instituições, relacionados com alguns aspectos importantes", referiu à Lusa.

Lousada. Baleado em estado crítico

Um homem baleado pelo ex-sogro, segunda-feira em Meinedo, Lousada, continua internado no Hospital de Santo António (Porto), com um prognóstico "reservado", disse fonte hospitalar. A vítima, de 28 anos, tem um "politraumatismo grave decorrente de arma de fogo e a merecer cuidados inadiáveis". O agressor, de 58 anos, que se entregou à GNR após atingir o ex-genro com um tiro na cabeça, aguardará julgamento em preventiva em Guimarães.

Aveiro. Apreendidos 1220 kg de berbigão

Inspectores da Direcção-Geral das Pescas apreenderam ontem na região de Aveiro cerca de 1220 quilos de berbigão "em estado imaturo", revelou fonte da Capitania do Porto de Aveiro. A acção de fiscalização foi dirigida especificamente para as depuradoras de bivalves a funcionar na Torreira, Murtosa e na Gafanha da Encarnação e Ilhavo. O valor de mercado do berbigão, independentemente do tamanho, ronda actualmente os 80 cêntimos o quilo.

► Condução | Illegalidades

Mais de dez mil detidos sem carta no ano de 2007

Balanco. Infração tem vindo a aumentar. PSP fez 8772 detenções e a GNR, 2139

Em 2007, a PSP deteve 8272 pessoas que conduziam sem habilitação legal, mais 166 do que em 2006. A GNR deteve precisamente o mesmo número de indivíduos que no ano anterior, 2139. Ao todo, e tendo em conta os dados das duas forças de segurança, foram realizadas 10.411 detenções. A maioria envolveu cidadãos portugueses, embora "comecem a ser detectados cada vez mais indivíduos oriundos de países fora do espaço Schengen, que se encontram a trabalhar no nosso País, mas que não conseguem obter a documentação necessária legal de imediato ou que não possuem sequer os requisitos exigidos pela legislação nacional para a obtenção da licença", justificou o major Lourenço da Silva, da Brigada de Trânsito da GNR. A situação é tanto mais preocupante quanto se sabe que, em 2004, por exemplo, e segundo dados da ex-Direcção-Geral de Viação, que 2000 acidentes tiveram a intervenção directa de condutores sem carta. Destes, 1500 ficaram feridos e 72 acabaram por morrer.

No entanto, as autoridades são categóricas ao afirmarem que tais dados não significam que há nas estradas mais condutores sem carta. Se este número de infração tem vindo a aumentar é porque se tornou "mais fácil a detecção de infrações através dos meios informáticos de que dispomos, nomeadamente o Sistema de Contra-Ordenação de Transportes (SCOT)", sublinhou o major. De acordo com a estatística da Guarda, o aumento significativo deste tipo de crime registou-se precisamente de 2005 para 2006, quando este modelo foi posto em prática e o número de detidos na sua área de jurisdição passou de 1496 para 2139.

Fonte da PSP corrobora também esta versão. "Tem a ver com duas situações: uma maior actividade operacional das forças de segurança e com o facto de se poder integrar com a base de dados da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária". Só na cidade de Lisboa, em 2007, a polícia apanhou 1047 condutores sem carta, em 2006, 772 e, este ano, só em Janeiro, já contabilizou 33. No ano passado, na capital foram ainda detidos 108 pessoas que conduziam com carta apreendida e, em 2006, 209. Mas da estatística global de detidos, as autoridades incluem os condutores sem carta e os que apresentam do-

RENOVAÇÃO AOS 50 ANOS

A renovação da carta de condução faz-se pela primeira vez aos 50 anos, independentemente da validade do documento

A lei que entrou em vigor no primeiro dia deste ano dita a obrigatoriedade de renovação da carta de condução quando os condutores atingirem a idade indicada, independentemente da data de validade na carta. Para os condutores habilitados com carta de condução de motociclos e veículos ligeiros, a renovação tem de ser feita aos 50, 60, 65 e 70 anos, e depois, de dois em dois anos. Para os condutores de veículos pesados de mercadorias e passageiros as renovações de carta de condução são aos 40, 45, 50, 55, 60, 65 anos e depois, de dois em dois anos. Com a diferença que os condutores de veículos pesados de passageiros deixam de poder conduzir a partir dos 60 anos.

documentação falsa, embora à luz da legislação portuguesa se esteja perante dois tipos de crime, o da prática sem habilitação legal e falsificação de documentos (ver caixa em baixo).

As razões para o crime são várias. Segundo as autoridades, há "umas que tentam tocar o coração, outras a razão", mas todas têm o mesmo objectivo. "Há quem refira ter cometido o crime para acorrer a uma situação de emergência, como levar um familiar a um hospital e não se ter lembrado sequer dos documentos", contou fonte policial. Outros, alegam questões económicas. "Há quem assuma que a carta é cara e que sempre conduziu sem ser apanhado", sublinhou a fonte. Quanto aos cidadãos estrangeiros, a maioria dos detectados sem carta é oriunda de países que não integram a UE. "Muitos não possuem os requisitos exigidos, acabando por 'comprar documentação falsa'", disseram-nos. Para as autoridades, não é possível traçar um perfil do infractor com rigor, no entanto, a experiência revela que a maioria dos detidos tem entre 25 a 50 anos, habilitações literárias deficientes e dificuldade com a língua portuguesa.

ANA, MAFALDA INÁCIO



Uma boa parte dos detidos sem carta é de países que não integram a UE

SEGURANÇA REFORÇA

A introdução do modelo único de carta de condução na UE em formato de cartão de crédito visou combater as falsificações



Papel. As cartas eram emitidas em papel, permitindo que fossem facilmente falsificadas

Selo branco. O antigo modelo das cartas de condução só tinha um elemento de segurança: o selo branco, que "apanhava" metade da fotografia do condutor.

Assinatura. A assinatura do condutor é agora digitalizada e não permite que seja feita qualquer correção a posteriori.

Fluorescências. São o principal meio para garantir a autenticidade das actuais cartas de condução, com referências às categorias e ainda à República Portuguesa.

Condução sem habilitação com recorde de 54 anos

Diariamente as forças de segurança detectam pessoas que conduzem sem possuírem carta de condução, mas há casos que se destacam. O recorde de condução sem carta foi "fixado" já em 2008 nos 54 anos. Um homem de 67 anos foi fiscalizado pela Brigada de Trânsito e de imediato assumiu que não tinha carta, confessando que guiava desde os 13 anos de não ter carta.

Explicou ainda aos militares que "não tinha sentido necessidade de tirar a carta e foi confiando na sorte". Em 2005, um homem de 61 foi detido pela GNR de Moimenta da Beira também por estar a conduzir sem carta, **assumindo depois que o fez ao longo de 40 anos.** Apesar de ter ficado "desgostoso" por ter sido apanhado, prometeu não voltar a conduzir. Em Leça do Balio houve um

outro indivíduo que esteve atrás do volante, sem carta, durante 28 anos. Este vendedor, de 50 anos, nunca antes tinha sido detectado pelas autoridades e só o foi após um acidente de viação. Já em 2008, um emigrante de 58 anos foi apanhado pela GNR a conduzir sem carta em S. João da Madeira, o que fez durante 23 anos. O facto de não ter a carta de condução foi um segredo que sempre

guardou consigo, de tal forma que nem a sua mulher sabia que não podia guiar. No pólo oposto a estes casos esteve Vitorino Ferreira, de 21 anos. No fim de 2005 foi levado a tribunal por ter sido uma vez mais apanhado a guiar sem carta. Segundo confessou então, foi apanhado umas "50 ou 60 vezes", pelo que, devido ao cúmulo jurídico, arriscava-se a uma pena de prisão até aos 15 anos.

Conduzir sem carta dá prisão

Conduzir sem estar habilitado com carta de condução é considerado crime e dá pena de prisão. A lei prevê que quem conduzir um motociclo ou automóvel sem ter carta pode ser **punido com uma pena de prisão até dois anos** ou multa até 240 dias, conforme o artigo 2 do Decreto-Lei 2/88. No caso de veículos a motor, como trac-

tore, as penas reduzem a metade: um ano de prisão ou multa de 120 dias. Se o condutor apresentar uma carta de condução falsa, a punição é a mesma já que não está habilitado a conduzir e incorre ainda noutros crimes, como seja o de falsificação de documentos. Mais complicada é a situação de conduzir com uma carta de con-

dução de um país estrangeiro. Depende se Portugal tem ou não acordos com o país onde foi emitida a carta. Mesmo que não seja admitida como válida em Portugal, o condutor pode ser apenas alvo de uma contra-ordenação muito grave, dado que é entendido que o condutor possui carta, apenas não é válida em Portugal.

tem 158 euros por semana desde 2006

hões dá 800 s a 79 GNR



O militar Eduardo Simões vai receber cerca de 25 mil euros

Prémio "inaugural"

O boletim premiado foi registado no Café Neca, na cidade de Vila Real, sendo a primeira vez, segundo a proprietária Vera Coutinho, que um prémio de tal importância é dado por aquela agência: "Nestes três anos, desde que temos a agência, apenas foram contemplados apostadores no Totoloto e com prémios não muito significativos. No Euromilhões é a primeira vez e logo desta importância", disse a empresária, que se congratulou com a sorte dos militares da localidade.

tas e outros créditos", contou o militar ao DN.

Os elementos da GNR agora premiados já tinham ganho alguns "pequenos prémios" noutras ocasiões, mas nada de relevante como o que conseguiram agora arrecadar.

A sociedade ganhou dois segundos prémios no valor de cerca de 350 mil euros e um terceiro de 91 mil euros. A chave do sucesso no Euromilhões não resultou de quaisquer apostas dos militares em números da sorte, tendo sido conseguida aleatoriamente através da máquina da agência de Vila Real onde registaram o boletim. ■

Assaltou uma confeitaria e esqueceu-se lá da carteira

Gaia. Dois homens, de cara destapada, levaram 400 euros do estabelecimento

Uma confeitaria foi assaltada anteontem à noite, na Madalena, Vila Nova de Gaia. Os suspeitos são dois homens, entre os 30 e 40 anos, que levaram a caixa registadora, destruíram material informático no valor de oito mil euros e, na hora da fuga, esqueceram-se de uma carteira.

O incidente aconteceu cerca das 21.15, à hora de fecho do estabelecimento. "Tínhamos limpo tudo e estávamos para fechar quando entraram dois homens, entre os 30 e os 40 anos, que pediram dois cafés", contou ao DN o proprietário da Confeitaria Vista Mar, Lúcio Pinto. Depois de servidos os cafés, e aproveitando uma distração das únicas pessoas que estavam no local – Lúcio Pinto e a mulher –, os homens terão arrancado a caixa registadora do local e encetado a fuga.

Contudo, no acto de furtar a caixa com o dinheiro, destruíram o "computador" que a acompanha. O prejuízo, pela destruição de o aparelho, ronda "os oito mil euros", contabiliza Lúcio Pinto. Na caixa "estavam cerca de 400 euros, pois domingo foi um dia bom para o negócio", aponta

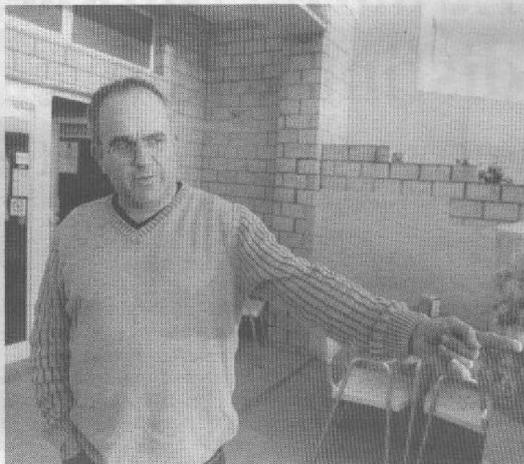
o dono.

Contudo, a fuga não foi completamente bem sucedida para os assaltantes – que actuaram de cara destapada e ameaçaram Lúcio Pinto e a mulher com uma faca. Antes de escapar num *Renault 5* vermelho, sem matrícula, um deles deixou para trás uma carteira, com documentos de identificação "de um rapaz jovem", esclarece o dono da confeitaria. Ainda assim, não está confirmado que se trate de um dos ladrões.

Lúcio Pinto revelou também que foi a primeira vez que a confeitaria – que possui há dois anos – foi assalta-

Polícia Judiciária levou um copo para análise

da e lembrou que, apesar de não haver feridos, foi "bastante assustador". O proprietário da Vista Mar garantiu mesmo que, devido ao sucedido, está a pensar colocar câmaras de vigilância no estabelecimento, até porque "a zona está cada vez mais insegura". O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária, que levou para análise um copo usado por um dos ladrões. ■ -R.M.S.e.C.C.



Lúcio Pinto contou que o assalto foi "bastante assustador"

poucos segundos estávamos no local, pelo que se conseguiu travar o assalto", disse ao DN fonte da PSP.

A tentativa de assalto à Ourivesaria Matos, no largo de Camões, em Ponte de Lima, aconteceu cerca das 05.00 de ontem, com os ladrões a "atar uma corda à grade de protecção" do estabelecimento, a qual, recorrendo a uma viatura automóvel, "tentaram arrancar, mas sem sucesso", disse a mesma fonte. Antes, os assaltantes, que segundo o relato feito por uma testemunha à PSP "eram pelo menos dois", ainda tentaram partir o vidro do estabelecimento, mas igualmente sem efeito.

O alarme da ourivesaria fora neutralizado com espuma. Com a chegada dos agentes, os assaltantes fugiram deixando para trás a viatura utilizada na tentativa de furto ainda em funcionamento. Este carro terá sido roubado horas antes em Darque, Viana do Castelo, e foi uma das duas viaturas utilizadas no assalto.



Danos na Ourivesaria Matos foram diminutos graças a actuação da PSP

Comerciante diz que roubo parecia "filme ao vivo"

tu suspeitas, até porque, segundo disseram vizinhos da loja, havia mais pessoas mascaradas nestas duas artérias da cidade.

Segundo fonte policial, o assaltante aproveitou a hora de almoço dos funcionários da Ourivesaria Rodrigues para partir uma das montras do alçado lateral do estabelecimento, com recurso a um martelo, furtando artigos em ouro e três relógios, fugindo depois numa moto.

"O que se diz é que parecia um filme ao vivo, porque se ouviu o estorido do vidro a partir e ainda houve quem visse o homem mascarado a fugir em grande velocidade", disse um comerciante. Foram os vizinhos que deram o alerta às autoridades. A PSP investiga.

SIS avalia ligações entre ouro e terroristas

O Serviço de Informações e Segurança (SIS) está a acompanhar as investigações relativas aos assaltos a ourives praticados em Portugal.

Conforme o DN noticiou no sábado, as autoridades procuram conhecer o circuito do ouro rouba-

do, muito do qual vai para Espanha e avaliar se os roubos servem para financiar grupos terroristas. A investigação das eventuais ligações entre os roubos de ouro e o financiamento de grupos terroristas foi despendida durante as investigações a um

assalto que acabou por vitimar um ourives em Chaves em Julho de 2007. Só entre 2005 e 2006 há registo de mais de mil assaltos a ourives e ourivesarias - muitos dos quais ainda estão a ser investigados pelas autoridades policiais portuguesas.

Os danos da ourivesaria acabaram por ser diminutos. "Tentaram ainda forçar a grade com um pé-de-cabra, mas são prejuízos menores", explicou ao DN António Matos, o proprietário, que elogia o trabalho da PSP: "Os agentes foram muito céleres, tanto que os assaltantes fugiram ainda com o carro a trabalhar". A Ourivesaria Matos funciona no mesmo estabelecimento desde 1903 e o proprietário não esconde alguma preocupação com o negócio. "Somos alvos apetecíveis, mas felizmente que os sistemas de protecção têm funcionado."

Assaltantes de cobre e bronze atacaram cemitério de Braga

Vandalismo. Junta de S. Vitor pede a Câmara para instalar videovigilância

O cemitério de Monte d'Arcos, em Braga, foi vandalizado e assaltado na noite de segunda para terça-feira, com dezenas de campas a ficarem destruídas ou danificadas e vários objectos de culto religioso em cobre e bronze a serem roubados. Os funcionários do cemitério alertaram a PSP de Braga, dando conta da ocorrência, mas até agora apenas uma queixa foi apresentada por parte de uma proprietária, disse fonte da PSP ao DN.

A polícia e a Câmara de Braga

acreditam que o roubo estará ligado ao comércio de cobre, para venda no "mercado negro", uma vez que a maioria dos objectos furtados eram candeeiros de cobre "extremamente fáceis de retirar". Os alvos são, essencialmente, os candeeiros e respectivos suportes.

O cemitério é de grandes dimensões, único na zona urbana da cidade, com várias entradas e abrange sete freguesias. Medidas de segurança já haviam sido melhoradas após uma "situação semelhante", há cerca de "dois ou três anos", afirmou fonte da Junta de Freguesia de S. Vitor, onde se situa o cemitério.

Mas a colocação de arames de vedação e um muro mais alto não conseguiram impedir os assaltantes, o que motiva a junta a pedir à Câmara de Braga a colocação de câmaras de videovigilância em certas zonas da cidade, pela "impossibilidade prática de posicionamento de agentes policiais em toda a cidade".

O furto de objectos de cobre e bronze é um tipo de criminalidade crescente actualmente, devido aos valores registados pelo metal no mercado. Um quilo de bronze pode render, no mercado negro, entre 60 e 100 euros. Um valor cerca de 20 vezes superior ao que os receptado-



O cemitério assaltado é o maior da cidade de Braga

res pagam pelo cobre e mais de 200 vezes superior ao que estão dispostos a desembolar pelo ferro fundido.

Os furtos de cobre já causaram prejuízos avultados a particulares e

empresas como a EDP. Os cemitérios são alvos frequentes devido à presença de muitos objectos de metal e ao facto de serem fáceis de assaltar durante a noite.

Porto. Terá furtado dezenas de obras

O homem dos livros raros nega roubos

"Foi a Polícia Judiciária que fez passar essa ideia", diz o antigo jornalista

FRANCISCO MANGAS

O antigo jornalista, que está a ser julgado pelo crime de furto de dezenas de livros raros, alguns deles primeiras edições autografadas, de II bibliotecas do Porto, nega a acusação. "A Polícia Judiciária (PJ) fez passar a ideia de que eu entrava nas bibliotecas só para roubar e estava a preparar um programa de televisão."

Na busca ao quarto, onde vivia o antigo jornalista no *Comércio do Porto*, a "PJ encontrou o guião de alguns programas já feitos". A ideia inicial, diz José Manuel da Silva, 50 anos, que por motivos de doença faltou ontem a mais uma sessão do julgamento, era fazer uma série de "reportagens para o *Diário de Notícias*". Passou depois o projecto para a RTP e, mais tarde, para um canal privado.

Durante três anos, andou pelas mais importantes bibliotecas do Porto, desde a do Seminário Maior passando pela da Faculdade de Letras, onde segundo a acusação terá furtado uma edição rara de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, avaliada em 2 500 euros. O antigo jornalista recusa a autoria do furto: "Como era possível roubar uma obra que estava numa sala reservada e em estante fechada sem ser visto por ninguém?"

Na biblioteca da Faculdade de Letras - que afinal "tem pouco livros raros" -, apresentou o seu nome verdadeiro, mas a morada e os endereços eram falsos. E foi isso que levou a bibliotecária a alertar as autoridades. A partir daí, refere ao DN José Manuel da Silva, a PJ pergunta às outras



Livros antigos foram roubados a bibliotecas do Porto

Acusações e dúvidas

Na sessão de ontem do julgamento, foram ouvidas, como testemunhas, duas responsáveis da biblioteca da Fundação Guerra Junqueiro. Aqui, segundo a acusação, o arguido furtou quase uma centena de obras. No rol dos livros em falta consta uma **primeira edição** do *Só*, de António Nobre. Esse livro, diz ao DN José Manuel da Silva, estava no gabinete da responsável da fundação, onde também havia "uma pena de ouro" e outros objectos de valor. "Como conseguia eu entrar naquela sala?"

bibliotecas, por onde ele tinha passado, se lhe faltavam livros raros. "Quase todas disseram que sim, mas de boa consciência ninguém pode dizer que fui eu que os tirei."

Acusado de furtar, entre 2001 e 2003, quase duas centenas de livros raros e valiosos, como a primeira edição autografada do *Só*, de António Nobre, ou diversas obras dos séculos XVI e XVII, o antigo jornalista, que espera estar presente na próxima sessão do julgamento, refuta também a acusação de heroinómano. Em 2000 fez uma "desintoxicação". Quando foi detido estava "limpo" - a PJ "sabia isso mas não quis apagar essa marca do passado". ■



vai acontecer...

hoje

No Museu Nacional de Arte Antiga prossegue o ciclo de visitas "Dez Obras de Referência", hoje dedicado à *Anunciação*, de Frei Carlos. Às 18.00.

Ricardo Araújo Pereira conversa com Carlos Vaz Marques em mais uma edição do "Café com Letras", na Biblioteca Municipal de Oeiras. Às 21.30.

Lançamento do livro *Pedras do Vau*, de Martin Guia, com prefácio de José Fanha. No El Corte Inglés (Sala de Âmbito Cultural), às 18.30.

A companhia Nuevo Ballet Español apresenta no CCB o espectáculo *Sangre Flamenca*. Às 21.00.

amanhã

O Centro Português de Serigrafia inaugura, às 18.00, uma exposição dedicada à obra gráfica do artista plástico alemão Jan Voss. Até 25 de Fevereiro.

A cantora Guida de Palma apresenta o seu novo projecto musical, *Olissipo Eléctrico*, no Instituto Franco-Português.

podem instalar sistema de segurança com apoios do Estado



a 21 de Setembro e já inclui mais de 1200 carros

ro instalado 00 veículos

da liberdade de deslocação”, que defende também este investimento na segurança: “Não é possível prevenir todos os crimes, mas é possível prevenir muitos crimes e a tecnologia pode ser um instrumento de segurança, que é um direito fundamental. O projecto táxi seguro, é um projecto de policiamento de proximidade, de segurança comunitária, que veio para ficar”, já aplicado a nível nacional.

Rui Pereira lembrou ainda que, apesar do programa, este sistema foi instalado em 700 táxis, e agora somam agora mais 200.

O sistema, que conta ainda com a colaboração da Fundação Vodafone,

permite ao taxista lançar um alerta às forças de segurança em caso de perigo. Estas podem depois ouvir em

o real e que se passa no interior do veículo, além de saberem a localização imediata e o percurso do carro. Assim, as forças de segurança podem acompanhar, à distância, uma

'BIG BROTHER' EM SETÚBAL

Comerciantes querem instalar sistema de videovigilância na zona histórica da cidade

Os comerciantes da baixa de Setúbal e a autarquia admitem vir a equipar aquela zona histórica da cidade com um sistema de videovigilância electrónica, caso a proposta mereça a aprovação do Ministério da Administração Interna, para combater a recente onda de assaltos (que inclui os taxistas) que fez disparar o clima de insegurança. A presidente da câmara já adjectivou a situação de “insustentável” e pediu uma reunião de urgência ao ministro Rui Pereira onde o tema videovigilância deverá ser abordado, mas também o reforço policial noutras zonas da cidade, sobretudo no bairro da Bela Vista, onde recentemente três taxistas foram assaltados e dois de-

Passageiros roubaram táxi com recurso a violência

Valongo. O carro já foi recuperado, mas não há ainda pistas dos assaltantes

Um taxista da zona do Porto foi vítima de *carjacking*, na segunda-feira à noite. O condutor, que não se quis identificar, transportou dois indivíduos, entre os 25 e 30 anos, da zona da câmara do Porto até Alfena, em Valongo. Chegando ao destino, os indivíduos ameaçaram o motorista com um “objecto pontiagudo” e apressaram-se do veículo. O motorista, de 53 anos, apresentou queixa à GNR, que, poucas horas mais tarde, encontrou o *Mercedes C200* próximo do local onde ocorreu o assalto.

O proprietário do veículo, que também não quis se identificar, afir-

mou ao DN já ter ido buscar a viatura e esta não apresentava danos. O motorista encontra-se “abalado”, mas em breve “regressa ao trabalho”.

Situações de assalto e ameaças são “infelizmente muitas”, para quem faz o turno da noite, diz Carlos Lima, director da delegação Norte da Federação Portuguesa do Táxi. “É por causa da droga”, explica. Segundo o taxista, quem trabalha no ramo, principalmente à noite, tem de estar “preparado” e “ter formação” para saber como actuar e “não reagir”.

Apesar de nem sempre os taxistas participarem estas situações à polícia, Carlos Lima afirma que apoio das forças policiais “não falta. Se for preciso, em dois ou três minutos põem-se cá”. ■ - c.c.

GNR encontra arsenal em casa de agricultor

Ribeira de Pena. Detenção não surpreendeu população da freguesia de Cerva

Um agricultor, de 58 anos, vai aguardar julgamento com termo de identidade e residência e apresentações periódicas no posto da GNR, por ser suspeito de recepção e venda de armas. O homem foi detido segunda-feira em Cerva, Ribeira de Pena.

Numa busca à sua residência, os militares da GNR apreenderam quatro armas de caça de calibres diferentes (duas de 12 milímetros e duas de 14,22 milímetros), uma espingarda

com silenciador, uma pistola de 7,65 milímetros, 404 munições de diversos calibres, dois detonadores com cem gramas de pólvora cada e 204 fulminantes para cartuchos.

O homem era bastante conhecido e a sua detenção não provocou surpresa na freguesia. Em Cerva, o tráfico de armas de fogo não é novidade para ninguém e há mesmo quem afirme que “não é só por aqui”. “Há muitas outras localidades onde comprar uma arma é mais fácil que comprar um porco”, frisou um morador, que pediu para não ser identificado. ■

PAULO SILVA REIS, Chaves

Homem que tentou matar vizinho fica preso em casa

Vila Pouca de Aguiar. Tiro atingiu vítima na cara, na sequência de discussão

Um indivíduo de 55 anos, suspeito de tentativa de homicídio, vai ficar em prisão domiciliária até à data do julgamento. O crime ocorreu na tarde de sábado, quando o suspeito atingiu superficialmente com um tiro o ros-

Real, com a colaboração da GNR, deteve o suspeito.

A agressão terá resultado de uma viva discussão, aparentemente por motivos fúteis, igual a muitas outras que os dois vizinhos tinham com alguma frequência. A vítima, Nuno, de 29 anos, foi atingida no rosto com um disparo de arma de calibre 6,35 milímetros, ao que tudo indica transfor-

o Café Paris, em Valongo, e dois clientes levarão ao esfa-
golpes. O homem tinha 36 anos e acabou por morrer ainda
e uma filha de de cinco anos

Dono de café morto à facada por dois jovens

Domingo

Dois jovens, de 20 a 25 anos, e de origem lituana
entraram no café de **Rui Ferreira Costa**, na
Avenida Oliveira Zina, em Valongo.
Pagaram uma despesa de oito euros
com uma nota de vinte. Como deviam
dinheiro no estabelecimento Rui Costa
recusou-se a dar o troco

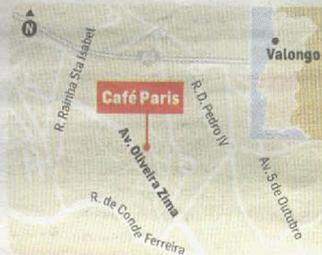
reira Costa. São desferidas
palcão numa poça de sangue.
lco de agressões



Os jovens agressores eram
conhecidos pela sua violência

A vítima

Rui Ferreira Costa iria completar 36 anos no
próximo dia 23. Explorava o estabelecimento, há
alguns meses, com a mulher. Tinha uma filha de 5
anos e um espírito violento. Já tinha sido
condenado, segundo os vizinhos, "por ligações a
estranhos negócios"



crime foi
da pela PJ

Baleado quando namorava Praia de Azurara, Vila do Conde Quarta-feira, 13 de Fevereiro

Um jovem de 22 anos foi alvejado pelas
costas depois de uma tentativa de assalto
quando estava com a namorada dentro do
carro, na Praia de Azurara (Vila do Conde).
A vítima lutou com o suspeito, que estava
armado, e conseguiu escapar-se para casa

*
vai
acontecer...

hoje

Início da VI Quin-
zena
Gastronómica de
Barcelos, com a
participação de
34 restaurantes.

O PS/Porto visita,
a partir das 11.00,
a freguesia de
Nevogilde. Em
causa está o es-
tado de ruína da
pérgola e balaus-
trada da Avenida
Montevideu e a
degradação dos
caminhos cons-
truídos no âmbito
do Polis.

A Concelhia da
Amadora do PCP
visita os terrenos
atravessados
pelo sublanço Bu-
raca/Pontinha da
CRIL. Às 10.00.

Reabertura oficial
do túnel do Ros-
sio, em Lisboa. Às
10.45, com a pre-
sença do
primeiro-ministro,
José Sócrates.

amanhã

CDU/Santo Tirso
visita, a partir das
10.30, a freguesia
de Roriz para de-
nunciar o
abandono e a
falta de investi-
mentos
municipais.

"Ao Domingo no
Museu com toda
a Família" é a
iniciativa que a
Câmara de Deiras
promove às 10.30
no Museu da
Pádua Negra

Protesto simbólico junto à câmara



Funcionários exigem reabertura de cantina

Porto. Trabalhadores da autarquia
formaram um cordão humano em volta
da câmara contra o fecho do refeitório

Cerca de uma centena de pessoas deram ontem
as mãos, formando um cordão humano em vol-
ta da câmara do Porto, contra o encerramento
da cantina. Ao mesmo tempo, no interior dos
Paços do Concelho, o vereador das Actividades
Económicas, Sampaio Pimentel, recebia três
elementos da Comissão de Trabalhadores
(CT), tendo reiterado que a decisão é irreversi-
vel. "Uma posição autoritária e insensível de
quero posso e mando que, a concretizar-se, vai
prejudicar muito os trabalhadores", disse ao
DN Benilda Caldeira. Os protestos - que come-
çaram no passado dia 7, quando a cantina foi en-
cerrada - vão continuar e poderão incluir uma
greve, disse aquele membro da CT. Em estudo
está a utilização de outras cantinas públicas, co-
mo a dos Correios, mesmo ao lado da câmara. ■

Homem de 76 anos desapareceu em Gaia

Judiciária. Polícia alerta que o idoso
sofre de perturbações mentais
e evidencia dificuldades na locomoção

Um homem de 76 anos com perturbações men-
tais (sofre de Alzheimer) está desaparecido des-
de o dia 9 da sua casa em Canelas, Gaia. César
de Jesus Sousa Pina (na foto), que não levava
documentos de identificação nem dinheiro,
tem dificuldades na locomoção e caminha um
pouco curvado. Quando desapare-
ceu vestia calças de ganga es-
curas, casaco de malha cor
bege e boina preta. Qual-
quer informação deverá ser
comunicada à PJ do Porto,
através dos números
225582415, 96725073-
4 ou 225582222. ■



A Redes Energéticas Nacionais (REN) rejeitou ontem o pedido de suspensão temporária do processo movido pela Junta de Freguesia de Monte Abraão contra a empresa e o Ministério da Economia, no âmbito da linha de muito alta tensão Fanhões/Trajouce. A empresa acusa a autarquia de recorrer a "mecanismos jurídicos que visam protelar uma decisão final", referindo-se ao pedido de suspensão de eficácia feita há uma semana pela junta.

A presidente da junta, Fátima Campos, considera "absurdas" as acusações da REN e acusa a empresa de agir de "má fé". "Não queremos protelar nada, queremos é que se faça justiça", garantiu. A autarquia pediu ao Tribunal Administrativo e Fiscal de Sintra o adiamento da acção principal até ser conhecido o resultado das negociações entre a Câmara de Sintra, a REN e os moradores, anunciadas em Dezembro pelo ministro da Economia.

Fátima Campos critica o "quero, posso e mando" da REN e lembra que será o tribunal a decidir sobre o pedido de suspensão: "A REN informou o tribunal que está a negociar com aâmara o enterramento da li-



Linha de muito alta tensão passa junto a várias residências

nea, mas não explicou que se trata apenas de um pequeno troço."

A REN, por seu lado, afirma que a ser aceite, a suspensão pretendida pela junta "teria como consequência o adiamento *sine die* da reactivação da linha". A empresa reforça que efectuou os estudos e os licenciamentos previstos na lei e pede a reactivação urgente daquela infra-estrutura. A linha Fanhões/Trajouce, diz, é "fundamental para o abastecimento

de energia a várias centenas de milhares de pessoas na região ocidental da Grande Lisboa".

A linha Fanhões/Trajouce está desligada desde dia 18 de Dezembro, após a recusa do Tribunal Constitucional em aceitar um recurso da REN. Também em Dezembro, o Governo anunciou a criação de uma comissão que até ao final de Março irá "identificar um traçado que permita enterrar a linha". ■

Veículo eléctrico e com pedais no Porto

Ecologia. Veículo pode chegar a atingir 45 km/hora e tem uma bateria ilimitada

A Eco Tour esteve no Porto, na Avenida dos Aliados, durante a manhã de ontem, para apresentar o *Eco Rider*, o protótipo de um novo veículo não poluente, da empresa Sun Microsystems. De design "leve e aerodinâmico", é fruto da colaboração entre a empresa americana e a Universidade de Delft, na Holanda. Trata-se de um veículo que se assemelha a uma motocicleta, movida a bateria eléctrica e força humana - é preciso pedalar.



'Eco Rider' mostrou-se no Porto

Esta é uma iniciativa que nasce do acordo assinado com a Câmara do Porto, que garante ser a Invicta a única cidade portuguesa a comprometer-se a baixar as emissões de CO2 em 36%.

Já tendo percorrido várias cidades europeias, a empresa procura para a sensibilização para a necessidade de proteger o ambiente. "A nossa intenção é a sensibilização para a necessidade de soluções na economia de energia", afirma Daniel Cruz, representante da Sun Microsystems. A empresa esteve presente também no Teatro Rivoli, numa sessão direccionada a empresas. ■ C. C.

Câmara recebe 115 mil euros de La Féria

Porto. Vereadores da oposição abandonaram reunião do executivo

A Câmara do Porto vai receber cerca de 115 mil euros, o equivalente a cinco por cento da receita de bilheteira do Rivoli dos espectáculos encenados por La Féria, foi ontem aprovado em reunião do executivo. A proposta contou apenas com os votos a favor da maioria PSD/CDS,

porque os seis vereadores socialistas e o vereador da CDU decidiram abandonar a sala no momento da votação.

Este valor de 115 mil euros diz respeito à ocupação do teatro entre meados de Junho e 31 de Dezembro de 2007. Na proposta, o presidente da Câmara, Rui Rio, admitia a possibilidade de a câmara optar por ficar com o equipamento adquirido pelo encenador para montar o es-

pectáculo *Jesus Cristo Superstar*.

Francisco Assis, vereador do PS, afirmou que o que estava para aprovação em reunião do executivo relativamente ao Rivoli era "uma questão menor no meio de todo o processo". Já o vereador da CDU, Rui Sá, criticou a atitude do presidente por trazer ao executivo esta proposta quando decidiu fazer um contrato de acolhimento com La Féria "à revelia" do executivo. ■

âmbito do debate "Queremos saber... o que vai mudar na Lei Eleitoral Autárquica".

«Os Verdes» reúnem-se com CCDRN e Unidade de missão do Douro para abordar a questão da barragem prevista para o rio Tua. O encontro é às 18.30 na CCDRN.

O ministro da Administração Interna preside hoje em Faro à apresentação dos progressos do Estudo do Risco Sísmico e de Tsunamis para o Algarve.

amanhã

Início do julgamento que opõe um médico do Porto à Junta de Freguesia e à Comissão Fabriqueira de Pagarinhos devido ao toque do relógio da Igreja. No tribunal de Alijó.

A compatibilidade entre dadores e receptores de sangue visto pela ciência de hoje é o tema da Tertúlia da Cultura Científica, orientada por Candido Teixeira, o presidente da Direcção da Liga Dos Amigos do Hospital de Setúbal. No Club Setubalense às 21.00.

Visita guiada promovida pela organização "Eu Amo Lisboa", ao Mosteiro dos Jerónimos ou de Santa Maria de Belém, com marcação prévia pelo 919 299 211.
